

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Gabriel Alencar e Souza

"Fala mulher, da vida":
Representações da prostituição no jornal *Beijo da rua* (1988-1997)

Niterói

2019

Gabriel Alencar e Souza

"Fala mulher, da vida": representações da prostituição no jornal *Beijo da rua* (1988-1997)

Dissertação apresentada ao curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr^a. Beatriz Kushnir

Niterói

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S719" Souza, Gabriel Alencar e
"Fala mulher, da vida": representações da prostituição no jornal Beijo da rua
(1988-1997) / Gabriel Alencar e Souza; Beatriz Kushnir, orientadora. Niterói,
2019.
161 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.m.12153875714>

1. Prostituição. 2. Imprensa Alternativa. 3. História do Brasil. 4. História Contemporânea. 5. Produção intelectual. I. Kushnir, Beatriz, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Thiago Santos de Assis - CRB7/6164

Gabriel Alencar e Souza

"Fala mulher, da vida": representações da prostituição no jornal *Beijo da rua* (1988-1997)

Dissertação apresentada ao curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Beatriz Kushnir (UFF) - Orientadora

Prof. Dr^a. Maria Teresa Villela Bandeira De Mello (APERJ) - Arguidora

Prof. Dr^a. Juniele Rabêlo de Almeida (UFF) – Arguidora

Prof. Dr^a. Alessandra Carvalho (UFRJ) - Suplente Externa

Prof. Dr^a. Samanta Viz Quadrat - Suplente Interna

Niterói

2019

À minha tia Leidi

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses últimos dois anos me dediquei à pesquisa que se materializa nesta dissertação. Por isso, não poderia deixar de agradecer àqueles que foram fundamentais para o seu desenvolvimento e conclusão.

À minha família, especialmente: Ana Beatriz, esposa, parceira e amiga, que todos os dias me alegro em compartilhar o nosso lar (castelo), por estar comigo, nas aventuras e desventuras da vida, principalmente, por compartilharmos o amor, que sempre me motiva a prosseguir; meus pais, Derli e Genise, pelas oportunidades; meus irmãos, Mateus e Fábio, pela amizade e companheirismo; meus tios Paulucier e Leidimar, por estimularem o melhor de mim; meus primos Mariana, Letícia e Rafael pela alegria constante que me proporcionam; meus sogros, Paulo e Marília, e cunhada, Ana Paula, pela preocupação e cuidado.

À minha orientadora Beatriz Kushnir, a quem devo muito pelas orientações, sugestões e conversas riquíssimas ao longo da pesquisa, quem demonstrou ter paciência e atenção, acreditando em mim do início ao fim.

Às integrantes da minha banca de qualificação e defesa Juniele Rabêlo de Almeida e Maria Teresa Villela Bandeira de Mello pelas tão preciosas dicas e ideias para melhorar o meu trabalho. À Teresa, também pelo incentivo e oportunidades nos meus projetos de trabalho e na academia.

Aos colegas do cotidiano no APERJ, Clarissa Ramos, Daniel Elian, Mírian Fonseca, Bruna Barcellos, Jennifer Pessanha, Daybes Gomes, Genewieve Cerqueira e também os queridos estagiários pela troca diária de ideias.

Aos parceiros da “prostituição”, mais especificamente Laura Murray, Flavio Lenz, Eurídice Coelho, Carolina Bonomi, Amanda Calabria e Meg Weeks pelos conhecimentos compartilhados.

Por fim, agradeço a Universidade Federal Fluminense e ao Programa de Pós Graduação em História, pela possibilidade de estudar e aprender em uma das instituições mais respeitadas do país, tendo a possibilidade de enriquecer a minha vida com essa experiência.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe analisar as representações sociais da prostituição reproduzidas no jornal *Beijo da rua*, durante os anos de 1988 a 1997. Um jornal que se institucionaliza na função de dar voz às prostitutas no bojo da organização de um movimento. Nessa perspectiva, a produção do *Beijo da rua* fundou um meio de comunicação, propaganda, promoção cultural e, fundamentalmente, uma plataforma das lutas políticas, tanto de garantia de direitos humanos quanto profissionais.

Por isso, as reverberações contidas no jornal são transformadas em repertório de ação e reivindicação política do movimento de prostitutas. Por este motivo, é realizado um estudo das principais características das edições da publicação, tanto no que corresponde ao formato, quanto ao conteúdo. Ao identificar participantes, assuntos e características da publicação, o intuito de apreender também a respeito da circulação de ideias e compreender os efeitos do jornal na sociedade brasileira, já que ajudou a inserir novas reflexões a respeito da prostituição nos debates públicos e políticas públicas.

A análise, além disso, se debruça nas experiências extraídas da documentação da Organização Não Governamental (ONG) “Davida- Prostituição, Direitos Civis, Saúde”, doada ao Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), em 2013. Uma documentação que pode ser relacionada ao jornal, assim também como, expressar a continuidade e transformações do discurso do movimento de prostitutas. O uso do acervo e sua doação à uma instituição pública se tornam mais um repertório de ação coletiva.

Palavras-chave: História do Brasil; História cultural; Imprensa alternativa; Movimentos sociais; Prostituição.

ABSTRACT

This research proposes to analyze the social representations of prostitution reproduced in the newspaper *Beijo da rua*, from 1988 to 1997. A newspaper that is institutionalized in the function of giving voice to prostitutes in the midst of organizing a movement. From this perspective, the production of *Beijo da rua* founded a means of communication, advertisement, cultural promotion and mainly a platform for political struggles, as much for guarantee of human rights, as professional rights.

Therefore, the reverberations contained in the newspaper are transformed into repertoire of action and political claim of the prostitute movement. For this reason, a study is made of the main characteristics of the editions of the publication, both in terms of format and content. By identifying participants, subjects and characteristics of the publication, the intention was also to learn about the circulation of ideas and to understand the effects of the newspaper on Brazilian society, as it helped insert new reflections on prostitution in public debates and public policies.

The analysis also focuses on the experiences extracted from the documentation of the Non-Governmental Organization (NGO) “Davida- Prostituição, Direitos civis, Saúde”, donated to the Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), in 2013. A documentation which can be related to the newspaper, as well as expressing the continuity and transformations of the discourse of the prostitute movement. The use of the collection and its donation to a public institution become another repertoire of collective action.

Keywords: History of Brazil; Cultural history; Alternative press; Social movements; Prostitution.

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar.

(Michel Foucault)

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1: Integrantes da Organização Davida em reunião na sua primeira sede.....</i>	<i>64</i>
<i>Figura 2: Crianças e educadores do Projeto Escolinha.</i>	<i>65</i>
<i>Figura 3: Capa de livreto: Direitos Humanos e Prostituição Feminina.....</i>	<i>66</i>
<i>Figura 4: Parte do acervo da Davida guardados em caixas e bolsas plásticas no último local de armazenamento antes de ser doado ao APERJ.</i>	<i>67</i>
<i>Figura 5: Parte do acervo da Davida guardados em fichários, caixas e bolsas plásticas no último local de armazenamento antes de ser doado ao APERJ.</i>	<i>68</i>
<i>Figura 6: Prostitutas despejadas com a Demolição da Zona do Mangue no Estácio.</i>	<i>75</i>
<i>Figura 7: Cartaz do 4º Encontro da Rede Brasileira de Prostitutas</i>	<i>86</i>
<i>Figura 8: I Encontro Nacional de Prostitutas.</i>	<i>91</i>
<i>Figura 9: Capa da Edição inaugural do Beijo da Rua.....</i>	<i>96</i>
<i>Figura 10: Matéria no Jornal do Brasil sobre o lançamento da edição número 1 do Beijo da rua.....</i>	<i>108</i>
<i>Figura 11: Capa da edição número 3 do Beijo da rua.....</i>	<i>110</i>
<i>Figura 12: Capa da edição número 6 do Beijo da rua.....</i>	<i>112</i>
<i>Figura 13: Capa da edição número 8 do Beijo da rua.....</i>	<i>114</i>
<i>Figura 14: Capa da edição número 9 do Beijo da rua.....</i>	<i>114</i>
<i>Figura 15: Trecho da edição número 10 do Beijo da rua.....</i>	<i>115</i>
<i>Figura 16: Trecho da edição número 15 do Beijo da rua.....</i>	<i>118</i>
<i>Figura 17: Pintura Casal do mangue de Lasar Segall.....</i>	<i>130</i>
<i>Figura 18: Imagens do Desfile Daspu em Dezembro de 2018.....</i>	<i>140</i>

ÍNDICE DE TABELAS

<i>Tabela 1: Dólar Comercial Oficial - índice mensal</i>	<i>99</i>
<i>Tabela 2: Tabela Geral.....</i>	<i>101</i>
<i>Tabela 3: Tabela de Colunas ou seções fixas - 1ª fase</i>	<i>102</i>
<i>Tabela 4: Tabela de Colunas ou seções fixas - 2ª fase</i>	<i>102</i>
<i>Tabela 5: Tabela de Temas Recorrentes - 1ª fase</i>	<i>104</i>
<i>Tabela 6: Tabela de Temas Recorrentes - 2ª fase</i>	<i>117</i>
<i>Tabela 7: Assinantes das matérias - 1ª fase.</i>	<i>122</i>
<i>Tabela 10: Área de formação ou ocupação dos participantes - 2ª fase.....</i>	<i>125</i>
<i>Tabela 11: Assuntos das cartas enviadas ao Beijo da rua</i>	<i>126</i>
<i>Tabela 12: Locais das cartas enviadas ao Beijo da rua.</i>	<i>128</i>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1	24
Alguns “olhares” sobre a prostituição no Brasil.....	24
1.1 O que pensavam médicos, juristas e policiais sobre o “meretrício”	25
1.2 Os debates historiográficos	34
1.3 A construção do novo discurso sobre as prostitutas	41
1.4 Algumas reflexões contemporâneas e a ampliação do debate público sobre as “profissionais do sexo”	53
CAPÍTULO 2	60
<i>Toda profissão é nobre:</i>	60
a prostituição, do arquivo e da memória.....	60
2.1 Projeto Davida: a trajetória e o acervo.....	63
2.2 Projeto Davida: conhecimento e reflexões	69
2.3 Projeto Davida: um acervo privado em uma instituição pública.....	76
2.4 Projeto Davida ao APERJ: a memória como construção	82
2.5 O <i>Beijo da rua</i> se construindo como lugar de memória	89
CAPÍTULO 3	94
O jornal <i>Beijo da rua</i> : uma <i>performance</i>	94
3.1 O nascimento do <i>Beijo da rua</i> : primeiros indícios	95
3.2 Os principais temas e a sistematização do movimento de prostitutas no jornal	103
3.3 Além do <i>Expediente</i> do jornal: seus personagens e a circulação de ideias.....	119
3.4 O lirismo poético da prostituição no <i>Beijo da rua</i>	129
CONCLUSÃO	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	147
FONTES	149
Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro	149
Biblioteca Nacional.....	149

Entrevistas.....	149
Filmes.....	149
Jornais nos banco de dados	150
ANEXO	151
Anexo 1.....	152
Anexo 2.....	154
Anexo 3.....	159

APRESENTAÇÃO

A reflexão elaborada nesta pesquisa tem como objeto central o jornal *Beijo da rua*. A partir deste olhar, outros focos se interceptaram a ele como: a análise de documentos arquivísticos e debates públicos sobre a prostituição. Assim, estruturou-se este trabalho na perspectiva de três capítulos. Neles se inserem as discussões sobre: a) representações da prostituição; b) documentação da ONG Davida, arquivos e memória; e c) o jornal como um repertório do movimento de prostitutas.

No capítulo inicial – **Alguns “olhares” sobre a prostituição no Brasil** – os objetivos centram-se no mapeamento das formas de ver e exibir a prostituição no Brasil. Tendo estas premissas, foram elencados os principais elementos que compõem os cenários dos discursos propagados entre os dois últimos séculos. O primeiro “olhar” acontece no século 19 e tais perspectivas permeiam as reflexões até os anos 50 do século 20, remetendo aos discursos de cunho médico, jurídico e policial sobre a prostituição. O segundo, construído a partir da década de 1980, no meio acadêmico, na tentativa de rever as “falas” anteriores sobre o tema, reverberam um argumento que, supostamente, a mulher conseguiria sua emancipação via prostituição. O terceiro é desenvolvido a partir de novos “olhares” da vivência da prostituta.

Na construção de um discurso onde as pessoas temem explorar a sua própria sexualidade, estaria aí um dos motivos, o moral, de se recriminar o exercício da prostituição. Nessa concepção, a prostituta escolhe o trabalho/ocupação. Tal seleção seria entendida como a opção que qualquer trabalhador realiza e, portanto, não se deveria discriminar por isso. A vinculação das lutas das prostitutas com as causas dos seus direitos enquanto profissionais tem ali o seu bojo. No quarto e último olhar aqui elencado, a perspectiva traçada é sobre os debates que circundam o tema a partir das décadas de 1990 e 2000. Neste momento, pensadores de diferentes áreas refletem utilizando-se do envolvimento em ações conjuntas ao movimento de prostitutas, com o desejo de provocar novos debates públicos a respeito do tema nos mais variados âmbitos da prostituição: econômico, sociológico, político e cultural.

No segundo capítulo – ***Toda profissão é nobre: a prostituição, do arquivo e da memória*** – o interesse é destrinchar o processo de chegada e organização do acervo transferido da instituição Davida para o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, em 2013. A partir do trabalho desenvolvido durante o tratamento técnico, se pode apreender pontos sensíveis sobre a reflexão dos documentos produzidos em instituições que agregavam e condensavam o movimento de prostitutas. Assim também, como desenvolver a perspectiva

política no ato de guardar, doar e criar lugares de memória para o movimento de prostitutas se abrigarem.

No capítulo 3 – **O jornal *Beijo da rua*: uma performance** – busco analisar o jornal destacando-o não só como fonte, mas objeto de pesquisa. Por isso, é importante demarcar as fases de sua trajetória histórica, refletindo sobre os principais debates relacionados à prostituição e como o jornal os representa. Identificando e avaliando, assim, as principais disputas, tanto dos discursos quanto da memória que permeiam o *Beijo da rua*. Demonstrando que o jornal faz parte de uma ampla rede de ressignificação da prostituta, que em seu movimento busca reconstruir os discursos sobre as mesmas relacionando-os a vários aspectos sociais, culturais e políticos do final do século 20, entre eles o surgimento da AIDS e a ampliação da participação de organizações não governamentais que defendiam as prostitutas.

Portanto, é o objetivo deste capítulo analisar o desenvolvimento de novos meios de mobilização das prostitutas em torno do discurso da cidadania. A organização do grupo de prostitutas ultrapassava o *Beijo da rua* e ganhava corpo em outros projetos, e programas que defendiam os direitos das prostitutas diante do novo paradigma político dos anos 1990 e 2000.

INTRODUÇÃO

Mariposas, borboletas, prostitutas, profissionais do sexo, trabalhadoras sexuais e tantas outras representações/denominações que durante o processo de pesquisa pude me deparar e analisar, dos mais variados meios: policiais, jurídicos e médicos, intelectuais e das próprias prostitutas. Ao observar as diversas narrativas, pude me aproximar de uma representação que gostaria de expandir: a ótica do jornal *Beijo da rua*.

A publicação se instituiu no bojo da organização das prostitutas, nos anos 1980. Tornou-se uma importante ferramenta e repertório do movimento das profissionais do sexo, na “luta política” que se configura como uma das suas principais formas de “performance”¹. As representações impressas no jornal, nas charges, matérias e editoriais, significam uma ação política direta contra a estigmatização e falta de direitos das prostitutas. A formação dessas representações acontece por um grupo diverso, entre prostitutas, professores, jornalistas, entre outros, que identificavam a prostituição de forma bem diferente das interpretadas até aquele momento.

A intenção aqui é exatamente, compreender uma nova visão da prostituição como processo histórico, que se está construindo e tendo o jornal como papel fundamental no desenvolvimento dessa ideia. Assim, apresentando o discurso do movimento de prostitutas que se institui nesse momento. Ademais, mostrar como o jornal se torna uma das principais performances do movimento é fundamental, porque ele ajuda a construir as bases de articulação política em todo o país.

A publicação foi lançada em dezembro de 1988 e ainda está ativa. Sua última edição reproduzida em dezembro de 2018. Esta foi uma edição comemorativa de trinta anos de seu lançamento. Nesse período de três décadas, há alguns intervalos. No ano de 1995, não foi lançada nenhuma edição. Entre 1998 e 2001, o jornal também não foi produzido. A retomada acontece no ano de 2002, e vem acontecendo nestes 16 anos seguintes.

O período de estudo proposto na pesquisa compreende o intervalo de 1988 até o ano de 1997. Ou seja, do lançamento ao interregno entre novas edições. A escolha deste recorte remete a dois aspectos: um de caráter prático, já que é difícil precisar quantas edições do jornal após 1997 foram produzidas. Dificultando, assim, a constituição de um corpo documental coeso, o que é uma questão primordial para a análise de uma fonte. O outro ponto é referente a critérios metodológicos, no qual a publicação é separada em duas fases de acordo com a mudança de editora.

¹ Cf. ALONSO, Angela. “Repertório, segundo Charles Tilly. História de um conceito”. *Sociologia e Antropologia*. 2012. vol. 2. n. 3. pp. 21- 41.

A primeira fase do *Beijo da rua* selecionada aqui, entre 1988 e 1992, se refere ao início de sua produção, que se deu vinculado ao Instituto de Estudos da Religião (ISER)², e em colaboração entre o *Programa Prostituição e Direitos civis e Publicações*. O *Beijo da rua* no período era composto por um grande número de intelectuais e liderança das prostitutas. A segunda fase do *Beijo da rua* se deu a partir de 1993, logo após a criação da Organização Não Governamental “Davida – Prostituição, Direitos Civis, Saúde”³, sob a direção de ex-integrantes do ISER, que assumem a produção do jornal depois de uma longa negociação.

Com isso, o movimento social de prostitutas se encaixa numa nova perspectiva de organização social no período de redemocratização, onde:

Cuidaria de construir uma nova identidade expressivo-mobilizadora, capaz de realizar essa utopia. Nova conjuntura política, novo arranjo de forças políticas e acomodação das lideranças movimentalistas, muitas das quais absorvidas pela institucionalidade política.⁴

Durante o período destacado para análise, foram consultadas 18 edições produzidas do jornal. Utilizou-se um recorte temporal de dez anos:

Edição inaugural ou Zero	em 1988
Edições Nº 1, 2 e 3	em 1989
Edições Nº 4, 5, 6	em 1990
Edições Nº 7, 8, 9, 10, 11	em 1991
Edição Nº 12	em 1992
Edição Nº 13	em 1993
Edição Nº 14	em 1994
Edição Nº 15	em 1996
Edições Nº 16 e 17	em 1997

² Organização da sociedade civil, de caráter laico, comprometida e dedicada à causa dos direitos humanos e da democracia. Surgida no contexto brasileiro dos anos 1970, tem o objetivo de promover estudos, pesquisas e também intervenção social a partir de eixos temáticos plurais da sociedade brasileira, como a defesa e a garantia de direitos, segurança pública, meio ambiente, diversidade religiosa, entre outros.

³ A pessoa jurídica Davida – Prostituição, Direitos Civis, Saúde foi criada em 1992, e durante tempo foi utilizado o qualificativo “ONG”, até que houve uma mudança na forma de funcionamento de Davida e passou a ser utilizado o qualificativo “Coletivo” quando nos referimos a ela.

⁴ DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 31.

Desde o início houve um esforço de manter o jornal ativo, mas não foi possível manter uma periodicidade constante. Certamente, a parte financeira sempre foi um grande empecilho para tal, inclusive nos anos em que não houve circulação de nenhuma nova edição.⁵

A mudança nas características de um período contextual para outro podem ser sutis, mas significativas. Assim também como os interesses do grupo que funda a organização após a saída do ISER. Ou seja, um período é constituído por diferentes iniciativas dentro de uma instituição, onde as ações são mais complexas devido ao grande número de participantes com assuntos e temas debatidos dentro da mesma. E no outro momento, existe a formação de uma organização menos diversificada, homogênea e com objetivos mais claros e específicos. Davida, inclusive, foi formada pelas divergências que ocorriam dentro do ISER entre alguns membros com a coordenadora do Programa Prostituição e Direitos Civis.⁶

A opção por dividir a análise em dois momentos recai sobre a tentativa de diferenciar e equalizar as particularidades de cada um desses períodos. Apesar de não configurar expressiva mudança na forma narrativa de se escrever no jornal. Numa primeira fase a publicação se insere na perspectiva de uma extensa rede de “ecumenismo” progressista do ISER. Já na segunda fase, o jornal se desenvolve exclusivamente centralizado na Davida, e na temática prostituição, sem interferências ou ingerências.

O jornal, ao ser fundado, serviria como um *locus* de ampliação das vozes das prostitutas. Por isso, o periódico revela também dois fatores predominantes para análise: 1) a construção de identidades das prostitutas enquanto grupo que se evidencia, e 2) o debate sobre a questão do gênero, que é indispensável nesse contexto – mesmo que não como discussão central.⁷ Afinal, seria impossível escrever sobre prostituição da mulher e simplesmente me eximir do debate entre feminino e masculino, identificando as principais semelhanças e desigualdades dessa relação com o machismo e o patriarcalismo – reconhecendo o papel e o espaço da minha fala.

Nesse caso, o conceito de “identidades” utilizado por Stuart Hall⁸ é de grande valia, pois, mostra a relação desenvolvida pelas prostitutas que se formam enquanto grupo e atrizes de uma prática comum diante de sua profissão. Todavia, as reflexões sobre a prostituição se constituem atreladas, intrinsecamente, ao trabalho, que é uma prática sexual. Isso se torna um

⁵ Cf. CESAR, F. L. Acervo Davida: depoimento. [23 de março, 2016]. Rio de Janeiro: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*. Entrevista concedida a Clarissa Ramos, Daniel Elian e Gabriel Alencar.

⁶ *Ibid.*

⁷ Cf. SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. “A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero”. *Revista Brasileira de História* [online]. 2007, vol.27, n.54, pp.281-300. Disponível em: <<https://goo.gl/7KSYSo>. Acesso em: 18 dez 2018> Acesso em: 20 Mar. 2017.

⁸ Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2002.

problema devido essa identificação desafiar a ordem moral cristã da sociedade brasileira do século 20. No entanto, ainda é necessário pensar o que o jornal *Beijo da rua* reconstrói do significado de prostituta e transmite enquanto afirmação política.

Além disso, para uma análise do objeto torna-se necessária à utilização de outros conceitos que permeiam a História Cultural, fundamentalmente ao se tratar de material desenvolvido e produzido para transmitir significados, códigos e símbolos como o jornal. Por isso, ao se debruçar sobre o conjunto documental da primeira fase do *Beijo* é relevante dialogar com o conceito de “representações sociais”⁹, desenvolvido por Roger Chartier. O autor afirma que ao empreender seus estudos, que “nas sociedades do Antigo Regime, entre os séculos 16 e 18, a circulação multiplicada do escrito impresso, modificou as formas de sociabilidade, autorizou novos pensamentos, transformou as relações com o poder”.¹⁰

Assim como a imprensa de séculos anteriores, os jornais contemporâneos desenvolvem novas práticas e representações como *Beijo da rua* se propunha. Buscando resignificar a prostituta e o “mundo” da prostituição, ocasionando discursos distintos daqueles anteriormente proferidos e conseqüentemente gerando disputas entre essas “falas”.¹¹

No entanto, não é importante somente interligar os conceitos de representações vistos em Hall e Chartier à ideia do desenvolvimento de um novo pensar. Além disso, refletir que essa nova concepção de prostituta é uma ação política e com o advento do jornal é clave fundamental. O *Beijo da rua* é essencialmente uma “performance”, como conceitua Charles Tilly, às ações coletivas que exercem um embate, e que se tornam uma forma de confronto político através da materialidade e expressão cultural.

Por este motivo, é capital avançar na análise do texto sobre e das prostitutas encontrados no jornal *Beijo da rua* e analogamente, refletir sobre os discursos que concentraram o debate referente à prostituição em períodos anteriores. Ao refletir sobre os conceitos do discurso, vinculam-se as análises de Foucault¹², por exemplo. Assim, percebe-se que as palavras estão repletas não só de sentido, mas de carga cultural, política e social. Diria que é impossível pronunciar, seja de maneira falada, seja pela escrita, sem ter objetivo cheio de sentidos implícitos.

Nesse sentido, é interessante pensar no tema aqui apreendido como a representação de um sujeito a partir do jornal, que durante muito tempo não teve voz – a prostituta – e pode,

⁹ Cf. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

¹⁰ Roger. “O Mundo Como Representação”. *Estudos avançados* [online]. 1991. vol.5, n.11, pp.173-191. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010> Acesso em 21 Mar. 2017. p. 178

¹¹ Cf. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988.

¹² Cf. FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo. Ed. Loyola: 1996.

pelo seu discurso contra estigmas, violências e variadas formas de marginalização, tentar influenciar e transformar a sociedade brasileira a conhecer um “novo pensar”.

Em Foucault, também se pode apreender a ideia de “corpos dóceis”¹³, como a tentativa de domesticar e disciplinar os seus. Para tal, são implementadas técnicas pelo Estado, de submissão usando transversalmente a força contra os cidadãos. As tentativas de controle da prostituição aplicada à força por policiais civis e militares nas zonas de prostituição são exemplos disso. Esses conflitos entre polícia-prostituta se reverberaram até as primeiras reações políticas das prostitutas, que ocorreram em diversos momentos, como igualmente em eventos e na produção do jornal *Beijo da rua*.

Além do mais, as reflexões críticas e conscientes sobre a prática de trabalho e vida do grupo de prostitutas constroem, em volta de si, o conceito de “intelectual orgânico”¹⁴, que usado na perspectiva de Antonio Gramsci, é de extrema importância. Para o autor, o intelectual é aquele que, por meio da sua prática, transforma, constrói e revoluciona a sociedade. Segundo Gramsci, todo homem ou mulher trabalhador é intelectual, pois, desenvolve um pensamento da sua prática de labuta diante de todos os grupos sociais, que para se afirmar homoganeamente necessitam de uma racionalização da ação, via intelectuais. Gramsci, portanto, os diferencia dos intelectuais tradicionais, que podem ser membros do clero ou da academia e também podem tanto se vincular às classes dominadas quanto às dominantes, adquirindo uma autonomia em relação aos interesses imediatos das classes sociais. Com isso, a prostituta pode se auto definir e criar reflexões da construção sobre suas ações.

Diante dos tradicionais meios de comunicação O *Beijo da rua* faz parte dessa imprensa considerada alternativa¹⁵. Por isso, o jornal ganha uma centralidade não somente como fonte, mas também como objeto, refletindo principalmente, como destaca a historiadora Maria Helena Capelato, o periódico “possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens com o passar dos tempos”¹⁶. Significa que o próprio material produzido pelo jornalista indica rastros e indícios de seu passado. Ou seja, que o jornal - como o conjunto de

¹³ Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

¹² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 2002, v. 2. p. 15.

¹⁵ Cf. KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

¹⁶ CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 13.

suas publicações, sua equipe, seu editorial, etc.- exprime em si as angústias, vontades, desejos, anseios, econômicos, políticos e sociais dos profissionais que o escrevem, demonstrados por meio de suas palavras escritas e pensamentos nada monolíticos.

Tendo por base reflexões sobre a imprensa¹⁷, foi possível observar as discussões que abordam a imprensa como fonte. Isto inclui igualmente, pesquisas sobre leitura e escrita; a cultura da leitura; comunicação; desenvolvimento cultural, estético e técnico da imprensa; a própria história da imprensa; a imprensa alternativa; novas mídias e redes comunicacionais; mídias alternativas; entre outras temáticas. Tudo isso para compreender as complexas relações entre a existência e influência da imprensa na nossa sociedade e como elas podem contribuir como objetos e também fontes históricas.

Neste contexto, Marialva Barbosa¹⁸, construiu uma narrativa sobre a história da imprensa brasileira no século 20, onde analisa os diferentes movimentos da comunicação impressa num período de cem anos. Evidenciando que a imprensa também está sujeita às conjunturas históricas. Isso fica bem caracterizado quando na década de 1960 se observa as disputas que ocorriam, não só pela bipolaridade mundial, mas também pelas contradições e lutas internas no Brasil. Quando a partir daí, com o estabelecimento da censura prévia na ditadura civil-militar, o movimento de imprensa alternativa é instituído, ocasionando o surgimento de um grande número de jornais criticando e se opondo ao governo, nos meios acadêmicos, sindicais e movimentos sociais.

No que tange a contribuição historiográfica em relação à imprensa alternativa, remeto a reflexão teórica e metodológica de Bernardo Kucinski, que pensou a imprensa alternativa no período da ditadura civil-militar. Segundo ele, as disputas acontecem também de outras maneiras como a via da luta pela dominação dos meios de comunicação e informação. De acordo com Kucinski, como ideologia dominante e encampada pela cobertura jornalística da área econômica, a tese da globalização legitima a ocupação de novos espaços pelo capital financeiro mundial, especialmente nos países periféricos, sob o argumento de que se trata de um desenvolvimento natural das forças produtivas.¹⁹

¹⁷ Ver: BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007; CAPELATO, op. cit., 1988; CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosario da Cunha. *Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa*. São Paulo. Projeto História (PUCSP), v. 1, p. 22-38, 2008; GASPARI, Elio. “Alice e o camaleão”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque; VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura (70/80)*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000; KUCINSKI, op. cit., 1991; LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005; MATHEUS, Leticia Cantarela. *Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2011.

¹⁸ Cf. BARBOSA, op. cit., 2007.

¹⁹ KUCINSKI, op. cit., 1991, p. 81.

As discussões historiográficas em torno da imprensa estão bem próximas aos debates sobre literatura e sobre o livro. Unidas por uma característica em comum: a da representação. Tal conceito permite tanto a compreensão para uma história da imprensa, quanto para uma história do livro, ou de outros meios de transmissão de cultura. Pela ideia de representação, o jornalista, o escritor, ou qualquer produtor de ideias, pode transmitir uma crítica e um novo pensar sobre determinado assunto. Assim sendo, ideias podem se metamorfosear de tempos em tempos conforme Chartier descreve em seus textos nesse tipo de debate a partir do texto.²⁰

Alguns dos jornais da imprensa de maior circulação do período serão analisados com o objetivo de extrair possíveis informações e matérias sobre a organização de prostitutas. É possível fazer uma avaliação comparativa desses jornais ao *Beijo da rua*, observando a diferença entre um jornal alternativo e os periódicos que mantêm uma hegemonia na cultura da informação, da leitura, na escrita e tudo relacionado à comunicação. Tais como: *O Globo*, *O Fluminense*, *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa*, entre alguns outros.

A análise do jornal segue a influência na caracterização da coleção. Assim, com base nas ponderações sugeridas pela historiadora Tania Regina de Luca²¹: ao localizar a publicação na história da imprensa; identificar os principais colaboradores, o grupo responsável pela publicação e o público a que se destinava; observar as características de ordem material (periodicidade, impressão, papel, uso ou ausência de iconografia e de publicidade); analisar a forma de organização interna do conteúdo. O jornal e os documentos são tratados de forma quantitativa e qualitativa, na tentativa de obter um grande número de dados que permitam descrever através de um arcabouço teórico-metodológico com bases concretas.

Enfatizando a hipótese de trabalho que o jornal e suas representações são “performances” de um repertório, nele são a todo instante modificadas com criatividade a linguagem transmitida. Para que sirva como política de confronto ao Estado, à sociedade e outros meios de comunicação. Uma “inovação tática” na forma de manifestação, assim também como uma “mediação”, mas não somente comunicativa, criando pontes entre prostitutas pelo Brasil com interesse de conscientização política e social.²²

²⁰ Cf. CHARTIER, Roger. “As revoluções da leitura no ocidente”. In: ABREU, Márcia. (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999; CHARTIER, op.cit., 1988; CHARTIER, op.cit., 1991.

²¹ Cf. LUCA, op. cit., 2005.

²² TILLY, 2005. p. 223-224 apud ALONSO, 2012. p. 29.

Os estudos históricos sobre prostitutas no tempo presente ainda utilizam poucas fontes produzidas que não sejam as orais. Dessa maneira, uma análise a respeito do jornal *Beijo da rua* e sobre qualquer documentação acumulada anteriormente, torna-se fonte substancial na busca de reconstruir uma narrativa pós-moderna da prostituição. A potencialidade dessa discussão vai muito além e se apresenta a partir da observação advinda das fontes aqui citadas, tais como documentações de ONGs, material que ainda não é muito desvendado na pesquisa histórica e que se torna ainda mais intrigante do ponto de vista arquivístico, quando do recolhimento desse acervo em uma instituição pública, nesse caso, o APERJ. Por isso, adentrar em algumas discussões arquivísticas se faz necessário, inclusive para o alcance da compreensão de chegada ao jornal em si.

CAPÍTULO 1

Alguns “olhares” sobre a prostituição no Brasil

*Quero conhecer a puta.
A puta da cidade. A única.
A fornecedora.
Na rua de Baixo
Onde é proibido passar.
Onde o ar é vidro ardendo
E labaredas torram a língua
De quem disser: Eu quero
A puta
Quero a puta quero a puta.*

*Ela arreganha dentes largos
De longe. Na mata do cabelo
Se abre toda, chupante
Boca de mina amanteigada
Quente. A puta quente.*

*É preciso crescer esta noite inteira sem parar
De crescer e querer
A puta que não sabe
O gosto do desejo do menino
O gosto menino
Que nem o menino
Sabe, e quer saber, querendo a puta.²³*

(Carlos Drummond de Andrade)

A prostituição é um desses temas considerados tabus que, ao se discutir, gera certo desconforto ou embaraço. O assunto pertence ao grupo de temáticas que quando levados para um debate mais amplo na sociedade, enfrenta dificuldades na formulação de respostas fora do binômio bem e mal, certo e errado. Ainda mais nos casos em que as reflexões são ancoradas em postulados moralizantes embasados nas crenças religiosas e nos postulados de pecado.

Tendo por objeto de análise as representações da prostituição no jornal *Beijo da rua*, acredito que, num primeiro momento, o conhecimento e a apreensão sobre o que, no Brasil, já se pensou sobre a temática, um passo fundamental. Nesse sentido, não necessariamente os marcos da trajetória do jornal serão aqui recortes para circunscrever o estudo. E por essa razão, é objetivo deste capítulo expor e discutir os principais pontos que contribuem para os debates do tema.

Deste modo, faz-se necessário um recuo no recorte espaço-temporal estabelecido nesta pesquisa. E portanto, serão os discursos médicos, jurídicos e policiais da virada dos séculos

²³ “A Puta”. *Beijo da Rua*, Rio de Janeiro, 20 Dez. 1988, p. 2.

19 para 20, as portas de acesso neste momento. Além disso, é importante ampliar o panorama historiográfico sobre o tema, e, conseqüentemente, analisar os variados “olhares”. Assim, a partir das representações da imagem da prostituta, farei um mapeamento da produção bibliográfica e dos debates a respeito no que se convencionou chamar *Belle Époque* carioca, segundo a reflexão original de Jeffrey Needell²⁴.

Longe de acreditar que abarcarei a totalidade dessa trajetória de estudos que perpassam por diversos discursos, incluindo a historiográfica, o objetivo aqui é construir um chão que posteriormente será correlacionado com outras conjunturas. Já que o jornal que será analisado foi fundado no “despertar” de novas perspectivas dos movimentos sociais, quando do período de transição democrática no Brasil, onde o marco político demarcou o ano de 1979 com a assinatura da Lei de Anistia.

Assim sendo, o mapeamento das questões deste capítulo auxiliarão para melhor compreender os debates sobre a prostituição na contemporaneidade, interligando os cenários diversos do período de transição democrática que se relacionam diretamente quando há o desenvolvimento da Rede Brasileira de Prostitutas na década de 1980. Assim também, como avaliar o fortalecimento de instituições que não tinham vínculo com o Estado e explicar a amplificação de debates públicos no âmbito do surgimento de vários grupos, como dentro de Organizações Não Governamentais (ONGs) e a universidade.

1.1 O que pensavam médicos, juristas e policiais sobre o “meretrício”

O homem sequioso de prazer venéreo sente-se atormentado por necessidade imperiosa, irresistível, uma excitação espantosa vivifica seu organismo, um fogo ardente abrasa seus órgãos, as artérias pulsam com excessiva força, os olhos úmidos incendeiam-se com brilho sobrenatural, sua face se colora, sua respiração se torna anelante, as partes genitais se intumescem, se congestionam e nelas se experimenta um sentimento d’ardor e titilamento. O pensamento não tem mais força, a vontade não domina, todas as faculdades estão concentradas em a ideia fixa; o apetite urgente, que persegue o homem e rouba-o às outras sensações, aos objetos que o cercam, aos perigos que o ameaçam, ele então delirando com a febre que o abrasa, arrastado pela necessidade que o impele, arrebatado como que por potestade sobrenatural, é insensível para tudo e só vive na perspectiva dos gozos que almeja fruir. Os obstáculos mais espantosos o não peiam, de nada arrecea, tudo desaparece ante o ardor de seu desejar; só impera o organismo; a honra, a virtude, o

²⁴ Cf. NEEDELL, Jeffrey D. *A belle époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

dever, a religião, e quanto de sagrado há sobre a Terra são quimeras: real só o desejo que o atormenta, real só o prazer que o fascina.²⁵

A epígrafe acima direciona o olhar que apreendeu a questão da prostituição feminina no período: o masculino. Sempre foram as demandas do cliente que demarcaram os lugares. Assim, neste momento, é necessário refletir como a prostituição foi historicamente retratada no espaço e no tempo por diferentes sociedades. Por isso, ao mapear algumas reflexões a respeito do tema, percebe-se que, desde Santo Agostinho e São Tomás de Aquino a prostituição é considerada um “mal necessário”.²⁶ Por mais que esses autores, religiosos, incorporem a condenação pela luxúria, à prática da prostituição é plasmada à ideia da tolerância. Nessa perspectiva, a prostituição deve existir para proteger a família de sua destruição já que permitiria a liberação do instinto sexual masculino insaciável.²⁷ Por esta lógica, a Igreja a condenava enquanto prática de “trabalho” feminino, ao mesmo tempo em que aceitava a sua manutenção como necessária.

Na sociedade ocidental, a cultura religiosa cristã tem um peso nas imagens vinculadas à prostituição que, como no caso do Brasil, são compartimentadas em algumas áreas do saber. Essa apreensão da questão, formuladas entre o século 19 e as três primeiras décadas do século 20, aprisionou o tema aos enfoques ou jurídico-policial, ou de saúde pública²⁸. Sempre como portadora de estigmas sociais e reforçando o caráter conservador da sociedade brasileira. Assim,

[...] a prostituição, ao encaminhar homens e mulheres para a vida de orgias, para a luxúria e a libertinagem, negava todos os preceitos da religião católica, religião oficial do Estado Imperial Brasileiro, que estabelecia a instituição do matrimônio, a união eterna e indissolúvel entre pessoas de sexos diferentes, como preceito básico para o relacionamento sexual e para a procriação.²⁹

²⁵ SÁ, Miguel Antonio Heredia de. *Algumas Reflexões Sobre a Copula, Onanismo e Prostituição do Rio de Janeiro*. 1845. Tese (Medicina) - Faculdade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1845. p. 7 apud SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas...a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Ática, 1992. p. 16-17.

²⁶ ROSSIAUD, Jacques. *A Prostituição na Idade Média*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984. p 52.

²⁷ GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p. 67.

²⁸ Cf. ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro - 1840 a 1890*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1989; SOARES, op. cit., 1992; SCHETTINI, Cristiana. “*Que tenhas teu corpo*”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

²⁹ SOARES, op. cit., 1992. p. 86.

Por isso, dentro do âmbito jurídico, no século 19, o controle sobre a atividade da prostituição recebeu duas propostas: o proibicionismo e o abolicionismo. O primeiro previa a proibição do ato de comercializar o sexo, sendo que o crime estaria na ação da prostituta em vender o seu corpo. Já o segundo, é uma tentativa de combater os fatores que antecedem e motivam a prostituição, como, por exemplo, a luta contra o lenocínio.³⁰ Há, contudo, uma terceira via: aqueles que a “toleravam”, fechavam os olhos, e acreditavam na regulamentação da prática a partir da perspectiva de ser um “mal necessário”. Assim, as regras mínimas se davam via o controle tanto da polícia quanto do saber médico. O controle do *mal* acontecia, nesta visão, pelo acesso a estas mulheres a partir da demarcação de um território específico onde pudessem exercer a atividade desde que não causassem problemas de conduta social e estivessem sadias.³¹

Para estabelecer a “ordem” e a “higienização”, tanto médicos, quanto policiais e juristas forjaram discursos que reforçavam, sobretudo, o controle das práticas de prostituição em cidades como o Rio de Janeiro. Desde 1830, por exemplo, o Código Criminal do Império diferenciava “a mulher virgem ou não, mas honesta e a mulher pública”³². Por esse “livro de regras”, as penas e seus tempos de reclusão diferenciavam quando o crime de estupro tivesse como vítima cada um dos “tipos” de mulher. Aquele que cometesse o crime contra a “mulher pública” tinha uma pena de prisão menor. Essa lógica do tratamento diferenciado, punindo mais a prostituta que outrem foi confirmado no Código de Processo Civil, de 1832. Ali, coube ao juiz de paz

Obrigar a assinar o termo de bem viver aos vadios, mendigos, bêbados por hábito, prostitutas, que perturbavam o sossego público, aos turbulentos, que por palavras ou ações ofendemos bons costumes, a tranquilidade pública e a paz das famílias.³³

O discurso incluso na Lei vinculava-se as normas do trabalho, do assalariado. Portanto, os que estavam fora deste universo do “bem viver” comprometiam a ordem vigente. Mas, por um jogo de espelhos, o “submundo” e os fora da ordem são fundamentais para

³⁰ Cf. ENGEL, op. cit., 1989; SOARES, op. cit., 1992; SENRA, Márcio. *A prostituição no Brasil no século XXI: razões para sua regulamentação*. 2013. 407 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

³¹ Ver mais sobre proibicionismo, abolicionismo e regulamentarismo da prostituição em: PEREIRA, Armando. *Prostituição: uma visão global*. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

³² BRASIL. *Coleção das Leis do Império*. Lei de 16 de dezembro de 1830 apud ENGEL, op. cit., 1989. p. 30.

³³ Ibid. p. 31.

legitimar o “bem viver”.³⁴ Neste contexto, a “mulher pública”, para os juristas era o símbolo do incomodo e, por isso, a legislação mostrava a preocupação com a ofensa aos bons costumes, com o rompimento dos padrões morais que legitimavam a ética do bom trabalhador. Mas não só elas, outras categorias que se afastam do trabalho formal e corroboram com o universo da vadiagem, eram indivíduos a serem reprimidos. Assim, juristas normatizaram as condutas do “ideal” de cidadão, e o aparato policial executava as repressões aos “fora da ordem social”.³⁵

Concomitantemente, a comunidade médica em sintonia com a temática da insalubridade nas cidades que recebiam imigrantes, acalentava o discurso de que as doenças estavam associadas à geografia, ao clima e ao espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, que crescia vertiginosamente e ao mesmo tempo mantinha uma estrutura pouco salubre. A crítica da “medicina social” a essa cidade pouco moderna propícia a epidemias fez desenvolver um discurso hegemônico de que a transformação urbanística da cidade era uma das medidas necessárias para as curas das enfermidades.³⁶ De acordo com Benchimol:

Esse discurso infiltrou-se no senso comum das camadas dominantes e das camadas médias, culturalmente subalternas, que nos anos setenta já constituíam uma influente "opinião pública", favorável a todo tipo de melhoramento que transformasse a capital do Império numa metrópole salubre e moderna.³⁷

Em sintonia com esse discurso e tal qual Haussman que saneia Paris dos efeitos da Comuna de 1871, o prefeito Pereira Passos (1902-1906), no início do século 20, implanta a modernização estética da cidade carioca para vender a imagem de um lugar seguro de se morar.³⁸

Nesse contexto, foi constante a caracterização da prostituição como um problema de saúde, uma “doença”, pelos trabalhos que foram apresentados nas recém-criadas Academia Imperial de Medicina e Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.³⁹ Entre 1845 e 1890, principalmente, várias dessas teses, que ratificavam um saber científico, expunham o

³⁴ HOBSBAWM, Eric J. *Bandidos*. Editora Forense-Universitária: Rio de Janeiro, 1976, p. 11; Ver: GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do Trabalho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

³⁵ BRETAS, M. L. *A Guerra das Ruas. Povo e Polícia Na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/ Ministério da Justiça, 1997. p. 31.

³⁶ Cf. BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos – um Haussman Tropical: As transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.

³⁷ *Ibid.* p., 118.

³⁸ Cf. BENCHIMOL, op. cit., 1990.

³⁹ Cf. ENGEL, op. cit., 1989; SOARES, op. cit., 1992.

“problema” da prostituição e as propostas de sua resolução. Perpassando sempre a visão as noções de uma dada moralidade social que se vivia durante o período. Inicialmente, o saber médico expos todo o horror ao “fora do padrão”. Assim, como afirma o doutor H. A. L. Cunha,

Eis aqui aberto diante de nós o teatro em que mais se representam as misérias da humanidade: o pano vai levantar-se e teremos de ver em cena, no grande drama da prostituição, toda essa caterva de paixões ignóbeis... O espetáculo será feio de ver, e por mais de uma vez teremos de sentir o rubor assomar-nos às faces.⁴⁰

Diante do “problema”, as teses médicas enfatizam o tema prostituição na busca por uma “solução”. Os títulos dos trabalhos expõem as preocupações e quase que falam por si: “*Algumas considerações sobre a prostituição*”⁴¹, “*Da prostituição no Rio de Janeiro e de sua influência na saúde pública*”⁴². Ou detalhando a relação do tema com a “prophylaxia da syphilis”⁴³, entrando especificamente no estudo do “homossexualismo” e na “libertinagem da sociedade”⁴⁴. Ou então, na busca tanto por “medidas a adotar contra a prostituição”⁴⁵, ou por métodos “da regulamentação”⁴⁶. Todas essas pesquisas médicas, assim como em outras não citadas, as análises enfocavam diversas perspectivas para confirmar a necessidade de conhecer o problema da prostituição e assim, resolvê-lo.

Há outras expressões a respeito do tema e que as relacionam a contextos como o da escravidão, que durou até o final do século 19, no Brasil. Na escravocrata sociedade brasileira percebe-se a aglutinação de ideias racializadoras plasmadas ao saber médico, principalmente quando das referências a uma suposta “super sexualidade” dos negros cativos. No discurso havia uma diferenciação que sugeria a propensão dos negros a se prostituir, ou a levar uma vida mais promiscua, unicamente explicada por uma questão de raça. Segundo tese do doutor H. A. L. Cunha, a “causa específica” mais importante da prostituição, inclusive, seria a

⁴⁰ H. A. L. Cunha. “Dissertação sobre a prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro, Tip. Imparcial de Francisco de P. Brito, 1845, p. 1 apud ENGEL, op. cit., 1989. p. 56.

⁴¹ Cf. REGO, J. P. “Algumas considerações sobre a prostituição”. *Revista Médica Brasileira*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 1841, pp. 6-15 apud ENGEL, op. cit., 1989. p. 56.

⁴² Cf. MACEDO JÚNIOR, J. A. de A. *Da prostituição no Rio de Janeiro e de sua influência sobre a saúde pública*. Rio, Tip. Americana, 1869 apud ENGEL, op. cit., 1989. p. 59.

⁴³ Cf. MACEDO, F. F. de. *Da prostituição em geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro: prophylaxia da syphilis*. Rio, Tip. Acadêmica, 1872 apud SOARES, op. cit., 1992. p. 31.

⁴⁴ Cf. ALMEIDA, Pires de; RICARDO, José. *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro); estudo sobre as perversões e inversões no instinto genital*. Rio de Janeiro, Laemmert & C. Editores, 1906 apud SOARES, op. cit., 1992. p. 22-23.

⁴⁵ Cf. J. F. de Souza. *Memória sobre as medidas a adotar contra a prostituição no país*. Rio de Janeiro, Tip. Cosmopolita, 1876 apud ENGEL, op. cit., 1989. p. 60.

⁴⁶ Cf. OLIVEIRA BORGES, José Ignacio de. *Da regulamentação da prostituição*. Rio de Janeiro, Typographia Besnard Frères, 1900, p. 71 apud SOARES, op. cit., 1992. p. 83.

“escravidão”, pois na sua concepção, os escravos gerariam em seus senhores características negativas, ou seja:

O escravo gera a preguiça, a indolência, a soberba, a vaidade, a tirania de seu senhor; opõe-se à pureza da educação, faz secar as fontes da indústria, embarga os progressos da inteligência, arrefece um pouco o fogo sagrado da religião e talvez do patriotismo; é finalmente um exemplo perene de corrupção moral.⁴⁷

Além disso, essa tese, ainda apontava duas razões pelas quais a instituição da escravidão explicaria a prostituição: a primeira pela criação de uma imagem para os pobres de ‘vergonha ao trabalho’, pois aproximavam a função deles ao trabalho escravo; e a outra, por causa da ‘influência maléfica’ que a escravidão exercia sobre a família, porque:

O negro, bronco, rude e estúpido por natureza e por educação, ignorando o que seja pudor, não compreendendo nenhum sentimento de moral ou de virtude, é de um temperamento erótico, e conseqüentemente muito libidinoso: neste estado é arrancado de suas florestas onde levava vida irracional, e lançado no meio de nossas famílias, para ser o autômato de nossas vontades e caprichos.⁴⁸

Isto posto, de acordo com o doutor Lassance Cunha as escravas corromperiam a família figurando como “amas” ou “amigas” das filhas dos senhores, e também por despertar desejo nos homens solteiros ou casados. Para o doutor, o desejo sexual, a corrupção moral, as libidinagens estavam no negro e, portanto, se eles fossem libertos, por exemplo, a depravação se instauraria em toda sociedade brasileira. O médico, com isso, demonstrava a relação do aumento da prostituição à instituição da escravidão no país.

Essa noção continuou dominando o espaço do discurso médico até mesmo depois da abolição da escravidão e a proclamação da república, através de teorias eugênicas. Isto porque, era importante difundir as supostas vantagens e assim legitimar a importância de se trazer mão-de-obra branca livre, estrangeira e assalariada para substituir os escravos.⁴⁹ No hiato entre a Lei Áurea e a instituição da República, no ano de 1890, o crime por lenocínio foi incorporado ao Código Penal brasileiro, criminalizando aquele que explorasse a prostituição, “mas a repressão à prostituição em si permanecia sem critérios definidos”⁵⁰. As autoridades

⁴⁷ H. A. L. Cunha. *Dissertação sobre a prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Tip. Imparcial de Francisco de P. Brito, 1845, p. 32 apud SOARES, op. cit., 1992. p. 19.

⁴⁸ H. A. L. Cunha. op. cit., 1845. p. 32 apud SOARES, op. cit., 1992. p. 20.

⁴⁹ ENGEL, op. cit., 1989. p. 41-42.

⁵⁰ Cf. Arts. 277 e 278 do decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. In: *Coleção das leis e decretos da República dos Estados Unidos do Brasil*, 1890 apud ENGEL, op. cit., 1989. p. 31.

procuravam nessa legislação uma forma de conter o avanço da prostituição sem encarregar a questão de frente, ou seja, o que levava às moças a esta “opção”. Até porque, pelas teorias eugenistas, não seria a conjuntura econômica uma resposta, e sim um desvio de caráter. Este novo mundo fabril onde estas moças não tinham formação para entrar, não era um ponto de pauta. Assim, a solução permanecia no uso da Lei e da repressão policial, com outras tentativas de enquadrá-las em algum crime. Nesta lógica, as autoridades continuaram perseguindo as prostitutas e enquadrando-as nos crimes de “ultraje público ao pudor” (art. 282 do Código Penal de 1890), ou nas repressões aos “dos vadios e capoeiras”, referentes ao artigo 399 do mesmo código.⁵¹

Nesse período, é possível apreender a opinião de alguns cronistas e jornalistas sendo expressas seguindo a linha dos discursos policiais de combate à prostituição. Um exemplo é a perspectiva de Ferreira da Rosa, que em 1896, escreveu sobre o “caftismo”⁵² em coluna n’*O Paiz*, intitulada *A podridão do vício*⁵³,

A prostituição, por qualquer lado que seja encarada, é uma voragem, abysmo sem fundo, monstro que se alimenta de tudo quanto a sociedade tem de mais precioso; a honra, a saúde e o pudor são virtudes que estalam entre os dentes desse asqueroso fantasma, que só distila miséria, crimes e baixeza.⁵⁴

No texto do jornal o autor defendia um discurso totalmente contrário à existência da prostituição. A crítica se refere, essencialmente, ao exercício de se prostituir, mas menciona a questão da saúde, demarca a dualidade entre “honra” e “pudor”, dois conceitos extremamente vinculados às críticas ao exercício da prostituição e de cunho moralizante. Reforçando a ideia de que a solução ao “problema” prostituição perpassava, via o manto da moral, por atitudes saneadoras, repressivas e legais.

Ferreira da Rosa defendia que “a prostituição não se justifica, nunca se justificou, nem se justificará jamais”⁵⁵ e, em sintonia ao momento vivido, “se apressa em declarar que deve todas as observações” contidas nos artigos do jornal a “uma autoridade policial do Rio de Janeiro”. O “senhor Luiz Bartholomeu de Souza e Silva, delegado do Dr. Chefe de polícia na

⁵¹ Ver mais sobre lenocínio: SCHETTINI, op. cit., 2006. p. 171-173.

⁵² Ver mais sobre o caftismo em: KUSHNIR, Beatriz. *Baile de Máscaras: mulheres judias e prostituição, as polacas e suas associações de Ajuda Mútua*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁵³ FERREIRA DA ROSA. *O Lupanar – Estudo sobre o caftismo e a prostituição no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: S/ED, 1896 (O termo se refere ao título dado a coluna escrita por Ferreira da Rosa no ano de 1896 no jornal *O Paiz*).

⁵⁴ *Ibid.*, p. 17.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 17.

4^a. Circumscrição (sic) urbana, Sacramento”.⁵⁶ Neste sentido, de sua tribuna, as páginas do jornal, amplia aos letrados da cidade e para quem esses difundiam, a cartilha do combate pela repressão policial.⁵⁷

O estabelecimento da chamada “regulamentação mitigada”⁵⁸, ficava mais clara e observável como solução ao “problema” à medida que policiais, juristas e médicos não encontravam alternativa para conter a prostituição. Uma cidade de imigrantes, com mais homens do que mulheres, sem trabalho para todos que chegavam e com uma mão-de-obra imigrante sem a formação necessária ao mundo fabril, via crescer o número dos “fora do perfil”. A estes, a solução foi pela repressão, fazê-los por si só buscar se enquadrar no perfil do trabalhador. Mas era preciso mais. Era preciso concentrar as áreas da cidade onde “essa gente”, no jargão da época, ficaria. Assim, aos poucos foi colocada em prática uma política mais incisiva de controle via a demarcação dos limites da “zona do meretrício”. Essas medidas foram desenvolvidas nas cidades de São Paulo e no Rio de Janeiro.

Em São Paulo, de autoria do delegado Cândido Motta, em 1897, institui-se o primeiro projeto de delimitação de áreas para o exercício da prostituição no Brasil. O delegado defendia que nestes locais não eram “(...) permitidos os hotéis ou conventilhos, podendo as mulheres públicas viver unicamente em domicílio particular, em número nunca excedente a três”. As janelas de suas casas deveriam ser “guarnecidas, por dentro, de cortinas duplas e, por fora, de persianas”, impedindo que se visse o que lá dentro acontecia quando fechadas. Da mesma forma que o ato de “chamar ou provocar os transeuntes por gestos ou palavras e entabular conversações com os mesmos”, não era permitido. Assim, estabeleceu que das 6 horas da manhã, nos meses de abril e setembro inclusive, e das 7 horas da tarde às 7 horas da manhã nos demais, deverão ter as persianas fechadas, de modo aos transeuntes não devassarem o interior das casas, não lhes sendo permitido conservarem-se às portas. Orientava que se deveriam “guardar toda a decência no trajar uma vez que se apresentem às janelas ou saiam à rua, para o que [deveriam] usar de vestuário que resguardem completamente o corpo e o busto”. Nos teatros e divertimentos públicos que frequentassem, ou seja, fora do espaço para a prostituição, o delegado acreditava que era igualmente o seu dever legislar. Assim, determinava que devessem “guardar todo o recato, não lhes sendo

⁵⁶ Ibid., p. 13.

⁵⁷ Ver mais sobre a repressão policial no período inicial da república: BRETAS, op. cit., 1997. p. 43.

⁵⁸ PEREIRA, op. cit., 1976 apud KUSHNIR, op. cit., 1996. p. 87.

permitido entabular conversação com homens nos corredores ou nos lugares que possam ser observados pelo público”.⁵⁹

O âmbito do controle policial foi instituído igualmente, um “Livro de Registro das prostitutas”, onde eram anotados os dados pessoais, como nome, idade, nacionalidade, profissão, residência. Essa prática se tornou recorrente e institucionalizada pelo fichamento de prostitutas na Delegacia de Costumes, sublinhando mais uma vez o controle policial sobre as ações das “meretrizes, que, não custa repetir, exerciam uma atividade não enquadrada como crime pelo Código Penal”⁶⁰. Esse controle objetivava aproximar a prostituta à imagem de criminosa, demarcando quase que a existência de uma “prostituta nata”, que fisiologicamente nasceu para tal.⁶¹

As ideias do delegado Cândido Motta sobre o confinamento de prostitutas em uma região geograficamente definida, tornou-se realidade somente a partir de meados do século 20. Colocadas em prática pela polícia brasileira, aconteceu primeiro em São Paulo, quando o interventor Adhemar de Barros, institucionalizou a prática, na década de 1940⁶². Esse exemplo seria seguido depois na cidade do Rio de Janeiro. O cronista Vivaldo Coaracy descreveu minuciosa e cuidadosamente para explicar como ocorreu a definição desses espaços entre o século 19 e 20, quando a região de meretrício chegava ao Largo do Rossio, onde hoje ficam as proximidades da Praça Onze. A região próxima ao Mangue abrangia essa “zona” que Coaracy descreveu e que era bem próxima do centro da cidade do Rio de Janeiro. O cronista expressa como, aos poucos, a região se consolidou como o principal local de prostituição do Rio de Janeiro.

A “Zona do Mangue” como ficou conhecida e imortalizada em música e pinturas, já abrigava muitas prostitutas desde meados do século 19, pela proximidade com a área do porto, aonde navios e marinheiros chegavam. Foi nos anos 1920 que a área vivenciou o seu auge.⁶³ Nas primeiras décadas do século 20, por mais que não existissem demarcações oficiais na cidade de onde era permitido o ofício da prostituição, a Lapa e o Mangue são demarcados pela sua atuação. As divisões geográficas do meretrício entre a Lapa e o Mangue tornariam respectivamente cada área como “símbolos da prostituição mais valorizada e da prostituição

⁵⁹ MOTTA, Cândido. “*Prostituição, polícia de costumes, lenocínio*”. Relatório apresentado ao Ex. De. Chefe de polícia, São Paulo, 1897 apud RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite - prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 1991. p. 113-115.

⁶⁰ FONSECA, Guido. *Crimes, criminosos e a criminalidade em São Paulo*. São Paulo: Ed. Resenha Tributária, 1988. p. 162 apud RAGO, op. cit., 1991. p. 117.

⁶¹ LOMBROSO, 1896 apud KUSHNIR, op. cit., 1996. p. 39.

⁶² RAGO, op. cit., 1991. p. 85.

⁶³ COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1955. p. 99-101.

mais pobre da cidade”⁶⁴. Isso expõe a organização econômica do status em torno do meretrício entre o alto e o baixo.

1.2 Os debates historiográficos

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar sanções.⁶⁵

A temática da prostituição sempre esteve no radar acadêmico, como demonstram as reflexões médicas e jurídicas produzidas até as três primeiras décadas do século 20 e pontuadas acima. A temática do meretrício adentra a academia no pós 2ª. Guerra pelas lutas por direitos das mulheres e igualdade nas relações, além do reposicionamento da família com o maciço ingresso da força feminina no mercado de trabalho. Desta forma, no que tange as reflexões acadêmicas a respeito do tema, o enfoque é, sobretudo, explicar sob uma ótica histórica que busque sua problematização.⁶⁶

Neste sentido, apenas para demarcar uma data, os trabalhos de Michel Foucault auxiliam a um repensar da temática da prostituição e influenciaram os estudos que vieram a público a partir da década de 1970. No campo da historiografia, trazem novas percepções e representações sobre a prostituição e a prostituta. Se Michel Foucault ilumina pelo foco da filosofia, a historiadora francesa Michelle Perrot⁶⁷ é baliza fundante nos estudos brasileiros do tema entre as décadas de 1980 e 1990.

No que tange as reflexões de Foucault, estas fomentaram debates importantes ligados à sexualidade, utilizando alguns conceitos, como: poder disciplinar e poder de soberania, entre

⁶⁴ SCHETTINI, op. cit., 2006. p.73. Ver também: CAULFIELD, Sueann. “O nascimento do Manguê: raça, nação e o controle a prostituição no Rio de Janeiro, 1850-1942”. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, pp. 43-63. 9, Jul. 2000. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167018237004>> Acesso em 20 Mar. 2017.

⁶⁵ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988, p. 10.

⁶⁶ A partir de 1929, a Escola do Annales inicia uma renovação na historiografia através de novos procedimentos metodológicos, que privilegiam a problematização das fontes para a discussão dos acontecimentos. Nesse sentido, o objetivo da problematização segue a discussão estimulada pelos historiadores dos Annales. Ver: ROSSIAUD, Jacques. *A Prostituição na Idade Média*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984.

⁶⁷ Ver: PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988; PERROT, Michelle (Org.). *A História da Vida Privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009; PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2016.

outros. As discussões propostas pelo autor sobre biopoder e biopolítica, por exemplo, mapeiam a prática dos estados modernos e sua regulação sobre aqueles que estão sujeitos, por meio de uma explosão de técnicas, para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações.⁶⁸ Segundo Foucault, as expressões da sexualidade sofrem a interferência dos discursos morais e moralizantes consolidados socialmente no tempo. Tais questões são interligadas às relações de poder e ao controle do corpo. Foucault reflete acerca das construções de controle sobre o corpo social quando os indivíduos são levados, por uma ação política de Estado a se reprimir e se moldar aos parâmetros pré-estabelecidos e em sintonia com os valores do poder vigente, seja de que tendência for. No caso da civilização ocidental, isso se estabeleceu, principalmente, dentro da tradição moral cristã. Afinal, “por que hoje em dia nos culpamos tanto por ter outrora feito dele”- o sexo - “um pecado?”.⁶⁹

Assim, o autor enfatiza a existência de ferramentas socialmente forjadas e que ditam padrões de comportamento pela via da coerção. A avaliação de Foucault vai muito além do debate sobre a questão da “hipótese repressiva”. O que chama bastante a atenção em sua obra sobre sexualidade é a reflexão sobre a tentativa historicamente construída de silenciar as expressões do sexo. Nessa concepção, os discursos incluso e calado são uma importante ferramenta de análise para compreender as relações de poder e controle reproduzidos socialmente. Para o autor a análise perpassa por

Quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o ‘fato discursivo’ global, a ‘colocação do sexo em discurso’.⁷⁰

Deste modo, por ser “preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas”, a sociedade institui espaços propícios para exprimir o “ilegítimo” e reunir personagens como “a prostituta, o cliente, o rufião”. Ou seja, um lugar específico – no território ou não –, onde os “discursos clandestinos” fossem expostos sem restrições. A concepção desse “lugar da prostituição” demonstra a expressão material do lugar deste ato marginalizado.⁷¹ A ideia de aceitar ou não a existência desta atividade, de tolera-la está sempre no foco. Da Filosofia à História, compreende-se que:

⁶⁸ Cf. FOUCAULT, op. cit., 1988.

⁶⁹ Ibid., p. 14.

⁷⁰ Ibid., p. 16.

⁷¹ Ibid., p. 10.

Muitas vezes a mulher é excluída. É-o primeiramente ao nível do relato, o qual, passadas as efusões românticas, constitui-se como a representação do acontecimento político. O positivismo opera um verdadeiro recalçamento do tema feminino e, de modo mais geral, do cotidiano.⁷²

Influenciados pela inovação que as abordagens de Foucault trouxeram, mas vislumbrando as reflexões das cidades, dos fenômenos urbanos e dos excluídos destes espaços, temos as ponderações de Michelle Perrot. No Brasil, entre outros, temos a contribuição de Stella Bresciani⁷³. Respectivamente, elas duas refletiram sobre as ações de grupos e movimentos que culturalmente ficaram à margem das narrativas históricas oficiais, como mulheres, prisioneiros e operários.

Para Perrot, as mulheres são resignificadas pelos conceitos de uma “representação dominante de uma dona de casa insignificante”, para uma mulher “ativa e resistente, guardiã das subsistências, administradora do orçamento familiar”. Isso revela que a própria “análise do poder das mulheres também é um jogo de poder”, o que mostra que o crescimento de grupos feministas que reivindicavam desde então seus espaços também buscam reforçar o poder social da mulher na história.⁷⁴

Nas reflexões de Perrot, há uma divisão entre público e privado, em que nos séculos anteriores à mulher “consistiu ordenar o poder privado, familiar e materno” dos lares. Tais ponderações trazem à tona o debate em torno do conceito de gênero: das diferenças entre os sexos, dos papéis que supostamente cabem a cada um.⁷⁵ De acordo com a historiadora, “na História e no presente, a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres”⁷⁶. Se apropriando das reflexões de Perrot, é possível afirmar que as prostitutas seriam duplamente excluídas e silenciadas pelo discurso histórico, não só masculino como também feminino.

Acredito que tanto a discussão sobre o “silêncio em relação ao sexo” que Foucault descreve, quanto o “silêncio em relação à mulher” que Perrot delineia, se complementam e auxiliam a minha análise sobre o jornal *Beijo da rua*. Tais debates contribuíram para que as Ciências Sociais e a História pudessem desvendar o que existia por detrás desse profundo emaranhado de discursos que envolvem a prostituição e que permanecia silenciado. Enquanto

⁷² PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988. p. 185.

⁷³ *Ibid.*, p. 10. Segundo Bresciani, Michelle Perrot construiu suas teorias em torno do poder dos grupos excluídos da história, permeando muito bem entre a teoria de Foucault e o marxismo.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 172.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 180.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 184.

Foucault constrói teoricamente, suas bases em uma concepção cultural do sexo, da sexualidade, Perrot busca analisar os conflitos ocasionados pela diferença entre gêneros, revigorando uma visão feminista de uma dada “virada” histórica da mulher.

Se as reflexões na primeira parte deste texto estão circunscritas a passagem dos séculos 19 e 20 no Brasil, quando o tema retorna, a partir dos anos de 1980, na seara das Ciências Humanas, outras abordagens são construídas. Uma delas apreende a ideia de que a prostituição pode não ser um “problema” para as mulheres que a praticam. Pelo contrário, pode ser sim uma forma de conquistar a sua emancipação, uma forma de extrapolar as vontades culturais herdadas numa sociedade autoritária e machista. Essa perspectiva tem um discurso que possivelmente poderia justificar a escolha da prostituição como objeto de reflexão e que estaria presente em uma noção de liberdade da mulher. Portanto, é uma concepção que vem antes do debate sobre as questões intrincadas ou não ao exercício da prostituição, que está fixada ao gênero: a ideia de que há uma mulher antes desta se prostituir.⁷⁷

Os desdobramentos da discussão reverberam nos debates culturais relacionados à disciplinarização dos corpos. Como, segundo Margareth Rago investiga, há uma política normalizadora imposta pelas fábricas e pelo poder público para exercer controle sobre o proletariado. O que significa que a saúde, a educação, a sexualidade, a cultura dos trabalhadores, a vida cotidiana nas fábricas e em seus lares eram pautados por uma forma de ser, no início da República, nas principais cidades do país, como Rio e São Paulo. De acordo com Rago, o choque de ideias entre os libertários anarquistas e o novo projeto de uma sociedade burguesa acirrou-se ainda mais quando houve essa tentativa de organização disciplinar do ambiente proletário.⁷⁸ Ou seja, as reflexões de Rago e de outros no período, esquadriham o controle também cultural que captura os trabalhadores da diversão às fábricas, do “cabaré ao lar”.

A mesma autora, ao se debruçar em outra análise, especificamente a uma época em que o centro de São Paulo dominava a geografia da prostituição feminina em cabarés, “pensões chics”, teatros e restaurantes, reunindo artistas, músicos, coristas, dançarinas, boêmios, gigolôs, prostitutas estrangeiras e brasileiras, além de empregados como choferes, garçons, arrumadeiras, cozinheiras, manicures, costureiras, porteiros e “meninos de recado”.

⁷⁷ Cf. SOIHET, Rachel. *Vivências e formas de violência: mulher de classe subalterna no Rio de Janeiro, 1890 a 1920*. São Paulo: USP, 1986.

⁷⁸ Cf. RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil – 1890/1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Com todos esses personagens, a historiadora faz um estudo etnopolítico que redimensiona todo o imaginário da sexualidade e do prostíbulo no início do século 20.⁷⁹

As concepções de Rago se aproximam das questões analisadas por Claudio Batalha. O historiador desenvolve uma contraposição à autorrepresentação do brasileiro pobre, excluído, marginalizado, como: negros, mulheres e também prostitutas; grupos que seriam sempre envolvidos de alguma forma pelos setores dominantes da sociedade brasileira, tirando qualquer ação de parte dessa população. A passividade, segundo alguns intelectuais⁸⁰, era uma característica do povo brasileiro que contribuía para o não protagonismo das classes populares, principalmente, no que diz respeito à organização e associativismo do alcance da maior parcela da sociedade brasileira.

Segundo Batalha, essa autorrepresentação construída por esses intelectuais é equivocada, pois no início do século 20, pode ser percebida uma relação de sociabilidade de diversas formas e grupos através de “sociedades dançantes, carnavalescas, esportivas e, em menor número, culturais, educacionais, sindicais, políticas que saltam das páginas dos jornais”⁸¹. Ou seja, existe no Rio de Janeiro, o grande pólo cultural do país, uma cultura associativa, que assim como Rago destaca, utiliza-se de correntes políticas comunistas e anarquistas, mas também, através da cultura e do divertimento para se organizar.

Utilizando-se da leitura do discurso médico no século 19, as reflexões de Magali Engel perpassam pela compreensão de que coube à medicina social organizar o que era tido como “caos urbano”. A prostituição fazia parte desse grande desajuste. A historiadora desenvolve uma análise sobre os textos médicos produzidos no Rio de Janeiro entre 1840 e 1890 e avalia a necessidade eugênica desenvolvidas nestes estudos para estabelecer padrões comportamentais de níveis sociais, afetivos e sexuais diante de uma lógica capitalista e burguesa.

Marcando assim, a estruturação de uma reflexão acerca das questões da sexualidade que até hoje impõe os seus limites e possibilidades, Engel pondera que:

Contribuir para a compreensão dos principais aspectos que caracterizaram a versão médica do projeto de ordenação social do espaço urbano, formulado

⁷⁹ Cf. RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite - prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

⁸⁰ Ver mais sobre os intelectuais que representam o povo brasileiro como passivos: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997; CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas - o imaginário da república no Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo. 1990.

⁸¹ BATALHA, Claudio. “Cultura associativa no Rio de Janeiro na Primeira República”. In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre Fortes (orgs). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 96.

em meio a um período de profundas transformações na cidade do Rio de Janeiro.⁸²

Para a autora, “a prostituição deve ser vista, portanto, como um espaço efetivo de resistência ao ideal da mulher frágil e submissa”⁸³.

Um debate parecido é desenvolvido por Luiz Carlos Soares⁸⁴, que na busca pela compreensão do controle da prostituição no século 19, procura estudar as publicações médicas e os relatórios dos chefes de Polícia do Município da Corte. O historiador desenvolve uma análise sobre os discursos acerca da homossexualidade, mas afirma que devido às fontes, que remetiam especificamente a prostituição masculina, teve sua reflexão comprometida. Com isso, implicitamente a mensagem o autor destaca a semelhança que temas como homossexualidade e prostituição eram tratados, ou seja, meros grupos que constituem uma marginalidade promíscua.

Dos livros não mencionados até o momento, dois são destacáveis por motivos diferentes. O primeiro deles é o de Beatriz Kushnir, que trata das relações instituídas pelas polacas nas associações de ajuda mútua por estas fundadas e que refletem “as redes de sociabilidade e solidariedade que envolveram homens e mulheres ligados ao comércio da prostituição estrangeira nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Santos”⁸⁵.

Nessa abordagem, como a própria Kushnir afirma, “o que marca a especificidade do presente texto é o objetivo de estabelecer uma história da vida privada de mulheres públicas”⁸⁶, que participaram dessas associações, por meio de documentos e relatos das polacas e seus parentes próximos. O destaque concentra-se nas relações entre fonte e objeto, pois ao mesmo tempo em que se é fonte, também se é objeto.

Utilizando-se das normas jurídicas e assim, construindo estratégias que as retirassem desse lugar, percebem-se as possibilidades de uso do *habeas corpus*. As análises de Cristiana Schettini⁸⁷ demonstram que, na recém-nascida República, esse instrumento foi usado no intuito de proteger as prostitutas presas pela Lei de 1890, que transformava o lenocínio em crime. Para Schettini, essa legislação foi uma tentativa de transferir as prostitutas residentes nas ruas Senhor dos Passos, Sete de Setembro e em seus arredores, e com isso reurbanizar a cidade do Rio de Janeiro. No entanto, surpreendentemente, as prostitutas conseguiram exercer

⁷⁹ ENGEL, op. cit., 1989, p. 21.

⁸³ Ibid., p. 27.

⁸⁴ Cf. SOARES, op. cit., 1992.

⁸⁵ KUSHNIR, Beatriz. op. cit., 1996, p 39.

⁸⁶ Ibid., p. 41.

⁸⁷ Cf. SCHETTINI, op. cit., 2006.

um direito de cidadania, um direito negado aos considerados ‘desclassificados sociais’⁸⁸, que podem ser aqueles que, em determinada época, tornaram-se excluídos. Por isso, bem relevante, é pensar sobre o nome do arcabouço jurídico que é utilizado por Schettini, o *habeas corpus* – a ação judicial com o objetivo de proteger o direito de liberdade de locomoção que foi lesado ou ameaçado por ato abusivo de autoridade, ou simplesmente, direito de ter o seu corpo livremente.

Até aqui os estudos cronologicamente estão demarcados dentro de um período que vai do império até 1930. No entanto, há outra reflexão que merece destaque e nos leva diretamente a pensar a prostituição numa perspectiva já de controle sanitário e policial do seu ambiente de trabalho. A obra *A República do Mangue: controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)*, de Juçara Leite Juçara Leite aplica em sua pesquisa acerca da prostituição no Rio de Janeiro, um recorte temporal abrangendo os anos de 1950 a 1970, e, assim, refletie sobre a existência de uma estrutura semelhante à de uma “República” democrática. Esta, para a autora, ocorria no “Mangue”, entre as regiões do Estácio e da Cidade Nova, a antiga Zona do meretrício, a região de maior concentração da prostituição carioca.

De acordo com Juçara Leite, a Zona do Mangue tinha uma organização e estrutura de controle policial instituídas pela Delegacia de Costumes, estabelecendo igualmente, um controle de doenças sexuais via o Hospital Gaffrée e Guinle. Revelando uma estrutura formada pelos policiais para, nos discursos destes, as mulheres continuarem na zona desde que previamente se submetessem aos aparatos médicos e policiais de controle. Essa Zona no Mangue foi diminuindo e cada vez mais sendo encolhida, até que sobrou uma vila ainda no Estácio, a original Vila Mimosa, atualmente transferida para a Praça da Bandeira.

A pesquisa de Juçara Leite⁸⁹ permite uma série de questionamentos, dentre elas o mito da relação entre polícia e prostitutas como amistosa, ao convívio entre prostitutas e a força policial era, para além do controle, também de exploração. Algo que dificilmente os documentos podem mostrar, mas que as relações entre polícia e marginalizados expõe quase que de forma implícita. Neste sentido, o conceito de “meretriz” estava ou está intimamente plasmada ao termo marginal. O trabalho que se vinculava a rotatividade de parceiros imputou a imagem de “depositório de doenças”, atribuída a elas a ideia de “imoralidade” por, acreditarem erroneamente, que não seguiam regras sociais.

⁸⁸ SOUZA, L. de M. e. *Desclassificados do ouro*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 14 apud ENGEL, op. cit., 1989, p. 23.

⁸⁹ Cf. LEITE, Juçara Luzia. *A República do Mangue: Controle Policial e Prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)*. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2005.

Aproximando-nos do que foi discutido em Foucault, é inevitável que a temática sobre o controle das populações não esteja no bojo das reflexões. Neste sentido, mesmo existindo diferentes métodos de controle sobre a população, como o jurídico, ou o médico, as duas formas usando metodologias próprias de controle, se assemelham quanto à incidência sobre a vida, a liberdade e a saúde daqueles grupos sociais que são representados de alguma forma, como um risco. Assim, o debate que a produção historiográfica em questão possibilita, indica a construção de um mapeamento de ideias, conceitos e métodos de trabalho no tempo, relativizando os pensamentos anteriores e trazendo a baila novas discussões a respeito da prostituta.

1.3 A construção do novo discurso sobre as prostitutas

O mundo passava por grandes transformações a partir dos anos 1960, quando a mulher e a sexualidade são repensadas, principalmente, através de grupos feministas em conjunto ao desenvolvimento de métodos contraceptivos, tornando a pílula anticoncepcional um símbolo da revolução sexual. O resultado dessa revolução cultural pode ser observado após o crescimento do número de movimentos e organizações libertárias na busca por maiores direitos civis ligados a uma característica até então não levada em conta, as suas identidades.

Nas décadas seguintes, justamente no período em que a história e a sociologia estavam desenvolvendo diversos estudos como os mencionados anteriormente, alguns eventos ocorreram para marcar fortemente o surgimento de um discurso paralelo sobre a prostituição. Nele se exigia uma nova prática de tratamento das prostitutas, sem dúvidas uma reação às violências sofridas por elas há séculos.

Em um primeiro momento, na França, especificamente em Lyon, houve uma manifestação de um grupo de prostitutas que reivindicava melhor tratamento da sociedade, na qual buscava a possibilidade de exercer seu ofício sem sofrer as constantes ações violentas da polícia. Essa mobilização que ocorrera em 2 de junho de 1975, ficou marcada como o dia internacional da prostituta. Contudo, o protesto não significou modificação do status das prostitutas pelo mundo, tanto na busca pela cidadania como também pela não estigmatização⁹⁰. Assim como no restante do mundo, no Brasil, esse é o marco das lutas por

⁹⁰ Cf. GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Brasil: Zahar Editores, 1980.

direitos das prostitutas, que é comemorado por algumas associações e organizações que defendem as prostitutas ainda hoje.⁹¹

Na mesma década, a maior zona de prostituição do Brasil, localizada no Rio de Janeiro, e tão conhecida Zona do Mangue, tinha seus dias contados. Após vários anos de combate ao *trottoir* e diminuição das casas de prostituição pelo centro do Rio, o governador Faria Lima autoriza à prefeitura do Rio a contrair empréstimos que financiassem as reformas pela região da Cidade Nova, o que incluía a desapropriação do Mangue.⁹² Um ano depois, a empresa Metrô do Rio realizou novas desapropriações com o intuito de construir uma estação na região do Estácio. A diminuição da zona do Rio fez com o tempo se concentrar ainda naquela região um número grande de prostitutas na Vila Mimososa.

Nesse momento, o Brasil passava pela ditadura, um governo conservador, cuja a própria diminuição do Mangue pode simbolizar a tentativa de moralizar e acabar com a prostituição no país. No entanto, em meio ao processo de abertura política ocorre uma manifestação de prostitutas insatisfeitas com a violência e a truculência da polícia na Boca do Lixo, em São Paulo. De fato, uma resposta às medidas violentas adotadas pelo Estado para conter a prostituição. Não há nada que indique o surgimento de uma organização nesse momento, mas o que ocorreu mostra o aparecimento da prostituta como cidadã, reivindicando um espaço social que até então lhe era negado, por ser considerada pela sociedade, sujeito desprovido de direitos e deveres. Tal manifestação ganhou destaque em alguns jornais da época, como: o *Jornal da República* estampava, em 1º de dezembro de 1979, que as “Prostitutas exigem melhores condições de trabalho” e o jornal *O Movimento*, de 23 e 30 de dezembro de 1979, lançava matérias sobre a manifestação com as respectivas manchetes “A favor da organização” e “Em defesa das prostitutas”. Apesar da manifestação, não havia uma organização sistemática através de “repertórios de ações coletivas”⁹³ em torno de um objetivo claro organizativo.

Alguns anos antes, em 1977, na cidade de Crato no Ceará, organizado pelo *Ninho* – movimento de amparo à prostituta, já teria ocorrido um encontro do grupo ligado a Pastoral da Mulher Marginalizada da Igreja Católica. Onde religiosos e sociólogos se reuniram às prostitutas supostamente com o objetivo de reintegrá-las a sociedade. Entre agosto e

⁹¹ Ver sobre manifestação de prostitutas na França: *Diário do Paraná*, Curitiba, Jun. 1975. p. 10; *O Fluminense*, Rio de Janeiro, Jun. 1975. p. 6- 9.

⁹² “Faria Lima autoriza Rio a fazer empréstimos para desapropriação no Mangue”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1 jul. 1975. p. 13.

⁹³ Ver sobre repertórios de ações coletivas, repertórios de confronto e performances: ALONSO, Angela. “Repertório, segundo Charles Tilly. História de um conceito”. *Sociologia e Antropologia*, vol. 2. n. 3, 2012. pp. 21-41.

novembro de 1980, ocorreram dois encontros regionais de prostitutas em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, promovido pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Neles, segundo os jornais da época buscavam discutir as causas e consequências da prostituição, abarcava nisso, as discussões sobre saúde, higiene, questões familiares e individuais. No entanto, aparentam ideias um pouco conservadoras sobre esses aspectos, seguindo uma concepção religiosa na transformação da prostituta. A coordenadora estadual do MOBRAL do Rio Grande do Norte, Maria de Lourdes Guerra Vale tratava a prostituta como vítima da sociedade, e isso fica claro em matérias pouco tempo depois desses encontros, através de seus depoimentos a imprensa.⁹⁴

Com isso, são demonstrados os contrastes reflexivos a respeito da prostituição no Brasil, onde daí em diante começa a se redesenhar com um discurso inovador. Durante a transição democrática⁹⁵, claramente evidenciada pela Lei de Anistia, onde o país passava por grande instabilidade e por mudanças institucionais, políticas, econômicas e sociais relevantes, como a queda do Produto Interno Bruto (PIB) e inclusive pelo acentuado desarranjo social verificado, que aumentava a lacuna entre classes sociais. Na análise de alguns eventos, é possível compreender o quanto esse período foi conturbado, porém rico para uma análise histórica mais aprofundada, pois aconteceram: os comícios das Diretas Já, a Assembleia Constituinte, a promulgação da Constituição, as eleições diretas, entre outros eventos.

Além disso, destacam-se a importância de outros fatores, como: o crescimento do rock brasileiro, o aparecimento do jovem brasileiro que vai à rua “brigar” por seus direitos e o surgimento do humor democrático.⁹⁶ Segundo Maria Paula de Araújo, existiram muitas forças e muitos atores políticos que se mobilizaram e alcançaram diferentes esferas e camadas da sociedade brasileira. Dentre os quais, estiveram presentes os estudantes, a Igreja, a imprensa, partidos políticos, entre muitos outros meios de mobilização e de atuação contra ditadura e, principalmente, pró-democracia. Ela coloca três pontos essenciais para direção da redemocratização do país: “o surgimento, desde o final da década de 1970, de um

⁹⁴ Cf. *Diário do Paraná*, Curitiba, 14 Ago. 1977. p. 4; *Diário de Pernambuco*, Recife, 14 Ago. 1977. p. 1; *Dário de Natal*, Natal, 5 Jul. 1980. p. 4; *Dário de Natal*, Natal, 26 Jul. 1980. p. 5; *O Poti*, Natal, 17 Ago. 1980. p. 17; *O Poti*, Natal, 16 Nov. 1980. p. 2; *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 18 Nov. 1980. p. 5; *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 20 Nov. 1980. p. 3; *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 Nov. 1980. p. 8; *Movimento*, Rio de Janeiro, 14 a 20 Jul. 1980. p. 10; *Manchete*, Rio de Janeiro, 1981. p. 92.

⁹⁵ QUADRAT, Samantha. *Não foi tempo perdido: os anos 80 em debate*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014, p. 7.

⁹⁶ Idem.

novo e vigoroso movimento sindical no ABC paulista [...] em segundo lugar o fim do bipartidarismo [...] e em terceiro a campanha pelas eleições diretas”⁹⁷.

As transformações que se iniciaram e foram propagadas a partir dos anos 1980, fez aparecer um grande número de grupos que reivindicavam espaços na sociedade brasileira que contrastava com o estigma econômico negativo do período. Apesar da crise econômica, houve um grande desenvolvimento sociopolítico, marcado pelo surgimento do PT, ainda um grande impulsionador da luta popular; da Central Única dos Trabalhadores (CUT); do Movimento dos Sem Terra (MST); das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)⁹⁸ e de inúmeros movimentos, entidades e partidos. Portanto, A abertura política proporcionou a possibilidade do crescimento e da proliferação de organizações sociais que queriam participar e reivindicar espaços nos debates da reestruturação democrática do Brasil. Movimentos de negros e de mulheres, associações de bairros, movimentos que lutavam por reforma agrária e tantos outros que buscavam alcançar seus direitos através da luta democrática. Tais avanços, que foram conseguidos no encaminhamento das lutas populares, seriam transformados ao longo das décadas seguintes através de “novos sujeitos”⁹⁹ e “novos movimentos sociais”¹⁰⁰.

O historiador Marcelo Ridente desenvolve uma concepção sobre o surgimento de vários movimentos revolucionários dentro do Brasil entre as décadas de 1960 e 1980, no qual me apropriado para explicar o período retratado. Pois, segundo Ridente, toda uma geração vivenciou períodos de intensas crises políticas e sociais, em que parte dessa sociedade não se conformava e, por isso, buscava uma cultura popular no passado, que tivesse autenticidade para reconstruir a nação, ou seja, um país que alcançasse ao mesmo tempo a modernidade e a desalienação das pessoas, seguindo a matriz ideológica socialista.

Para Ridente, as ideias desse período renovavam a busca por melhorias da situação econômica, social, cultural e política, e de certa forma na tentativa de resgate do futuro utópico de melhoria para todos os brasileiros.¹⁰¹ Na busca da compreensão desse período, Ridente se apoia no conceito de “romantismo revolucionário” desenvolvido por Michael

⁹⁷ ARAÚJO, M. P. N. “Lutas democráticas contra a ditadura”. In: Jorge Ferreira; Daniel Aarão Reis. (Org.). *As esquerdas no Brasil: Revolução e democracia (1964...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 3, p. 347-348.

⁹⁸ Comunidade quer dizer “agrupamentos restritos, onde vigem relações primárias, isto é, afetivas, nominais e interpessoais”; eclesial é um “qualificativo que olha para o lado religioso dessas comunidades”; base pode “designar três sentidos: os pobres (...), tecido elementar cristão (...), em oposição ao “do alto” (...)”. BOFF, Clodovis. *Comunidade Eclesial: comunidade política*. Vozes: Petrópolis, 1978, p. 51.

⁹⁹ DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 27.

¹⁰⁰ BOSHI, Raul. *A arte da associação. Política de base e democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Iuperj/Vértice, 1987, p. 25.

¹⁰¹ RIDENTE, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro, Record, 2000, p. 12.

Löwy, que expressa muito mais do que somente uma corrente artística e estética do começo do século 19. Trata-se de uma visão de mundo complexa que persiste até nossos dias, em toda parte, como resposta ao modo de vida da sociedade capitalista exercendo uma crítica à sociedade brasileira¹⁰². Segundo Ridente:

Versões diferenciadas desse romantismo estavam presentes nos movimentos sociais, políticos e culturais do período pré e pós-golpe de 1964, como os de sargentos e marinheiros, trabalhadores urbanos e rurais, estudantes e intelectuais – estes últimos mais destacados após o golpe civil-militar. Os grupos de esquerda, que procuravam organizar esses movimentos, produziram versões diferentes entre si do romantismo revolucionário: da trajetória da AP, partindo do cristianismo para chegar ao maoísmo (sempre destacando a ação, a vivência dos problemas do homem do povo, encarnado nos trabalhadores, sobretudo os rurais); passando pelo guevarismo de diversas dissidências armadas do PCB, a valorizar a necessidade de iniciar a revolução pela guerrilha rural – caso típico da ALN –; até outros grupos que pegaram em armas contra a ditadura, enfatizando a necessidade da ação revolucionária imediata. Como será exposto mais adiante, havia grupos mais românticos que outros, mas todos respiravam e ajudavam a produzir a atmosfera cultural e política do período, impregnada pelas ideias de povo, libertação e identidade nacional.¹⁰³

Essas dimensões sobre o romântico se relacionavam a movimentos das décadas de 1960 a 1980, como: o tropicalista, como o Centro Popular de Cultura (CPC), como a poesia marginal, como o desbunde, como os jornais alternativos. Essas expressões convergiram para a ascensão de uma geração que vislumbrava meios alternativos daquele viés e que os levava ao capitalismo e ao conservadorismo brasileiro, como, por exemplo, a geração que se utilizava de divulgação mimeografada ou em offset¹⁰⁴, métodos mais baratos e artesanais de se produzir cópias para distribuição de suas poesias marginalizadas.¹⁰⁵ Mas essa lógica que integra esse espectro do imaginário, de acordo com Ridente, também pode ter influenciado outras ideias na década de 1980, transmitidas através de um sentimento único de transformação da sociedade, que acredito, inclusive, circunscrever o tema - prostituição. Por isso, é importante considerar a relação analítica da ascensão de Otilia Silva Leite como liderança das prostitutas juntamente a dois fundamentais elementos constitutivos do debate

¹⁰² Cf. LÖWY, M; SAYRE, R. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

¹⁰³ RIDENTE, op. cit., 2000, p. 24.

¹⁰⁴ A impressão offset é um processo cuja essência consiste em repulsão entre água e gordura (tinta gordurosa). O nome offset - fora do lugar - vem do fato da impressão ser indireta, ou seja, a tinta passa antes por um cilindro intermediário.

¹⁰⁵ Cf. HOLLANDA, Heloisa Buarque. *26 poetas hoje: antologia*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2007.

sobre a prostituição: a Pastoral da Mulher Marginalizada e o Instituto de Estudos da Religião (ISER). Todos os dois sofrem influencia profunda da Teologia da Libertação¹⁰⁶.

Mas quem era a Otilia?

Eu nasci na classe média baixa paulista, filha de um comerciante boêmio de cabeça liberal e uma dona de casa conservadora. Fui para a Universidade na década de 70 num período em que a esquerda tinha duas preocupações: combater a ditadura e observar a revolução sexual que chegava da Europa. Eu estudava sociologia na USP (Universidade de São Paulo) e me encaixei na esquerda da revolução sexual. Vinha de uma educação em que as meninas tinham que casar virgens sob pena de expulsão de casa. Quando a poeira baixou todo mundo da esquerda ficou meio sem rumo, com a bandeira da vanguarda na mão. Não conseguia arrumar emprego, já tinha saído de casa e tive de abandonar a faculdade porque uma tremenda recessão assolava o país. Ficava nas madrugadas bebendo cerveja nos botequins com os amigos de esquerda, discutindo sexo. Quando não dava mais pra ficar desempregada decidi trabalhar na prostituição. Estava com 25 anos e fui para a Boca do Luxo (SP), onde sabia que existiam boates de prostituição.¹⁰⁷

Se, de um lado, a história narrada acima apresenta características comuns a muitas trajetórias vividas por mulheres nos mesmos contextos sociais, políticos e econômicos do período a que ela abrange. Por outro, o status que seria convencional dessa história modificava-se quando a fala menciona exatamente qual o trabalho a que essa mulher escolheu - a prostituição.

Essa narrativa cabe a Otilia Silva Leite, que transformou seu pseudônimo “na vida” em Gabriela, marcando sua identidade pelo resto de sua trajetória. O que faz dessa mulher diferenciada é o discurso que propaga a partir da década de 1980, principalmente na imprensa, de que a prostituição era uma “opção” de vida. Uma trajetória que chama a atenção pelo incomum modo como a interlocutora fala de si, uma forma de se expressar sobre a prostituição que marca o início da propagação de uma nova forma de “ver” e representar a

¹⁰⁶ A Teologia da Libertação mostrava os pecados em níveis sociais, humanísticos e religiosos que imputam aos oprimidos e “pobres” e utilizava seu método próprio para romper com a situação de injustiça da sociedade. Tal método tinha três etapas: ver, julgar e agir. Ou seja, em primeiro, a observação e a análise sobre o oprimido; em segundo, o questionamento e a interpretação da leitura sobre o oprimido; e, por último, a operação e a ação para solucionar os problemas do oprimido. Ver mais sobre a TL: Cf. Documento “Instruções sobre alguns aspectos da teologia da libertação”, escrito pelo Papa João Paulo II em 06 de agosto de 1984. [...] Movimento teológico e pastoral conhecido como teologia da libertação: num primeiro momento nos países da América Latina, marcados pela herança religiosa e cultural do cristianismo; em seguida, nas outras regiões do Terceiro Mundo, bem como em alguns ambientes dos países industrializados. [...] Designa primeiramente uma preocupação privilegiada, geradora de compromisso pela justiça, voltada para os pobres e vítimas da opressão. Essa é uma definição da própria Igreja Católica, mas muitos teólogos escreveram a respeito dessa teologia, enfatizando que ela se desenvolveu nos núcleos comunitários cristãos mais empobrecidos e necessitados. Entre eles: Leonardo Boff, Clodovis Boff, Frei Betto, Gustavo Gutiérrez, José Oscar Beozzo e muitos outros.

¹⁰⁷ “As prostitutas se organizam”. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 jul. 1987, p. 13.

prostituição. A partir de então foi construída uma nova imagem da prostituição que fez com que ela se transformasse na principal porta voz dessa narrativa, mas não somente a única.

Com a ascensão dessa nova concepção sobre o que é ser prostituta, Gabriela se torna referência, a quem todos buscavam para ouvir dessa novidade. Ela era a liderança e fundadora de uma série de reflexões ligadas ao tema: da cidadania das prostitutas, da escolha do trabalho¹⁰⁸, da marginalização da prostituição, ou do conservadorismo da sociedade em relação ao sexo comercializado. Para ela, o Brasil era uma sociedade extremamente careta, pois a prostituição deveria ser tratada como qualquer outro comércio. Dela também partiu a crítica tanto à direita que considerava conservadora, pois se alicerçava na moral cristã como impeditivo da prostituição, assim também como à esquerda vitimizadora, que incutia na prostituta um caráter de vítima da sociedade capitalista e machista.¹⁰⁹

Concomitantemente, existia no Brasil a Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM), criada na década de 1970, um grupo ligado à hierarquia da Igreja Católica, mas que seguia a linha progressista dentro da instituição. Na pastoral havia o trabalho de busca pelos direitos civis e sociais com várias mulheres marginalizadas: prostitutas, negras, pobres, entre outras. É importante salientar que essas pastorais tiveram papel fundamental na fomentação e no incentivo da constituição de vários dos grupos que ascendiam politicamente durante a redemocratização, sobretudo, através das CEBs. Sendo assim, as pastorais serviram para intermediar a reunião de grupos que se identificavam de alguma maneira, como as prostitutas que participaram da PMM, e que apesar de viver em diversos municípios e estados pelo país tiveram a oportunidade de se aproximarem. Lourdes Barreto, prostituta do Pará, outra figura importante nesse cenário da prostituição, conheceu “a Gabriela em 84, em Jundiaí, num encontro da Pastoral” local que segundo Lourdes foram muito discriminadas por falarem abertamente sobre a prostituição.¹¹⁰

Inicialmente, Gabriela e Lourdes estabeleceram uma relação amistosa com os integrantes da pastoral, que contribuiu, inclusive, para a participação em vários eventos que se debatiam as questões que infringiam as mulheres. Como o que aconteceu em 18 de julho de

¹⁰⁸ Antes de Gabriela Leite instituir, não havia uma discussão aberta sobre querer ser prostituta. As mais variadas causas eram implicadas à vida da mulher que se tornava prostituta. Mas nenhuma era abertamente declarada como escolha.

¹⁰⁹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 jul. 1987, p.14.

¹¹⁰ LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. *Histórias da AIDS no Brasil: A sociedade civil se organiza pela luta contra*. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, 2015, p. 296.

1984: “Mulher: Prostituição, Racismo e Violência”¹¹¹. Evento do 6º Encontro Nacional da Pastoral da Mulher Marginalizada, que reuniu quinhentas pessoas em Salvador, na Bahia.¹¹²

Dessa relação com a pastoral, o discurso de Gabriela reverberou se juntando a outros discursos e interesses comuns de mobilização das prostitutas do Brasil, como, por exemplo, o de Lourdes Barreto. Em entrevista ao jornal *Mulherio*, Gabriela Leite, conta sua trajetória de vida relacionando à essência do pensamento que está presente nesse “novo” discurso sobre a prostituição:

Acho que só me assumi realmente como mulher quando fui pra prostituição. Me humanizei e cresci aí como mulher. O fato de estudado me traz uma responsabilidade maior. Eu não era a menina do nordeste que engravidou, foi rejeitada pela família e foi parar na zona. Hoje, existem outras mulheres optando pela prostituição como eu.¹¹³

Através dessa responsabilidade que acredita ter, se torna referência e porta-voz desse discurso pela opção de ser prostituta. O discurso ganhou eco entre outras esferas da sociedade, principalmente, quando Gabriela começou a trabalhar no ISER em meados de 1980.

Antes de qualquer coisa também é importante conhecer um pouco sobre o ISER e alguns de seus integrantes, uma organização surgida ainda na década de 1970 em que “vários sociólogos, ligados a Universidade de Campinas, criaram o Instituto de Estudos da Religião (...) uma organização autônoma, independente da universidade”¹¹⁴. Com isso, fundamentalmente, através do meio acadêmico, foi possível desenvolver o estudo religioso sem intervenção de instituições eclesiais, fossem elas de quaisquer religiões.

Poucas são as fontes que mostram o surgimento desse instituto na década de 1970, mas é evidente que suas publicações, seus artigos e seus integrantes tinham uma origem nos estudos teológicos, como as discussões sobre uma sociologia do protestantismo. Com o passar dos anos o ISER ampliou a sua abrangência de pesquisa, começando a desenvolver estudos sobre as mais diversas áreas, dentre eles, aqueles considerados relevantes para a pluralidade social, cultural e política da população brasileira. Essa produção ligada à literatura religiosa foi muito frutífera, e teve como viés o marxismo de crítica à religião e ao cristianismo conservador, inclusive, muitos dos textos produzidos se aproximavam das ideias da Teologia

¹¹¹ *Mulherio*. São Paulo, set./ out. 1984. Teologia da Libertação, p. 12-13.

¹¹² Sobre a Pastoral da Mulher Marginalizada, ver: SKACKAUSKAS, Andreia. *Prostituição, gênero e direitos: noções e tensões nas relações entre prostitutas e Pastoral da Mulher Marginalizada*. Campinas: UNICAMP. 2014.

¹¹³ *Mulherio*, op. cit., 1984, p. 12-13.

¹¹⁴ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 Mai. 1977, p. 2.

da Libertação, partindo para a análise crítica da sociedade brasileira através de uma ótica religiosa mais progressista.

Mesmo com a ditadura chegando ao fim, a polícia política ainda permanecia com fortes mecanismos de intimidação e tentativas de controle. O ISER, assim como seus integrantes, aos poucos chamava a atenção da polícia que durante a ditadura rastreava qualquer possibilidade de subversão. Isso fica claro quando encontrado alguns vestígios de investigação da polícia, no final de 1970 e início de 1980, de determinadas participações da instituição em alguns eventos. Além disso, pode-se perceber a relação que o ISER mantinha com outras organizações religiosas consideradas subversivas pelos militares, entre elas, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Essa característica que marca o ISER como organização de esquerda também demonstra ideologicamente o que ele representava.

Entre 1980 e 1989, o ISER se destacava muito mais na imprensa brasileira que na década anterior. Ele acumula cerca de sessenta e quatro referências nas páginas de vários jornais, entre eles: *Jornal do Brasil*, *O Fluminense*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal dos Sports*, *Mulherio*, *Jornal do Commercio*, *Correio de notícias*, *Diário do Pará*, *Diário de Natal*, *O Liberal*¹¹⁵. Certamente, acrescentando-se ao fato que o país passava por um período de transição democrática – período de liberdade de imprensa - o ISER aparece constantemente devido a variedade de grupos a que se relacionava e aos ambientes que circulava. Nos jornais, o ISER é citado por vários aspectos: através dos eventos acadêmicos como pela promoção de cursos, palestras e seminários; por causa de eventos ecumênicos discutindo a religião; e também pelo surgimento do debate da prostituição dentro da instituição. Essa última corresponde a maior parte do aparecimento na imprensa do instituto.

O discurso foi ganhando “corpo” através da organização das prostitutas nesse período, e a organização foi possível pela integração de vários fatores. O primeiro foi a relação estabelecida entre as prostitutas ainda na pastoral, e depois a participação do ISER, diria fundamental, que como instituição conseguiu conquistar um espaço na sociedade dos anos 1980. O ISER conseguia reunir parcerias com a Igreja Católica e a Igreja Metodista, prova disso são alguns eventos organizados pelo ISER dentro da faculdade Bennett, uma instituição que pertencia à Igreja Metodista.¹¹⁶

¹¹⁵ Dentre os dez jornais citados 4 são do Rio de Janeiro, 2 do Pará, 1 de São Paulo, 1 do Paraná, 1 do Rio Grande do Norte e 1 do Amazonas. Essas referências mostram que o ISER ficou conhecido em vários estados.

¹¹⁶ Fundo Polícias políticas. APERJ. Setor DGIE.

Essa relação entre ISER e Gabriela foi se desenvolvendo e se transformou em um programa em meados de 1980, nomeado: Programa Prostituição e Religiosidade¹¹⁷. A coordenação do programa coube a Gabriela, que começou a incentivar a estruturação de ações de direitos humanos e cidadania que atendessem as necessidades das prostitutas, desenvolvendo fundamentalmente meios de combate a sua marginalização e seus estigmas. Em torno da organização desse projeto o novo “olhar” sobre a prostituição se desenvolve com um caráter mais científico, devido à instituição ter reunido vários intelectuais e pesquisadores. Ele compreende, sobretudo, uma ideia de que a prostituta estaria ali por escolha, que o “problema” estaria no restante da sociedade, que não sabe lidar com a sua sexualidade. O programa estabelece uma relação clara com o período contextual que o Brasil vivia. A busca de direitos civis foi uma luta comum a grande parte dos grupos e movimentos que buscavam se inserir nesse novo contexto de democracia.

Dos personagens que participaram na construção do programa foi estabelecida uma relação entre diversos intelectuais de esquerda e as prostitutas, o que fez da luta por direitos dessas mulheres se expandirem também pelo meio acadêmico, não só como organização das prostitutas, mas também enquanto grupo. Naquela conjuntura, esse “novo discurso” sobre a prostituição marca a junção entre teoria e prática no que diz respeito ao tema. O domínio da “fala” sobre a prostituição ficou aprisionado a essa vertente assumida por um grupo heterogêneo constituído, mormente, por intelectuais de esquerda e as prostitutas, gerando por meio dessa união, intelectuais que vivem entre a teoria e a prática.¹¹⁸ Os dois juntos buscam resignificar a prostituição que até então, como já foi visto, tinham definições construídas a partir de outros enfoques que não da própria prostituta.

Havia a tentativa de mobilização tanto do ISER quanto da Gabriela em organizar as prostitutas, estruturar as lutas, as pautas, os repertórios do grupo, e também, por esta razão, houve essa aproximação à pastoral, principalmente, porque ela contribuiu para o reconhecimento dos direitos que as prostitutas buscavam. Contudo, os conflitos de cunho ideológico ficaram mais explícitos na medida em que, segundo a Gabriela a igreja “falava” em “recuperar” as prostitutas como a um vício, um “mal”, enquanto ela reafirmava a opção em ser prostituta buscando a aceitação da sociedade. Isso fez com que, por causa da divergência nos discursos, tanto o grupo liderado por Gabriela quanto a Pastoral da Mulher

¹¹⁷ A partir de 1988 o ISER o renomeia em Programa Prostituição e Direitos Civis.

¹¹⁸ Remeto aqui ao conceito desenvolvido por Gramsci, sobre os tipos de intelectuais que ele difere entre intelectuais tradicionais e intelectuais orgânicos. Nesse caso, o intelectual formado a partir da sua prática de vivência diária era o intelectual orgânico. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: os intelectuais, o princípio educativo, jornalistas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2002, V. 2, p. 15-16.

Marginalizada seguissem caminhos independentes, e transmitindo mensagens de certa forma opostas.¹¹⁹

Ademais, os discursos da prostituição também se relacionavam a vários aspectos do contexto da década de 1980, como a busca de cidadania. Na *Tribuna da Imprensa*, em uma entrevista no ano de 1987, Gabriela Leite, “fala” sobre a possibilidade de escrever um documento para ser enviado à Constituinte durante o I Encontro Nacional de Prostitutas¹²⁰. O encontro foi promovido pelas prostitutas com o apoio do Programa do ISER que naquele momento passou a se chamar Prostituição e Direitos civis e reuniu várias mulheres de diferentes regiões em dois locais distintos entre os dias 21 e 23 de julho de 1987 no Rio de Janeiro.

Para que esse encontro seja vitorioso é preciso que ao final dele as prostitutas saiam com a sensação de terem estado num espaço delas, coisa que nunca sentiram. Daí teremos dado o primeiro passo para o reconhecimento da cidadania um dia. Acho que será o primeiro passo desse tipo na América Latina.¹²¹

Nesse sentido, a partir do I Encontro, algumas iniciativas foram tomadas, que podem ser consideradas respostas à violência policial, ao estigma dessas mulheres e aos embates vivenciados até o momento, para unir as prostitutas de todo o país. A primeira delas foi a criação da Rede Brasileira de Prostitutas (RBP), que disseminava o discurso da profissionalização da prostituição, incentivando o desenvolvimento de associações e organizações que tinham como função tentar reunir as prostitutas regionalmente. Então, de forma fragmentada aos poucos surgiram grupos que transpassavam as principais reivindicações da RBP. A segunda delas, a criação do jornal *Beijo da rua*.

No dia 10 de dezembro de 1987, a recém-formada Rede Brasileira de Prostitutas organizou no Rio de Janeiro um ato público chamado "O Mangue Resiste" contra a remoção da antiga Vila Mimosa do Mangue. O evento foi realizado no Circo Voador, e contou com apoio de artistas e escritores da época. Não podendo estar presente, Jorge Amado enviou um texto que, mesmo escrito trinta anos atrás, ainda remete ao que as prostitutas têm vivenciado durante os processos contemporâneos de "limpeza urbana" e "revitalização", como pode ser observado no trecho transcrito abaixo:

¹¹⁹ *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1987, p. 13.

¹²⁰ Cf. *Diário de Natal*. Natal, 20 jul. 1980, p. 10; *Diário de Natal*. Natal, 19 nov. 1980, p. 5; Entre Julho e novembro de 1980 ocorreram dois encontros de prostitutas, que apesar do nome similar foram organizados por grupos e ideias distintas. Nesses encontros o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) esteve a frente da organização dos eventos e tinha uma ideia contrária ao encontro promovido em 1987 pelo grupo ligado ao Programa Prostituição e Religiosidade.

¹²¹ Idem.

Meu desejo seria estar presente, em pessoa, ao ato público do 10 de dezembro, no Circo Voador, para assegurar minha total solidariedade à Rede Nacional de Prostitutas engajada em luta dura e difícil para denunciar as violências de que estão sendo vítimas os habitantes da região do Mangue, em especial as prostitutas, às quais são negados quaisquer direitos, os mais mínimos, vítimas de ‘grilagem urbana, especulação imobiliária, corrupção e irregularidades administrativas e discriminações sociais’. O que está sucedendo é algo monstruoso e deve despertar a indignação de cada um de nós, de todos os que desejamos o fim do arbítrio e da discriminação.¹²²

De forma paralela nascia naquele período a primeira associação de prostitutas do Brasil, a Associação de Prostitutas do Estado do Rio de Janeiro, que tinha sede na Vila Mimosa, onde foi fundada em 29 de setembro de 1987. Tendo como sua primeira e única presidente Euridice Francisco Coelho¹²³, a associação durou até 1995, quando houve a mudança da Vila Mimosa para a região da Praça da Bandeira.¹²⁴ No estatuto de criação tem um pequeno texto em que descreve que o “movimento de prostitutas no Rio de Janeiro teve seu início com a mobilização da comunidade de Vila Mimoso (sic), no ano de 1983”¹²⁵, como o documento afirma para conseguir um espaço junto à prefeitura para construir uma escola no bairro do Estácio. Como afirma, afirma Eurídice:

Nunca tive vergonha de ser prostituta porque a pior prostituição é aquela que não queremos ver: a governamental. Todos nós somos prostituídos quando o governo aumenta a passagem dos ônibus, o colégio das crianças ou aceitamos um salário-mínimo de miséria. No fundo, a sociedade é muito hipócrita. Quando as prostitutas vão ao banco pagar seus impostos, ninguém pergunta como elas ganharam o dinheiro. [...] Se avaliarmos direito, todos nós contemos nossas emoções. Por exemplo, o artista representa várias personagens, mas qual delas ele gostaria de ser? Será que ele gostaria de ser alguma de suas personagens? A prostituta separa muito bem essa questão. Ela sabe que seu corpo é seu instrumento de trabalho. Quando ela está representando. Mas todos nós representamos. A única diferença entre a prostituta e os outros trabalhadores é como ela vende sua força de trabalho.¹²⁶

¹²² BR RJ APERJ DV. Carta de Jorge Amado.

¹²³ Sobre a presidência de Euridice, ver: “A prostituição e a camisinha”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 3 Jun. 1988; ARAÚJO, Vera. “Vila Mimosa faz exames em 56”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 Dez. 1990. Euridice Coelho começou na prostituição desde o tempo da zona do Mangue, foi filiada ao Partido dos Trabalhadores, candidata a vereadora nas eleições de 1988 e 1992, na primeira pela cidade de São Gonçalo, onde vive, e na segunda pelo Rio de Janeiro.

¹²⁴ Ver sobre Associação de prostitutas no Rio: Acervo da Associação de Prostitutas do Estado do Rio de Janeiro. APERJ; “A prostituição e a camisinha”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 3 Jun. 1988; ARAÚJO, Vera. “Vila Mimosa faz exames em 56”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 Dez. 1990.

¹²⁵ Documento APERJ. Acervo da Associação de Prostitutas do Estado do Rio de Janeiro. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

¹²⁶ Boletim Nacional do Partido dos Trabalhadores, nº 49, março de 1990 apud *Mulheres do PT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2 Set. 2011. p. 146. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/09-5.perseu7.documentos.pdf>>. Acesso em: 01 Set. 2018.

Sendo assim, estava a se constituir um grupo de prostitutas que com a ajuda inicial da PMM e do ISER, sob a liderança de Gabriela Leite, e a parceria com outras importantes prostitutas no cenário político nacional, como Lourdes Barreto, Eurídice Coelho, entre outras, fez eclodir uma ideia, um conceito de prostituta que até então não era apresentada. São vários grupos que formam um movimento de prostitutas, uma característica nesse momento de fragmentação e capilaridade, um modelo inclusive parecido com as estratégias de multiplicação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB) na década de 1980.

A partir do início dos anos 1990 há o surgimento de outras associações de prostitutas pelo Brasil. Todas elas tinham uma perspectiva uníssona, representada pela RBP, o intuito de disseminar novas ideias e lutas pela defesa das prostitutas, fosse pelo: reconhecimento de direitos, regulamentação profissional, respeito e não estigmatização em relação às DST's e AIDS.

1.4 Algumas reflexões contemporâneas e a ampliação do debate público sobre as “profissionais do sexo”

Após a ascensão e organização das prostitutas, com o desenrolar de um novo discurso a respeito da prostituição na década de 1980, o número de pesquisas, artigos e debates sobre o tema multiplicaram-se nas décadas seguintes, essencialmente, a partir dos anos 2000. As novas representações da prostituição foram geradoras de um diálogo amplo pela sociedade civil, um debate público surgido da reverberação do período de organização anterior. Discussões sobre tráfico de mulheres, exploração sexual de adultos e crianças, prostituição nos espaços urbanos, turismo sexual, organização das prostitutas, prostituição e doenças, gênero e sexualidade.

As noções contemporâneas da prostituição estão atreladas a diferentes matizes científicas, entre eles do direito, da sociologia, do jornalismo, da psicologia. Ideias que surgem de novas reflexões que vão além da discussão historiográfica já desenvolvida em tópico anterior. São perspectivas que se difundem a partir de discussões distintas, apesar de se relacionarem. Como, por exemplo, o debate sobre as leis, que não se aplicam em outras temáticas, mas se fazem importantes para compreensão dos fundamentos morais que concebem tais arcabouços legislativos e que integram a sociedade, modificando ou mantendo no imaginário das pessoas a prostituição.

Algumas discussões contemporâneas devem fazer parte da análise como continuidade da organização desse movimento, inclusive porque muitos dos que escrevem e se expressam atualmente estão inseridos nas associações ou organizações de prostitutas criadas nas décadas anteriores. Assim sendo, é necessário fazer um levantamento e avaliação das principais questões que aparecem publicamente, tanto na academia quanto na internet, sendo um grande termômetro dos debates públicos que ocorrem atualmente. Portanto, é importante discorrer brevemente sobre alguns textos e autores que refletem a respeito dos temas que permeiam a prostituição. Assim também como é importante destacar a relação entre debates historiográficos e a organização de prostitutas. Pois da relação deles podemos extrair uma atmosfera frutífera de produção acadêmica na antropologia e mesmo em outras áreas de conhecimento a respeito da prostituição.

Limitando-se aos debates da realidade brasileira, os autores respondem a uma demanda por respostas razoáveis a própria lacuna existente no debate acadêmico, algumas delas serão expostas a partir dos próximos capítulos, quando adentrar na busca pelo conhecimento dos documentos produzidos pela Davida e no *Beijo da rua*.

Sendo assim, dois pólos importantes de discussões sobre gênero, sexualidade, prostituição enriquecem as teorias acadêmicas, o Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, da Universidade de Campinas (Unicamp), e o Observatório da Prostituição, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esses dois lócus são grandes representantes dos debates a respeito do tema, mesmo que permeados por outros conceitos e discussões. Neles sobressaem-se alguns pesquisadores, como: Adriana Piscitelli, Andreia Skackauskas, José Miguel Nieto, Soraya Simões, Elaine Bortolanza, Thaddeus Blanchette, Ana Paula Silva, Flavio Lenz e Laura Murray, para citar alguns desses pesquisadores.

É possível analisar vários dos autores acima através da leitura de uma única obra, *Prostituição e outras formas de amor*¹²⁷, um livro que condensa reflexões muito próximas, das reverberadas pelos discursos de Gabriela Leite e do movimento de prostitutas. Assim como ele nos revela sobre seu título através de Soraya Simões:

O que pensar a partir dessa sentença, uma vez que já vai longe o processo de construção de um olhar sobre a prostituição que a vê destacada de *qualquer* forma de amor? Considerar seriamente essa sentença exige situar a prostituição em meio a um processo de constituído por uma série de engajamentos entre diferentes atores, em situações e contextos socioculturais diversos, e não a partir de critérios escamoteadores de fundamentações

¹²⁷ Cf. SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio R.S.; MORAES, Aparecida Fonseca. *Prostituição e outras formas de amor*. Niterói: EdUFF, 2014.

morais que, por princípio, excluem desse campo o que nele pode haver de positivo, de escolha, de afeto, de lúdico, de político.¹²⁸

As discussões entre os acadêmicos - fosse este participante ou não de alguma associação de prostitutas ou de grupos e ONGs que integrem o movimento social de prostitutas - possibilitou a amplificação das suas interferências sobre o tema. A partir dessa interação houve uma mudança das próprias características do movimento de prostitutas, que se fortaleceu com a inserção de intelectuais e a própria universidade no desenvolvimento de discursos que desmistificassem os debates públicos de outros períodos. Tornando-se cada vez mais comum em suas “trincheiras” unir acadêmicos e prostitutas. E essa noção ainda persiste até hoje, na demonstração de que a universidade se consolida como grande interlocutor através de antropólogos, cientistas políticos, psicólogos, entre muitas outras áreas de conhecimento que estudam a prostituição.

A partir das análises de Adriana Piscitelli, se encontram as discussões fundamentais contemporâneas da prostituição, como: a relação entre prostituição e tráfico de pessoas ou prostituição e “feminismos”. Piscitelli, nas últimas décadas, tem influenciado todos aqueles que discutem a temática.¹²⁹ E entre os grandes problemas a que Piscitelli se refere, está a legislação vigente que não proíbe, mas pune ainda hoje as principais atividades que estão em torno da prostituição. Ou seja, no Brasil é seguida uma vertente abolicionista. E, por isso, insere tudo em torno da prostituição na clandestinidade.

Essa discussão já foi anteriormente tratada aqui, mas em outra conjuntura histórica. O certame atualmente, inclusive, tem outra vertente das antes citadas abolicionista, proibicionista e regulamentarista. Hoje se tem em ampla rede de argumentação um modelo trabalhista ou laboral, na qual o que deve regular a prostituição são leis trabalhistas, como no caso de qualquer profissão, e não mais o código penal. Assim, ela não pode ser tratada como marginal, sendo proibida ou regulamentada. Afastando também a recriminação sobre aqueles que estão próximos da prostituição.

O novo modelo prevê uma discussão mais aberta da prostituição como profissão, assim como qualquer uma. Piscitelli ao descrever essa ideia, inclusive, traz discussões sobre os trabalhos emocionais, como médicos, policiais, entre outros, comparados à prostituição, que deveriam abdicar de sua vontade emocional para satisfazer a outrem. Uma discussão, que

¹²⁸ Ibid., p. 9.

¹²⁹ Cf. PISCITELLI, A. G. “Tensões, tráfico de pessoas, prostituição e feminismos no Brasil”. In: Feldman Bianco Bela. (Org.). *Desafios da antropologia brasileira*. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2013.

no Brasil, surge, principalmente, a partir da década de 1980 com despertar do movimento de prostitutas.¹³⁰

Na reflexão de alguns dos pesquisadores se pode encontrar interação entre temas, como por exemplo, nos textos de Flavio Lenz¹³¹ e Andreia Skackauskas¹³². Resguardadas as devidas proporções, já que Lenz participa desde o início da organização das prostitutas, eles sustentam suas discussões no movimento de prostitutas. O primeiro, especificamente, desenvolveu um trabalho discutindo as comparações das representações da prostituição da saúde e do Terceiro setor. Trabalho, inclusive, que aborda o jornal *Beijo da rua* como uma estratégia de comunicação do movimento de prostitutas. A segunda, é uma socióloga que estudou primeiro o desenvolvimento da *Davida*, em sua dissertação de mestrado, e no doutorado desenvolveu uma pesquisa sobre a relação entre prostitutas e a Pastoral da Mulher Marginalizada. Nessas duas faz uma análise bem próxima da conjuntura de organização das prostitutas a que será discutido nos próximos capítulos.

Outros debates pautam temas variados como dispostos acima, entre eles à discussão sobre prostituição e turismo sexual, que é bem desenvolvida pelos antropólogos Thaddeus Gregory Blanchette e Ana Paula Silva no Rio de Janeiro, quando descrevem e analisam a boate *Help* em Copacabana. As noções de turismo sexual sempre estigmatizada no Brasil, como um fator negativo, principalmente por causa das leis trabalhistas brasileiras se tornariam uma barreira ao desenvolvimento do comércio sexual.¹³³ Um debate associado ao pensamento de Piscitelli, a respeito de uma nova vertente legislativa sobre a prostituição, a trabalhista.

¹³⁰ Cf. PISCITELLI, A. G. *Exploração sexual, trabalho sexual, noções, limites*. Apresentação de Trabalho seminário: Corpos, sexualidades e feminilidades. UERJ, 2012.

¹³¹ Cf. LENZ, Flavio. *Daspu: a moda sem vergonha*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008; Cf. LENZ, Flavio. *O Estado da Saúde e a “doença” das prostitutas: uma análise das representações da prostituição nos discursos do SUS e do Terceiro Setor*. 2011. Monografia (Especialista em Comunicação e saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011; LENZ, Flavio; PEREIRA DE ANDRADE, Ana Beatriz; PERAZZI DE AQUINO, Henrique. *Beijo da rua, um jornal com a voz das prostitutas*. Bauru: Abr. 2015. Disponível em: <<https://www.faac.unesp.br/Home/Departamentos/ComunicacaoSocial/midiacidada/dt5-19.pdf>> Acesso em 15 Jul. 2016.

¹³² Cf. SKACKAUSKAS, Andreia. *Prostituição, gênero e direitos: noções e tensões nas relações entre prostitutas e Pastoral da Mulher Marginalizada*. Campinas: UNICAMP. 2014.

¹³³ Cf. BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. “Fariseus” e “gringos bons”: masculinidade e turismo sexual em Copacabana. Disponível em: <<https://observatoriodaprostituicao.files.wordpress.com/2014/05/fariseus-v29-corrigido-final.pdf>> Acesso em 17 dez 2017; BLANCHETTE, Thaddeus Gregory, SILVA, Ana Paula. *Putas, playas e Hell's Angels: turismo sexual, classe, raça e mestiçagem em Copacabana*. Disponível em: <<https://observatoriodaprostituicao.files.wordpress.com/2014/05/putas-playas-e-os-hells-angels-v-9.pdf>> Acesso em 17 dez 2017; BLANCHETTE, Thaddeus Gregory, SILVA, Ana Paula. “Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. Disponível em: <<https://observatoriodaprostituicao.files.wordpress.com/2014/05/nossa-senhora-da-help1.pdf>> Acesso em 17 dez 2017.

Os locais de trabalho da prostituição, “as zonas”, assim como experiências de mulheres que trabalham “na vida” resume-se nas ideias do antropólogo José Miguel Nieto¹³⁴, na perspectiva de compreensão de “zonas simbólicas”, diferentemente psicologia evidenciada por Elaine Bortolanza, que destaca as “zonas de promiscuidade”, a sexualidade e o erotismo fora dos padrões normativos da sociedade brasileira.

Por último, destaco as discussões que Laura Murray desenvolve através de reflexões sobre a campanha política de Gabriela Leite a deputada federal, na qual filmou, e sobre algumas observações feitas durante as gravações de “Um beijo para Gabriela”, pode colocar o ativismo e academia bem próximos.

Esse colaboracionismo entre academia e ativismo, ou um ativismo-acadêmico, é uma constante no desenvolvimento de um debate público. A estratégia de agregar cada vez mais a academia ao desenvolvimento de movimento social parece cada vez mais sintomática, e estendo essa percepção ao governo, principalmente, a partir do ano de 2003, em que o presidente Luis Inácio Lula da Silva chega ao poder, e de fato muitos dos movimentos sociais se tornam integrantes ou participantes do governo. Flavio Lenz, afirma que essa aproximação extrema dos movimentos sociais do governo dificultou a relação entre ambos, e afirma que “ou você é governo ou você é movimento social, você não pode ser os dois”. Afirma dentro de uma prerrogativa de que o movimento social funciona paralelo ao governo.

Para além dessa discussão academicista, é possível perceber algumas discussões sobre prostituição através das redes sociais, blogs, sites, pensando uma noção mais abrangente do debate público propiciado pelas discussões levantadas. Neles alguns modelos aparecem de forma evidenciada na cabeça das pessoas, tanto que qualquer pesquisa feita na internet é possível encontrar debates em fóruns e artigos sejam jurídicos, sociológicos ou políticos na defesa de um dos modelos a que a prostituição fica submetida, ou mesmo, em uma miscelânea entre qualquer um deles.

Em pesquisa empiricamente feita através do acesso à internet, ao escrever na ferramenta de busca *Google* e mandar pesquisar a frase “debate sobre prostituição”¹³⁵,

¹³⁴ Cf. OLIVAR, J. M. N. “Rua Garibaldi , 2007... gênero, eficácia e predação na atualização da ‘zona’”. In: SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio R.S.; MORAES, Aparecida Fonseca. *Prostituição e outras formas de amor*. Niterói: EdUFF, 2014. p. 467- 498.

¹³⁵ Cf. ABREU, Kátia. *Debate: a prostituição deveria ser regulamentada?*. 4 jul. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/debate-a-prostituicao-deveria-ser-regulamentada/>> Acesso em: 30 Ago. 2018; PRADA, Monique. *Nem ser esposa nem ser prostituta garante às mulheres alguma felicidade e segurança*. 10 jul. 2007. Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2017/07/10/nem-ser-esposa-nem-ser-prostituta-garante-as-mulheres-alguma-felicidade-e-seguranca/>> Acesso em: 30 Ago. 2018; BBC. *Como o debate sobre prostituição na Holanda conseguiu unir direita cristã e esquerda feminista*. 10 Jun. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-48436863>> Acesso em: 12 Jun. 2019.

extrapolando até mesmo os limites do nosso país. Foi encontrada uma porção bastante significativa de artigos em blogs ou sites, pelo menos, entre alguns desses com a leitura se pode apreender algumas noções dos modelos que discutem a prostituição hodiernamente. Além das divergências, dentre os quais no movimento feminista existem controvérsias a respeito do tema. Um ponto de tensão, segundo Piscitelli¹³⁶ na sociedade contemporânea.

Nessa perspectiva, as discussões que cabem um destaque estão divididas em dois pontos, mas que de certa forma interagem: o primeiro, nos debates que ocorrem entre grupos libertários, abrangendo as feministas e a esquerda, e os grupos mais conservadores. Discussão que desde o início chama atenção, pela contraditória concepção entre ambos os lados, mas que em algumas circunstâncias se equiparam. Como no caso da não aceitação tanto de alguns grupos de esquerda quanto grupos de direita na existência da prostituição, mesmo que motivos diferentes. Uma polaridade que se intensificou nos últimos anos. Essas discussões podem ser observadas na internet através de uma militância engajada e praticada atualmente pelas redes sociais, fóruns e blogs.

Nos argumentos positivos, é possível observar a relação com o discurso da Gabriela Leite, nele é endossado que a prostituição é uma opção e um meio de vida e assim deve ser regulamentada através de leis trabalhistas e não pelo código penal. Já nos argumentos negativos, é possível observar uma divisão em duas ramificações, a primeira uma questão moral-religiosa-jurídica e a segunda de vertente esquerda, a que atribui ao machismo à forma como a mulher é prostituída. Em qualquer um dos dois casos considera a abolição da prostituição a melhor medida.

A minha relação com o tema e com esse texto também me insere numa observação participante desse debate, que foi possível pela reverberação de anos anteriores de discussões e publicização. Que tem se modificado com a transformação das noções desenvolvidas a partir da década de 1980. O movimento de prostitutas transformou essa discussão importante e prolífera, despertando interesse público não só nas áreas médicas, jurídicas e policiais, mas nas áreas mais diversificadas.

Sendo assim, a universidade, o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, a internet estabelecem uma interação que faz parte desse círculo, que também poderia chamar de ciclo, de debates em torno da prostituição, e diria mais, no desenvolvimento de um debate público. Com isso, chamo a atenção para a análise de todos os envolvidos, pois estão

¹³⁶ PISCITELLI, Adriana. *Feminismos e Prostituição no Brasil: Uma leitura a partir da Antropologia Feminista*. Cuadernos de antropología social, n.36, pp.11-31, 2012. p. 13.

inseridos no *modus operandi* de se fazer política, tanto das associações e organizações, quanto do próprio movimento de prostitutas, com a divulgação e comunicação.

CAPÍTULO 2

Toda profissão é nobre:

a prostituição, do arquivo e da memória

*Se não fosse a meretriz
A própria sociedade
Não poderia existir,
Pois a sexualidade
Disse Freud é coisa séria
Está ligada à matéria.
Na sua vitalidade!*

*Deveria ser punido
Quem uma mulher ofendesse
Sem haver uma causa justa...
E aquele que batesse
Na meretriz, sem razão,
Recebesse a punição,
Tendo a lei que a protegesse!*

*Toda profissão é nobre,
Menos o salteador,
O criminoso e o ladrão
Porque isso não é labor
Mas a mulher meretriz
Pode ser ela infeliz
Porém só vive de amor!*

*E no mundo existe outra
Mais sublime profissão,
Que vender carinhos aos outros
Ferindo seu coração?...
Nesta missão se exprime:
Vender Amor é sublime
Mesmo sendo uma ilusão!*

*Quem maltrata uma mulher
Esmaga a mais linda flor...
É um sádico que espezinha
A ternura do amor.
Ricas, pobres meretrizes,
Vós chamadas de infelizes
Honrai o vosso labor!*

*Teve razão Jesus Cristo
Quando um dia teve pena
Reprimindo os fariseus
Que culpavam Madalena...
E ainda, leitores meus,
Continuam os fariseus
Praticar a mesma cena.*

Quantas meretrizes

*Vivem a família sustentando?...
 Aquela tem um filhinho,
 A outra está trabalhando
 Para uma filha educar,
 Outra tem que trabalhar
 Que a mãe está se ultimando...*

*Nenhuma mulher no mundo
 Faz vida no lupanar
 Somente pelo prazer
 De eternamente gozar!
 Todo gozo é passageiro
 Mas quem quer ganhar dinheiro
 Tem que na vida lutar!*

*Não pode continuar
 Essa falta de decência
 De perseguir a mulher
 Por mera conveniência...
 Pois o mesmo que a combate
 Vai em sua porta e bate
 Para fazer exigência!¹³⁷*

(Rodolfo Coelho Cavalcante)

As palavras que intitulam este capítulo quando integram uma mesma sentença, como acima, soam sonoramente incomuns. De fato, ao observar brevemente, causa estranheza relacionar prostituição aos termos arquivo ou memória. Entretanto, é significativo aprofundar a análise e compreender o sentido nessa interação. Esta perpassa por apreender as disputas dos discursos elaborados sobre a prostituição durante as últimas três décadas.

Mapear os acervos que substanciem o tema, dentro das diretrizes da metodologia da História, permite abranger os vestígios, sejam eles: textuais, sonoros ou iconográficos. Dessa forma, o historiador consegue apreender sobre as ideias e práticas culturais dos sujeitos a que se propõe estudar, e aqui, especificamente, sobre os documentos produzidos no bojo do movimento de prostitutas iniciado na década de 1980.

Entre 1980 e 2000, o desenvolvimento tecnológico da informática permitiu a constituição de novos suportes que armazenam as informações. Fruto, certamente, do aumento da produção e acúmulo dos seres humanos com documentos que lhe são fundamentais para o entendimento de si mesmo. Por isso, nunca foi tão imprescindível o lugar dos arquivos na sociedade, pois exercem um papel importante na preservação de documentos que evocam não só o ato administrativo, mas identidades de qualquer personalidade, grupos

¹³⁷ “O viver da meretriz”. *Beijo da rua*. Rio de Janeiro, Jan/ Fev. 1990. Poesia, p. 2.

ou instituições que integrem uma civilização. Ou seja, o papel probatório de informações intrínseco aos Arquivos.

Nesse caso, a busca pelo conhecimento a respeito dos documentos produzidos e das suas formas de fabricação pode representar igualmente, um grande auxílio no desenvolvimento de uma pesquisa histórica. Além de se tornar extremamente significativo o contato direto com as principais fontes que contextualizam essas mulheres “da vida” durante a década de 1980, ressaltado pelo surgimento de uma nova concepção sobre a prostituição.¹³⁸

O olhar e a análise sobre os documentos aqui tratados compreendem, nesse caso, especificamente, dois aspectos: o primeiro, de funcionário de uma das instituições que custodia a documentação da esfera executiva do Estado do Rio de Janeiro; já o segundo de pesquisador que teve contato com a fonte e logo se sensibilizou com a temática que ela implica, ou seja, um tabu para a sociedade. Por isso, a análise a seguir se baseia na associação entre experiência de trabalho no APERJ e inserção participante, primeiro de curioso apaixonado por histórias de vidas diferenciadas, como é o caso das prostitutas ou de seu movimento, mas logo depois de pesquisador. Portanto, meu papel neste trabalho é equiparado a de um pesquisador *Malinowskiano*, como pode ser observado no livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*, em que o antropólogo desenvolve sua pesquisa de forma participante na vida de uma tribo habitante de uma ilha no pacífico.¹³⁹

Portanto, me deterei à descrição da trajetória de formação do arquivo Davida¹⁴⁰ e no desenrolar de uma experiência colaborativa no tratamento do acervo e das relações implícitas com a organização das prostitutas na década de 1980, contado pelos documentos parte da história desse movimento. Isso, contudo, associado aos debates e tentativas de explorar os problemas que implicam a chegada desse acervo ao APERJ e o debate sobre a construção da memória do movimento de prostitutas e do próprio jornal como “lugar de memória”¹⁴¹.

¹³⁸ Cf. SCHELLENBERG, T. R. *Arquivos Modernos: princípios e técnicas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

¹³⁹ MALINOWSKI, 1922 *apud* KAPLAN, Elisabeth. “Muitos caminhos para verdades parciais”: arquivos, antropologia e o poder da representação. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, L. (Org.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018. v. 1, p. 180-181.

¹⁴⁰ Entidade civil sem fins lucrativos que tem o objetivo de “lutar” pelos direitos de grupos marginalizados, principalmente, as prostitutas.

¹⁴¹ Cf. NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, n. 10. São Paulo, dez. 1993.

2.1 Projeto Davida: a trajetória e o acervo

A construção desse conjunto se inicia com o cuidado e preservação da documentação ainda no Programa Prostituição e Religiosidade, com a “vontade de guardar”¹⁴² de seus integrantes, em meados da década de 1980, dentro do ISER¹⁴³, localizado no Largo do Machado. Já ali parece haver uma demonstração de interesse em reunir a documentação do movimento de prostitutas, que pode reforçar a reverberação dos acontecimentos referentes às prostitutas.

O conjunto documental permaneceu no ISER até julho de 1992, de onde alguns integrantes optaram por se desvincular, devido a vários problemas com a Gabriela Leite, inclusive intrigas e um “abaixo-assinado” teria sido feito contra ela. Ficou decidido criar uma Organização Não governamental (ONG) chamada *Davida - prostituição, Direitos civis, Saúde*. Como o trecho da Ata de criação denominada abaixo demonstra:

Aos quinze dias do mês de julho de mil novecentos e noventa e dois, os abaixo assinados, reunidos sob a forma de assembleia geral, resolveram: a) Fundar a DAVIDA - PROSTITUIÇÃO, DIREITOS CIVIS, SAÚDE, entidade civil, sem fins lucrativos, objetivando a promoção, estudo e produção de conhecimento a respeito de indivíduos, grupos e comunidades estigmatizados ou marginalizados.¹⁴⁴

Na Ata de fundação aparecem como membros do Conselho Deliberativo e sócios fundadores: o presidente, Waldo Aranha Lenz Cesar; a vice-presidente, Regina Maria da Silva Peña; o secretário; Luis Felipe Cruz Lenz Cesar; o tesoureiro, Zwinglio Mota Dias. Também constavam os nomes dos sócios fundadores: Otilia Silva Leite, Flavio Cruz Lenz Cesar, Doroth de Castro e Nilton Guedes de Oliveira.

Sendo assim, essa organização auxiliava grupos percebidos como estigmatizados e marginalizados. Isso pode ser observado na relação com outros grupos à medida que adentraremos mais a frente na análise dos documentos em si. Neles, pode ser notada a aproximação, por exemplo, com grupos homossexuais e transexuais, assim como de outros.

Desse rompimento com o ISER, após uma longa negociação ficou decidido que a documentação, assim também como o jornal *Beijo da rua*, que pertencia à área de Publicações

¹⁴² Cf. VIANNA, Aurélio; LISSOVISKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. “A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados”. *Revista Arquivos e Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 62-76, 1986.

¹⁴³ Organização da sociedade civil, de caráter laico, comprometida e dedicada à causa dos direitos humanos e da democracia. Surgida no contexto brasileiro dos anos 1970, tem o objetivo de promover estudos, pesquisas e também intervenção social a partir de eixos temáticos plurais da sociedade brasileira, como a defesa e a garantia de direitos, segurança pública, meio ambiente, diversidade religiosa, entre outros.

¹⁴⁴ BR RJ APERJ DV. Ata de criação da Davida- Prostituição, Direitos Civis, Saúde.

da instituição, ficariam, a partir daquele momento, sob a responsabilidade e coordenação da organização.¹⁴⁵ Após a desvinculação do ISER, o acervo documental foi deslocado para as sedes de Davida, que se modificaram conforme o tempo. Com isso, migrou por vários lugares, uma característica comum em instituições do chamado terceiro setor nos anos 1990, preço pago ao ocupar o vácuo deixado entre o público e o privado em um país como o Brasil, instável no sentido político, econômico e social.

Daí em diante, o Davida esteve no Estácio de 1992 até 1998, onde a instituição se abrigou no Grêmio Recreativo e Cultural Nova Geração do Estácio de Sá¹⁴⁶, uma escola de samba infantil localizado próximo à antiga Zona do Mangue. Lá também já havia sido criada em 1988 o Projeto Escolinha¹⁴⁷. Foi um lugar, portanto, que acolheu as reuniões da organização e serviu de localização para reforço escolar com crianças da região. Assim, como demonstradas nas fotografias a seguir:



Figura 1: Integrantes da Organização Davida em reunião na sua primeira sede.¹⁴⁸

¹⁴⁵ Cf. CESAR, F. L. Acervo Davida: depoimento. [23 de março, 2016]. Rio de Janeiro: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*. Entrevista concedida a Clarissa Ramos, Daniel Elian e Gabriel Alencar.

¹⁴⁶ Escola de Samba mirim do bairro do Estácio, próxima ao morro do São Carlos.

¹⁴⁷ Projeto que tinha o intuito de oferecer reforço escolar para filhos de prostitutas e crianças carentes que morassem próximo à região da Vila Mimosa no bairro do Estácio. Ver: BARBOSA, Gustavo. “Educação com arte e liberdade na Escolinha Nilton Guedes”. *Beijo da rua*, Rio de Janeiro, p. 8-10, 1993.

¹⁴⁸ Em sentido horário: Waldo Cesar, Doroth de Castro, Regina Leite (irmã de Gabriela Leite e sócia fundadora de Davida), Flavio Lenz, Gelson Dornelles (Instrutor no Projeto Escolinha), Gabriela Leite, Luis Felipe Cesar (Irmão de Flavio Lenz e sócio fundador de Davida), Nilson Rodrigues de Lima Filho (Seu Lima conhecido líder comunitário no morro do São Carlos, Cabo da PM e criador da Escola de Samba Mirim no Estácio). Fonte: BR RJAPERJ DV.



Figura 2: Crianças e educadores do Projeto Escolinha.¹⁴⁹

Em seguida, se fixou na sede da organização ecumênica Koinonia,¹⁵⁰ entre 1998 e 2010, um período em que o Davida teve, especificamente, o trabalho de uma arquivista, na qual contribuiu com a primeira tentativa de organização dos documentos, sendo desenvolvido, inclusive, um possível quadro de “arranjo arquivístico”¹⁵¹. Durante esse momento, e mais especificamente no ano de 2008, segundo Flavio Lenz,¹⁵² Gabriela Leite “trabalhou pela constituição de acervo documental sobre prostituição e sexualidade e criou o Núcleo de Pesquisas Davida, dele resultando o estudo nacional Direitos Humanos e Prostituição Feminina”¹⁵³, cujo produto final foi um livreto que sintetizava a relação entre os marcos jurídicos dos direitos humanos e a trajetória do movimento de prostitutas.

¹⁴⁹ Da esquerda para direita: Gelson Dornelles (Instrutor no Projeto Escolinha), Silvana Abreu de Toledo (educadora do Projeto Escolinha), Nilton Guedes (Educador do Projeto Escolinha), Lúcia Galvão Moura e Maria Odete (pedagoga e educadora do Projeto Escolinha). Fonte: BR RJAPERJ DV

¹⁵⁰ Organização ecumênica, fundada em 1994, por ex-participantes do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), instituição que funcionou entre os anos 1974 e 1994. A criação da nova entidade teve como marco sua Assembleia de Associados, composta por militantes históricos da luta pela democracia e afirmação dos valores do Movimento Ecumênico no Brasil. O objetivo da nova organização, em continuidade com a tradição ecumênica, foi inicialmente prestar serviços às comunidades religiosas, ao movimento social e às igrejas.

¹⁵¹ ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de Terminologia Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. P. 141. Documento encontrado no próprio acervo.

¹⁵² Flavio Lenz, filho de Waldo Cesar e companheiro de Gabriela Leite. Ele é jornalista que trabalhou no ISER e ativista envolvido na luta pelos direitos das prostitutas. É também integrante da Davida e o editor do jornal *Beijo da rua*.

¹⁵³ Cf. LENZ, Flavio. “Gabriela Leite, prostituta que viveu e promoveu a liberdade”. *Revista Em Pauta*, 2015.

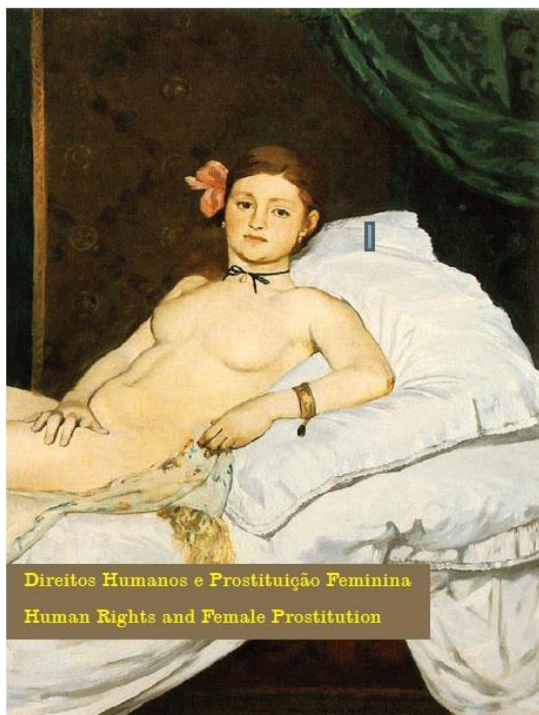


Figura 3: Capa de livreto: Direitos Humanos e Prostituição Feminina.¹⁵⁴

A partir dessa ocasião, com a inauguração de um núcleo como descreve Flavio Lenz, também foi possível receber e atender a pesquisadores que tinham interesse em consultar a documentação arquivística e bibliográfica. Tais demandas obrigaram a transformação do acervo em um arquivo logicamente organizado. Foi por pouco tempo, mas essa primeira tentativa de estabelecer uma unidade arquivística se perdeu diante da dificuldade financeira de manter um núcleo de pesquisa. Principalmente, pela falta de condições ideais de armazenamento em uma instituição sem fins lucrativos como a Davida.

A partir de 2010, o Davida tem o acervo em diferentes locais. Primeiro no Hotel Paris, no centro do Rio de Janeiro, local tradicionalmente conhecido por receber prostitutas junto de seus clientes na Praça Tiradentes. Neste momento, Flavio destaca como “um período fantástico, porque estava lá porta a porta com a prostituição”. Depois, na casa de uma amiga dos integrantes da ONG, no Grajaú, de 2010 a 2012.

Finalmente em 2012, o conjunto documental é levado para o Catete, onde a documentação permaneceu por quase dois anos, na residência de Gabriela Leite e Flávio Lenz. Pelas imagens abaixo podemos identificar o estado da documentação antes da doação

¹⁵⁴ A imagem na capa é uma cópia recortada e espelhada para que haja a inversão da personagem do quadro *Olympia*, pintura de 1863 produzida pelo francês Édouard Manet. Fonte: BR RJAPERJ DV.

ao APERJ¹⁵⁵, para onde seria encaminhado pouco tempo depois. Através disso, deve-se paralelamente compreender a necessidade de tratamento e organização dos documentos e ver como essencial essa parceria entre instituições, seja pública ou privada, no intuito de trazer benefícios à sociedade.



Figura 4: Parte do acervo da Davida guardados em caixas e bolsas plásticas no último local de armazenamento antes de ser doado ao APERJ.¹⁵⁶

¹⁵⁵ Na realidade, o primeiro contato entre Davida e APERJ aconteceu não para intermediação da doação dos documentos. Na época, representada pela Gabriela Leite, Davida fez contato com o diretor geral, o historiador, Paulo Knauss para que o APERJ pudesse ajudar a desenvolver um projeto de memória e conseguir, através disso, o tratamento de sua documentação. A assessora do APERJ, naquele momento, hoje diretora geral, a historiadora Maria Teresa Bandeira de Mello, então, foi à casa de Gabriela Leite, no Catete, conheceu o acervo e iniciou as primeiras conversas no intuito de auxiliá-la. No entanto, aos poucos os integrantes do Davida perceberam a dificuldade em conseguir o apoio da Petrobras enquanto do tratamento do acervo, já que além de ter um caráter privado, o arquivo seria mantido no mesmo local em que moravam. Após certo tempo, houve a conclusão de que a melhor forma de preservação dos documentos seria doar o conjunto ao APERJ, com a condição de que estivesse aberta a consulta por qualquer pessoa.

¹⁵⁶ Fonte: APERJ.



Figura 5: Parte do acervo da Davida guardados em fichários, caixas e bolsas plásticas no último local de armazenamento antes de ser doado ao APERJ.¹⁵⁷

Nesse corte temporal, estima-se que o arquivo já representava mais que o dobro daquele que saiu do ISER em 1992. Consequência de uma produção e acumulação intensa de documentos durante muitos anos.¹⁵⁸ Por isso, o conjunto documental compreende um período largo, que se inicia no ISER e que depois tem continuidade com a criação e solidificação do Davida entre os anos 1990 e 2000.¹⁵⁹

Gabriela Leite já se encontrava doente nesse período de transição do acervo para o APERJ e em 2013, faleceu.¹⁶⁰ Seguindo seu desejo, houve a continuidade da doação para o Arquivo Público. A transferência dos documentos para o APERJ caracterizou-se ao que Bellotto indica como “recolhimento selvagem”. “Isto é, quando grandes massas aleatórias são literalmente descarregadas nos arquivos permanentes, sem obediência a critérios técnicos”.¹⁶¹ Muitas caixas e mesmo alguns armários/arquivos, contendo todos os tipos de documentos, pouco restou do conjunto organizado anteriormente.

A partir do final de 2013, o conjunto de documentos foi levado e aos poucos são desenvolvidas discussões sobre o tratamento técnico do acervo, principalmente, com o

¹⁵⁷ Fonte: APERJ.

¹⁵⁸ Cf. APERJ. *História administrativa da ONG Davida*. 2016.

¹⁵⁹ Cf. APERJ. *História do Arquivo Davida*. 2016.

¹⁶⁰ *O Globo*. Rio de Janeiro. 10 out. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/morre-gabriela-leite-criadora-da-daspu-10332386>> Acesso em: 11 de Mar. 2019.

¹⁶¹ Cf. BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

interesse e colaboração do projeto de extensão “Observatório da Prostituição (OP)”¹⁶², coordenado pela professora Soraya Silveira Simões, que nesse período era a presidente da Davida. O tratamento físico e intelectual da documentação é iniciado, e com ele a tentativa em estabelecer uma relação entre todos os documentos, seguindo metodologia arquivística. Trabalho que é muito dificultado pela mistura feita pelo próprio Davida entre documentos já organizados e uma parte sem organização. A organização física desenvolvida pelo ordenamento adequado dos documentos, e intelectualmente através de uma classificação (quadro de arranjo)¹⁶³. Nas duas etapas sendo mantida uma correspondência.

Durante a parceria com o OP ficou estipulada a cessão de bolsistas para o desenvolvimento do trabalho de organização da documentação. Com isso, foi assinado um Termo de Participação (TP) do APERJ no projeto do OP, sendo o trabalho iniciado em 2014. A organização dos documentos somente foi possível até hoje via TP, uma estratégia adotada diante das dificuldades que o serviço público nos fornece, como, por exemplo, uma equipe reduzida de trabalho. Arrisco a dizer que não seria provável o início do tratamento técnico desses documentos no APERJ tão rapidamente, como ocorreu, devido às demandas de trabalho da instituição.

2.2 Projeto Davida: conhecimento e reflexões

Em 2013, inicia-se a relação envolvendo um tripé colaborativo no trabalho de organização dos documentos da organização que promovia ações de apoio às prostitutas. Faz parte disso: Davida, APERJ e OP. Todos com o intuito único de manter viva a existência do discurso do movimento de prostitutas, não permitir o silêncio de Gabrielas, Lourdes e Euridices.

O Davida, com a motivação em preservar e as ideias, o Arquivo Público com a responsabilidade pelas diretrizes de tratamento técnico da documentação e o OP pela mão de obra fundamental da extensão universitária. Afinal,

Estender os horizontes para o momento anterior ao ingresso de um arquivo privado em uma instituição de preservação de memória significa mergulhar no universo que o configurou, apreciando a relação que o “titular” mantém

¹⁶² Projeto de extensão que discute a prostituição coordenado por Soraya Simões, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁶³ Sequência de operações intelectuais e físicas que visam à organização dos documentos de um arquivo ou coleção, de acordo com um plano ou quadro previamente estabelecido. Ver também método de arquivamento, nível de arranjo, sistema de arranjo.

com os seus documentos. O estudo da trajetória realizada por um arquivo no interior do seu processo de geração busca apreender os momentos que levam os homens públicos a acumular registros, a dispô-los sob diversas formas de ordenamento, a retê-los por toda vida. A eles se afeiçoando a ponto de tratá-los mesmo como termo de relação homem-obra, como seu legado pessoal e intransferível, marca do que realizou e edificou em vida e com o que intenta ser reconhecido pelas gerações seguintes, lembrado, quando não celebrado, por seus feitos e mensagens.¹⁶⁴

Para compreender a configuração que documentos provenientes de uma instituição não pública assumem, é preciso conhecer a relação que o titular, nesse caso, a Davida, mantinha com os documentos. O texto a que o trecho anterior se refere faz parte de uma discussão desenvolvida, principalmente, do produtor de documentos, muitas vezes uma pessoa que tem interesse em preservar a sua trajetória de vida e valorizá-la, e por isso, intervém no que deve ou não ser selecionado a integrar o conjunto de documentos. Para um dos fundadores da Arquivologia moderna, Hilary Jenkinson, a transferência ou recolhimento de um arquivo para outra instituição arquivística já configuraria um grande problema, principalmente, na perda de confiabilidade dessa documentação.¹⁶⁵

No caso de uma instituição, como o Davida, uma Organização sem fins lucrativos de forma mais autônoma, se pode perceber uma produção de documentos não muito orgânica como em uma instituição pública. De certa forma, uma parte é sim de cunho administrativo, mas grande parte é de material produzido através das parcerias com governo federal ou mesmo outras instituições. Se assemelhando às características de uma esfera mais íntima e pessoal na acumulação documental, na busca de uma subjetividade muito própria dos reflexos da pós-modernidade, que, conseqüentemente, também interferem nos arcabouços da teoria Arquivística.¹⁶⁶

No caso da doação desses conjuntos documentais a uma instituição que abrigue acervos históricos, há a interferência de outros agentes: arquivistas ou documentalistas que, responsáveis pela organização do arquivo, tomam decisões sobre arranjo e descrição com o objetivo de responder às demandas previstas da pesquisa histórica, imprimindo a sua subjetividade na configuração do arquivo, já então transformado em patrimônio documental.¹⁶⁷

¹⁶⁴ VIANNA, Aurélio; LISSOVISKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. op. cit., 1986, p. 63.

¹⁶⁵ JENKINSON, 1922 apud FISHER, Rob. “Por uma teoria dos arquivos privados: revendo os escritos fundadores de Jenkinson e Schellenberg”. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, L. op. cit., 2018, p. 336-337.

¹⁶⁶ Cf. HEYMANN, Luciana; NEDEL, L. op. cit., 2018.

¹⁶⁷ HEYMANN, L. Q. “Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p. 41-66, p. 45-46. 1997.

Assim, como na seleção do que deve ou não ser recolhido por um Arquivo Público, há uma interferência clara nesse momento da organização de forma bastante subjetiva, pelo responsável que de forma arbitrária escolhe os caminhos do desenvolvimento, por exemplo, do quadro de arranjo. Em uma instituição com funções melhor definidas, geralmente, a organização ocorre mais organicamente, como de uma secretaria governamental, ou seja, na qual os documentos são desenvolvidos naturalmente pela necessidade funcional daquele órgão.

No caso dos documentos da Davida, já existe uma subjetividade pela própria formação dele, cuja constituição traz a tona à participação de vários integrantes ao longo do tempo de sua acumulação. Transformando-o em um acervo com grandes desafios a ser enfrentados, além da sua imensa extensão e suportes variados. Além disso, essa documentação demonstra um teor identitário de uma categoria peculiar na realidade arquivística e nas casas de memória, a “profissional do sexo”, emergindo como figura que tem sua subjetividade a ser preservada.

A chegada de documentos em um Arquivo Público suscita dois passos de um caminho: o primeiro é o da conservação, processo técnico que exige cuidado de higienização, reparos e melhor forma de armazenamento do respectivo documento. O segundo é aquele de organizar fisicamente e intelectualmente a documentação para dar o acesso ao documento, fase que o documento representa informação para os que pesquisam. O objetivo é manter a organicidade do mesmo, caso exista.

Sem dúvida, as migrações e mudanças ao longo de toda a existência da Davida contribuíram para que a documentação se fragmentasse enquanto conjunto, dificultando o tratamento técnico. Grande parte do material estava empoeirada e com vestígios de infestação de fungos, principalmente, o material audiovisual, que geralmente é sensível demais às intempéries. Por isso, é exigido um cuidado maior no controle ambiental de temperatura e umidade. Assim, os documentos que chegaram ao APERJ foram encaminhados a uma sala para que permanecessem separados de outros fundos e coleções, onde teriam uma avaliação do seu estado de conservação. Logo em seguida, foi necessário receber os primeiros tratamentos de restauração e preservação. Na primeira ação, a Divisão de Conservação higienizou o acervo bibliográfico, os cartazes, as fotografias, além de material textual que estava em fichários ou caixas.

Enquanto o material era higienizado, o tratamento técnico ocorria com o foco na identificação dos documentos textuais, pois consiste no gênero de maior proporção, algo que o APERJ entendeu contribuir no mapeamento do conjunto, assim também como na

organização. A minha participação no desenvolvimento do trabalho começa, exatamente, nesse momento. Inicialmente, uma colaboração tímida, se resumindo a pesquisa, mas com o tempo assumi a responsabilidade de contribuir no tratamento do acervo. Aqui entra em cena a participação descrita acima, na qual a curiosidade e os detalhes sobre o acervo chamaram a minha atenção. Aos poucos me juntei aos bolsistas na organização, e depois contribuindo nas diretrizes e caminhos a seguir com os documentos.

O APERJ associando o maior conhecimento da documentação e aprofundamento das pesquisas produziu uma história do arquivo e uma história administrativa do conjunto Davida, enquanto a documentação recebia o tratamento adequado de higienização e acondicionamento. O primeiro, explica a trajetória e as condições dos documentos produzidos e acumulados do acervo, e o segundo, explora a história da instituição que produziu e acumulou a documentação. Todo esse trabalho foi movido por uma dificuldade profunda na compreensão nas características dos documentos e na história da organização. Mas pela busca do reconhecimento foi constituído um conjunto documental interessante para o estudo de diversos assuntos que dialogavam entre si, como em: saúde (DST e AIDS), sexualidade, homossexualidade, marginalidade, feminismo, entre outros.

Além de o conjunto documental, preservar um vestígio importante do desenvolvimento da Davida remete também a trajetória da “organização das prostitutas”. Desde o seu surgimento concentra igualmente documentos referentes ao diálogo com a sociedade civil, com a esfera pública e privada, assim também como outras associações e ONGs sobre a prostituição ou não. Davida representa uma parte ou um “braço” dessa organização de prostitutas no Estado do Rio de Janeiro.

O acervo reúne uma variedade documental onde podem ser encontrados os mais diversos gêneros: documentos audiovisuais, documentos eletrônicos, documentos iconográficos, documentos tridimensionais e documentos textuais. Entre eles uma vasta gama de formatos, como: fitas U-matic, fitas Mini DV, fitas VHS, fitas Cassetes, fitas Betacam, fitas Microcassetes, Disquetes, CD's, DVD's, cartazes, fotografias, negativos. Ainda é possível destacar que junto ao acervo arquivístico também chegou ao APERJ a biblioteca de Davida, com um volume bibliográfico significativo que complementa o tema prostituição além de outros que o circunscrevem. Uma vasta tipologia para averiguar não esquecendo os contextos políticos e sociais da produção e acumulação dessa documentação.

Isso significa refletir sobre a política de arquivos dos governos brasileiros a que foi possível tanto o desenvolvimento da organização, como na acumulação e depois recolhimento do próprio APERJ. Durante o recolhimento do conjunto Davida, a Lei de Acesso à

Informação tinha há pouco tempo sido colocada em prática. Já que, em 2011, a Lei foi promulgada e dois anos depois a documentação chegava ao Arquivo.

Essa variedade de documentos significa e institui uma série de desafios que devemos enfrentar para nos adequar, que pode ser pela quantidade de documentos produzidos e acumulados no conjunto, assim também como o surgimento de novas tecnologias que surgem com uma aceleração impressionante além da própria capacidade humana.

A partir dos anos 1980 e 1990 os computadores pessoais (PC's) começam a se popularizar, transformando inclusive a maneira de se lidar com os documentos, surgindo um novo gênero: documentos eletrônicos. Caracterizados por Terry Cook como novos problemas contextuais ao nosso tempo, principalmente, no que se refere ao entendimento da ciência que estuda os documentos. Cook analisa que com o desenvolvimento tecnológico se fez necessário o surgimento de “novas estratégias e práticas” para compreensão do discurso profissional arquivístico. Uma mudança de paradigma de arquivístico.¹⁶⁸

Alguns desses documentos mostram o processo de organização das prostitutas, um deles é o filme *Fala mulher, da vida* produzido pelo Programa Prostituição e Religiosidade. Um filme que mostra o 1º Encontro Nacional de Prostitutas, ocorrido entre o Centro de Artes Calouste Gulbenkian e o Circo Voador, entre 20 de julho e 23 de julho de 1987.¹⁶⁹ Filme recuperado junto a outras U-matic,¹⁷⁰ após tratamento de higienização e digitalização, desenvolvido por uma empresa privada via dinheiro recebido pelo OP. No filme, aparecem outras imagens com a participação de pessoas, como: os artistas Lucélia Santos, Martinho da Vila, Elza Soares. Os eventos ainda teve a participação de intelectuais como Marilena Chauí, Raymundo Faoro, Fernando Gabeira e contou com a participação de prostitutas que se deslocaram de várias partes do Brasil.¹⁷¹ No fim do filme consta o nome de 39 prostitutas participantes do evento.¹⁷²

No Encontro, puderam discutir os principais fatores que interferiam na atividade, como: a violência policial, os estigmas em relação às doenças sexualmente transmissíveis e também as questões que dizem respeito aos direitos civis e trabalhadores. Os documentos da Davida

¹⁶⁸ COOK, Terry. “O passado é prólogo: uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma”. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, L. (Org.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018. V. 1, p. 57.

¹⁶⁹ BR RJAPERJ DV. CASTRO, Ricardo Vieiralves de; TORNAGHI, Maria; DIAS, Edda Mastrangelo. *Fala mulher, da vida*. 1988. Vídeo.

¹⁷⁰ Formato de fita de vídeo analógico de gravação.

¹⁷¹ Plataforma ISSUU. Catálogo do Circo Voador. Disponível em: <https://issuu.com/acervocircovoador/docs/catalogo_acervo_cronologia_catalogo/149> Acesso em: 4 Dez 2018. p. 149

¹⁷² BR RJAPERJ DV. CASTRO, Ricardo Vieiralves de; TORNAGHI, Maria; DIAS, Edda Mastrangelo. *Fala mulher, da vida*. 1988. Vídeo.

remetem, principalmente, aos temas acima mencionados, mas a assuntos que discutem também sexualidade, gênero e marginalidade.

Grande parte dos documentos encontrados no acervo tem origem nos acordos e parcerias que foram firmados entre a ONG e o governo federal, como já dito. Em que se destacam os materiais de campanhas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, entre eles os cartazes e folhetos de campanhas de prevenção a DST e AIDS, como os manuais e pesquisas referentes ao Projeto Previna AIDS.¹⁷³ Assim como panfletos, cartazes, cartas com relação às campanhas de saúde na qual a Davida era parceira do governo. Eles contribuem no debate público sobre prevenção e luta contra tais doenças, assim também como impacta nas ações do Estado e suas políticas públicas.

Associam-se a esses documentos outros diversos que referenciam os debates desenvolvidos pela Davida, como projetos, programas e artigos durante sua trajetória. Além disso, o acervo conta com documentos de função administrativa, como atas, recibos e ofícios; e outros de cunho promocional e cultural, destacando-se fotografias de diversos eventos da história da organização de prostitutas e o próprio jornal *Beijo da rua*. Desse último, entre os documentos está o Projeto *Beijo da rua*, que descrevia os dois principais objetivos do jornal:

1. o de circular informações para comunidades de profissionais do sexo de todo o Brasil, especialmente sobre cidadania, saúde (prevenção de AIDS e outras DST's), legislação e o movimento nacional e internacional de prostitutas, contribuindo assim para o fortalecimento da organização desses trabalhadores. 2. o de levar ao restante da sociedade da sociedade uma visão mais realista e menos preconceituosa da prostituição.¹⁷⁴

Diante da sua diversidade do conjunto documental, observa-se a riqueza do acervo por dois motivos: o primeiro para o estudo e pesquisa, principalmente, nas áreas disciplinares de humanas; e o segundo na relação estabelecida com documentos de outros fundos ou coleções que são preservadas no APERJ. Acervos que se referem à prostituição, como, por exemplo: as fichas das polacas, mulheres estrangeiras, principalmente, de origem judaica e polonesa, que se prostituíam entre final do século 19 e início dos 20.¹⁷⁵ Assim também como as fichas de prostitutas que foram fichadas no Mangue entre 1950 e 1970.¹⁷⁶ E também a documentação

¹⁷³ Projeto de combate a AIDS e DST do Ministério da Saúde em âmbito federal.

¹⁷⁴ BR RJAPERJ DV.

¹⁷⁵ BR RJAPERJ DGIE CE.

¹⁷⁶ Fichas que serviram como fontes para o trabalho da historiadora Juçara Leite: LEITE, Juçara Luzia. *A República do Mangue: Controle Policial e Prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)*. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2005.

doado por Eurídice Coelho, ex-presidente da Associação de Prostitutas do Estado do Rio de Janeiro, localizada na antiga Vila Mimosa.¹⁷⁷

Há, por fim, um pequeno encadernado com fotografias do acervo proveniente da Assessoria de Comunicação do Metrô, pertencente a Rio Trilhos. Nele, o fotógrafo Adelino Portino registrou o momento e nomeou de “Operação espanta borboletas”¹⁷⁸, uma operação de desapropriação de casas da zona do Mangue na década de 1970.¹⁷⁹



Figura 6: Prostitutas despejadas com a Demolição da Zona do Mangue no Estácio.¹⁸⁰

Debruçar-se sobre esses documentos nos faz perceber que apesar de diferenças na proveniência, origem, sentido, significado, simbolismo e função, eles estabelecem diálogos através da representação de um sujeito comum, a prostituta. Sejam pelos arquivos policiais desde o final do século 19 a meados do século 20 através das fichas de controle e tentativa de domesticação; ou até mesmo entre as últimas quatro décadas, através de um movimento feminista e outro de prostitutas.

Além disso, ainda é importante salientar as pontes possíveis a partir de outros acervos em depósito no APERJ. Refiro-me, especificamente, no Fundo Movimento Feminino pela

¹⁷⁷ Coleção Associação das Prostitutas do Estado do Rio de Janeiro, APERJ.

¹⁷⁸ BR RJAPERJ RT. Encadernado número 51.

¹⁷⁹ Não encontrei nenhuma referência sobre uma suposta “Operação espanta borboletas” em jornais da época, o que me levou a pensar na subjetividade do próprio fotógrafo, na escolha do nome ao evento.

¹⁸⁰ BR RJAPERJ RT. Encadernado número 51. Cópia contato 38.

Anistia e Liberdade Democrática (MFALD), onde foi encontrada a primeira edição do jornal *Beijo da rua*. Ali constam as discussões que permeavam o movimento feminista naquele momento, inclusive com referência ao tema prostituição.

Juntando todas essas peças do quebra-cabeça estabelece uma rede intrincada de fragmentos da história tecidos sobre um tema, que próximos podem dar mais verossimilhança a história da prostituição no Rio de Janeiro, quiçá no Brasil. Dessa forma, é possível mostrar a relação do Estado com a prostituição através de fontes produzidas pelo seu principal órgão de repressão, a polícia. Assim também como plausível estabelecer uma conexão com as fontes da esfera privada, representada pela Davida, uma instituição nascida da inquietação de um grupo que busca a mudança do discurso.

Outra problemática que paira sobre essa documentação é o fato da organização que doou o acervo para o APERJ ainda existir juridicamente. Na teoria, com isso o Fundo documental seria aberto, porém, tem uma questão a ser discutida: o fato dessa instituição não produzir mais documentos de forma física. Uma questão que inevitavelmente ainda paire mesmo após as reflexões contidas neste trabalho, pois não serão questões aprofundadas aqui. Segundo Flávio Lenz, a Davida passou a funcionar praticamente de forma virtual. A dimensão do que significa os documentos do Davida serem integrados ao APERJ ainda é uma incógnita de certa forma, mas de antemão é possível colocar como fundamental para dar continuidade e validação a um discurso construído nas últimas décadas no país.

2.3 Projeto Davida: um acervo privado em uma instituição pública

Ao longo deste capítulo deixamos de lado as discussões sobre a “promiscuidade”, o pecado ou o crime que a prostituta supostamente possa ter cometido, segundo discursos anteriores, para compreendermos a importância da operação ocorrida em 2013 da doação dos documentos do Davida para o APERJ. No entanto, não devemos nos esquecer do que poderia ser visto como “promíscuo”, diante da moralidade cristã, adentrando ao Estado e agora integrando ao acervo de um Arquivo Público. Isto demonstra o quanto pode ser importante o surgimento de novas compreensões sobre arquivos e diretrizes diferentes, que considerem, principalmente, uma contextualização necessária aos debates contemporâneos, de grupos que reúnem características sociais que os estigmatizem, e assim se tornam “invisíveis” diante da nossa sociedade.

Consideram-se arquivos, para os fins desta lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.¹⁸¹

Arquivo: Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte.¹⁸²

É possível identificar nos trechos acima a definição do que seja um arquivo. No primeiro, pela lei, e no segundo a partir de um texto técnico do Arquivo Nacional. Os dois em consonância qualificam-no a partir da formação de conjuntos documentais, sendo possível qualquer entidade ou pessoa, formá-lo através da produção e acumulação de documentos. Se observarmos, essa noção marca oficialmente a universalização e ampliação do conceito de arquivos no Brasil, pois, permite independentemente da sua constituição, a possibilidade de serem reconhecidos historicamente. Inclusive de movimentos sociais e populares no contexto do pós-ditadura civil militar brasileira, que veremos mais a frente.

A Lei 8.159/1991, ou seja, a Lei de Arquivos elenca as principais funções do Estado em relação aos arquivos, e mais enfaticamente os públicos. Dentre elas está a preservação da memória e da identidade nacional. No que se refere a arquivos privados, o estudo da arquivologia nos mostra a possibilidade de refletir a respeito de algumas categorias desses arquivos, na qual a Bellotto afirma ter diferenciado em:

Arquivos econômicos – são gerados por empresas comerciais, industriais, financeiras ou serviços, como exemplo: os bancos, seguradoras, empresas agrícolas, transporte etc.; [...] Arquivos sociais – são os religiosos, notariais e os de movimentos e entidades políticas, como exemplo: a documentação de instituições educacionais privadas e de associações de classe, esportivas, beneficentes e culturais; [...] Arquivos pessoais – papéis produzidos/recebidos por entidades ou pessoas físicas (família) de direito privado, ligados à vida e a obra e às atividades de uma pessoa, como a vida familiar, civil, profissional e a produção política/ intelectual/ científica/ artística.¹⁸³

Por se tratar de uma organização que não é pública, a documentação da Davida pode ser categorizada como arquivo de tipo social, simbolizando características de organização desenvolvida na sociedade civil.

¹⁸¹ BRASIL. Lei nº 8.159, de 08 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, v.29, n.6, p. 455, jan. 1991, Seção I.

¹⁸² ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de Terminologia Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 27.

¹⁸³ BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 254-257.

Sendo assim, quando um arquivo privado é considerado importante para a história do país deveria, por isso, ser recolhido e resguardado pelos órgãos públicos responsáveis, nesse caso, os arquivos públicos. Com isso, o respaldo de um Arquivo Público é infinitamente importante para o desenvolvimento de uma política de preservação da história de uma cidade, de um estado ou de um país.

A partir do momento que uma documentação privada é doada a uma instituição de preservação pública, como um Arquivo Público, ele deixa de representar somente uma perspectiva do privado e íntimo, passando a contar com a atribuição de “valor histórico” que lhe foi dado por esse órgão público em momento que antecede a doação, quando da avaliação desses documentos. Desse momento em diante, os documentos são públicos e de interesse social e cultural para a sociedade. Obviamente que a avaliação e seleção devem ser desenvolvidas através de critérios metodológicos que una a arquivologia e a história. Entretanto, mesmo que sejam tomadas medidas embasadas em critérios antes pré-estabelecidos, elas podem se modificar de acordo com o cenário político ou com mudança política da própria instituição arquivística.

Além disso, o exercício de avaliar e selecionar uma documentação são extremamente subjetivos. Para responder a questão sobre qual documento deve ou não ser preservado, José Maria Jardim descreve esse momento, como de “invenção da memória”, na qual é criada, predominantemente, em torno das ideias de avaliação e seleção de documentos uma noção de memória, que representariam suas justificativas de recolhimento, seja uma entidade ou pessoa.¹⁸⁴ Com isso, o simbolismo histórico da documentação transcende a linha tênue do que deve ou não se tornar um patrimônio cultural arquivístico, criando sobre o documento uma monumentalização, se aproximando do conceito de Le Goff.¹⁸⁵

Somente com a implantação de políticas arquivísticas é possível o desenvolvimento de incentivo ao recolhimento de arquivos de outras esferas que não são públicas. Essa política é posta em prática através das principais atribuições e finalidades dos arquivos públicos, no caso do Rio de Janeiro, é primordial:

Implementar a política estadual de arquivos definida pelo Conselho Estadual de Arquivos – CONEARQ, por meio da gestão, recolhimento, tratamento técnico, preservação e divulgação do patrimônio documental estadual, garantindo pelo acesso à informação, visando apoiar a administração pública e a tomada de decisões governamentais de caráter político-administrativo, o

¹⁸⁴ Cf. JARDIM, J. M. “A invenção da memória nos arquivos públicos”. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, pp. 102-117, 1996.

¹⁸⁵ Cf. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2005.

cidadão na defesa de seus direitos e incentivar a produção de conhecimento científico e cultural.¹⁸⁶

Sendo assim, quando o arquivo Davida chega ao APERJ, passa a ter considerada relevância em uma lógica de preservação documental de grupos historicamente estigmatizados pela sociedade. A instituição não pode caracteriza-la como de “interesse público”, pois é uma atribuição do presidente da república, mas pode aceitar a doação por entender que a documentação deve ser preservada. Isso demonstra uma reviravolta que somente a história nos permite analisar.

As reflexões da historiografia contemporânea, de modo geral, têm contribuído no reconhecimento de representatividade de grupos marginalizados há algum tempo. Desde os historiadores dos *Annales* a ampliação da diversidade de fontes e objetos de estudo da disciplina tem transpassado por caminhos diferentes, na qual permite que pesquisadores não mais se aprisionem somente na análise de documentos produzidos pelo Estado, mas inovem e estudem novas fontes fugindo do positivismo do século 19. Assim, cada vez mais os historiadores buscam por grupos e movimentos que não estiveram “na frente dos holofotes” para tentar explicar o que ainda não tinha sido dito e as vozes silenciadas.

No ínterim dos novos estudos e abordagens históricas, cada vez mais, foi perceptível à preocupação a respeito dos documentos que transportassem esses grupos estigmatizados para o *front*, como nas trincheiras de guerra. Por isso, o que antes a História tratava como essencial, o conhecimento sobre os vencedores e dominadores, por exemplo, hoje isso representa mais um recorte de uma colcha cheia de retalhos, em que dominados também fazem parte da sociedade e participam da história com ações e espaço de memórias.

Por conseguinte, grupos marginalizados começaram a ganhar espaço nas instituições de cultura, como: museus, bibliotecas e arquivos. Essa reverberação da história fez com que aos poucos a própria cultura se modificasse. A historiadora Déa Fenelon¹⁸⁷ afirma que o patrimônio com a marca e representação das elites acabou colocando no esquecimento a memória de grupos populares, onde se destacavam elementos da cultura dita “erudita”. Uma política de recolhimento desse tipo de acervo, portanto, modifica o status do que seja um

¹⁸⁶ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Regimento Interno do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. 20 Mar. 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1y_dlbGIGjXdukhS0_gnN7DnxtETs-tPU/view> Acesso em: 25 de mar. 2019.

¹⁸⁷ FENELON, Déa R. "Políticas Culturais e Patrimônio Histórico". In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992. p. 29-33.

patrimônio arquivístico,¹⁸⁸ noção que sem dúvida é derivada da definição de patrimônio cultural.

No ápice do período de redemocratização, tinha o respaldo jurídico da Constituição Federal do Brasil que passava a “proteger as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”.¹⁸⁹ E não podemos deixar de destacar a luta de movimentos populares, associações, sindicatos, organizações não governamentais e empresas, que iniciam um processo de criação de seus próprios “lugares de história”. Nesse momento são instituídos os centros de memória, núcleos de pesquisas, museus, arquivos, como forma de preservação de suas próprias memórias e de dar o acesso à população ao conhecimento de suas trajetórias, o que acreditam ser digno de divulgação e cuidado. Assim como a chegada da documentação da Davida no APERJ, que também se relaciona diretamente com o início do seu período de produção e acumulação na década de 1980.

São nos tempos de crise que a “Constituição cidadã” busca estancar as defasagens sociais criadas na sociedade ao atender as demandas dos mais variados grupos. O Art. 216, é um exemplo disso, nele é constituído “patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à **identidade**, à **ação**, à **memória** (grifo meu) dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.¹⁹⁰ A Lei de Arquivos é construída nessa mesma conjuntura, sendo decretada no início dos anos 1990, especificamente, no governo do “caçador de marajás”.

O Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro se insere no desenvolvimento de políticas públicas na conquista de reverberação das vozes dos grupos rechaçados historicamente pela sociedade. As prostitutas, por exemplo, integram a esse espectro. Portanto, deve ser esquecida pelo resto da sociedade, ou pelo menos dessa forma refletem os pensamentos advindos, principalmente, da moralidade cristã. A ideia de pecado e pecaminosa durante anos tem tirado ou afastado da prostituta, assim como outros grupos de seu exercício de cidadania. Com isso, durante anos a prostituta é afastada da ideia de história e memória, afinal por que uma prostituta teria história? Algumas vezes fui perguntado sobre isso, onde colocaram sobre questionamento a importância desta pesquisa e a real importância de estudar a prostituição.

¹⁸⁸ ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de Terminologia Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p.130.

¹⁸⁹ BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 26 mar. 2019.

¹⁹⁰ Idem.

Além disso, há uma tentativa de dar continuidade histórica através dos documentos. Diante da grande concentração de documentos das polícias políticas de parte considerável do século 20, os arquivos de movimentos, organizações e associações demonstram o período seguinte ao do regime militar entre 1964 e 1985. Com isso, o APERJ custodia documentos privados que, ou está correlata à ditadura, como de coleções particulares de integrantes da luta armada, ou movimentos contextuais da redemocratização, o que Paulo Knauss, então diretor do APERJ descreve como tentativa de fazer uma “genealogia”, ao recolher documentos de uma luta política da geração seguinte ao ditatorial.¹⁹¹

Também são conectados agentes públicos e privados no reconhecimento de valor histórico para a sociedade fluminense da preservação desse material que condensa a organização das prostitutas entre os anos 1980 e 2000, o que representa simbolicamente o reconhecimento estatal da relevância da Davida, como um dos “braços” do movimento de prostitutas, para a história no Rio de Janeiro e no Brasil.

Sendo assim, as políticas públicas arquivísticas podem sofrer um grande impacto e mudança no que se deve ou não preservar. Atribuído de ideologia um governo pode ou não valorizar um patrimônio cultural, independentemente, da importância daquele documento para a história social e cultural de um país, ou mesmo utilizar critérios ideológicos – aqui uma preocupação muito particular deste que escreve. Nesse aspecto, a documentação da Davida pode ser relevante ou não de acordo com o critério governamental. Para a história, certamente, é muito importante preservar conjuntos documentais que traduzam ideias e práticas de um determinado período, seja de grupos conservadores ou progressistas. Como os documentos serão utilizados é de responsabilidade dos pesquisadores.

O debate público sobre a prostituição e os temas relacionados, ganha muito com essa interlocução do APERJ. Pois, é através dele que existe a possibilidade de se conhecer vários documentos que mostram a importância do engajamento do movimento de prostitutas, que se estabeleceu, fundamentalmente, na luta em favor da cidadania e contra a estigmatização policial ou sanitária. Apesar de representar um discurso, ele também ecoa àqueles que são opostos, através dos embates, nas discussões. O APERJ entra no circuito do debate público, se tornando uma instituição fundamental para se estudar e produzir ideias sobre prostituição.

¹⁹¹ KNAUSS, Paulo. Memória institucional APERJ: depoimento. [1 de novembro, 2018]. Rio de Janeiro: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*. Entrevista concedida a Clarissa Ramos, Daniel Elian, Gabriel Alencar e Maria Teresa Bandeira de Mello. Também pode ser encontrada no APERJ uma documentação de projetos de políticas públicas estaduais, como o Programa Baixada Viva, conjunto de obras de saneamento e urbanização na região da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro.

Os discursos podem ser percebidos nas ações políticas do movimento, que assim como outras medidas, a doação e organização do acervo são também uma forma de estruturação e sistematização política. A constituição de um acervo integra ao repertório político do Davida e do movimento, principalmente no cenário atual, na qual as instituições são extremamente atacadas. Ter documentos produzidos por um movimento de prostitutas em um Arquivo Público, sem dúvida, pode ser parte de uma grande disputa política, porque assim, há o reconhecimento do Estado sobre a história dessa categoria. Por isso, o arquivo também está inserido nesse contexto e faz parte dessa nova noção sobre o tema, já exercendo algum efeito sobre a sociedade, que deve ser publicizado.

Portanto, ter um acervo privado guardado por um Arquivo Público é importante para impactar a sociedade civil e ao próprio Estado da existência de grupos que são mantidos à margem, mas que também devem ter a sua trajetória preservada. Nesse sentido, principalmente, aqueles documentos produzidos a partir do período de redemocratização merecem maior atenção, pois muitos grupos e movimentos foram compostos, mas nem todos tiveram capacidade institucional que suportasse o que por eles foi produzido, fazendo com que as memórias desses grupos se fragmentassem.

2.4 Projeto Davida ao APERJ: a memória como construção

Equívoco seria imaginar o arquivo como "a memória", em estado bruto, de seu titular, como resultado de uma seleção estabelecida definitivamente por ele quanto ao que preservar e de que maneira. Esta perspectiva é alterada quando percebemos que estes conjuntos documentais estão sujeitos a múltiplos processos de seleção e reordenamento interno, decorrentes do caráter mutável e polissêmico da memória, (re) atualizável a cada momento.¹⁹²

As reflexões sobre a origem dos acervos, segundo Luciana Heymann¹⁹³, podem induzir a um equívoco quando advindas da imaginação de qualquer arquivo proveniente de uma pessoa ou de uma organização que represente uma memória em estado bruto. Esse arquivo nem sempre demonstra a realidade, pois o titular modifica-o de acordo com as suas expectativas de representar a si próprio. Isso significa que o arquivo pode representar uma

¹⁹² HEYMANN, L. Q. "Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n.19, 1997. p. 44.

¹⁹³ Idem.

grande contribuição à memória da pessoa ou da instituição, mas os documentos não representam a própria memória, ou a história.

O que está para além dessa reflexão é a possibilidade de pessoas ou grupos subverterem intencionalmente ou não a memória e também a história, ao guardarem os documentos que estimulem a sua própria narrativa. Isso pode implicar em uma ação antinatural de cristalização da memória sobre o grupo. Por isso, a preocupação com a formação de uma memória em torno de um grupo ou movimento organizado é compreensível, à medida que se busca através da reunião de vestígios a reafirmação e reverberação de suas ideias. Com isso, as construções da memória e das histórias da trajetória dessa organização se manifestam com uma visão, geralmente uníssona.

Nesse sentido, a Davida ao doar os documentos para o APERJ tem o desejo de preservar a sua memória, o que lhe é genuíno, assim como de todo grupo que quer guardar, e ao mesmo tempo transmitir uma mensagem. Afinal, objetivo também é de dar continuidade ao discurso, sempre utilizando os documentos como instrumentos de lembrança e rememoração.

Nessa prática, incide a expectativa de preservação da memória do movimento de prostitutas, ou de parte dos integrantes dele. Um anseio natural dos participantes daquela conjuntura. Entretanto, é responsabilidade de quem o trata reconhecer certo cuidado com essa documentação, cuja sensibilidade é importante na compreensão da relação do conjunto documental, mesmo transmutado pela interferência humana.

Em “Vontade de Guardar”, não à toa usa-se como exemplo uma história infantil para mostrar o impacto dos sinais que os homens deixam na terra, representando uma grande interferência na sociedade. Nela, João e Maria tem as pegadas, que são vestígios de uma caminhada, um processo natural, e também tem os pães que jogam para marcar a trajetória, uma interferência humana na situação, em que eles deixam um vestígio antinatural para marcar a sua caminhada por ali.¹⁹⁴

O texto identifica como nós, seres humanos, acreditamos na importância do nosso legado a todo custo. Mesmo que não seja, mas ao guardar documentos, ou seja, vestígios do nosso cotidiano na terra, nós queremos dizer o que é ou não história através do que guardamos e considerar a nossa interferência um movimento importante para a história da humanidade.

Sendo assim:

¹⁹⁴ Cf. VIANNA, Aurélio; LISSOVISKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. “A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados”. *Revista Arquivos e Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 62-76, 1986.

Levando em consideração todas as diferenças entre os dois objetos, sugerimos que é possível pensar em um paralelo entre o gênero histórias de vida e os arquivos pessoais no que toca à ilusão de coerência e totalidade que ambos podem gerar. No caso das primeiras, a "ilusão biográfica" seria fruto da própria atividade narrativa, ou seja, de um discurso explícito e deliberadamente formulado com o objetivo de, num momento posterior e afastado da dinâmica do indivíduo, dos acontecimentos, refazer os caminhos percorridos por uma pessoa até o momento do relato, situação que é a própria justificativa para a motivação de registrá-lo. Com isso, as experiências de vida seriam submetidas à urna lógica discursiva que enfatiza a sucessão e a vinculação entre os acontecimentos, produzindo urna unidade coerente onde só existiriam fragmentos.¹⁹⁵

A racionalização que Heymann aponta de homens da política e figuras públicas em acumular e organizar seus documentos são próximas do que ocorre com a Davida. A entidade, nessa perspectiva, não se preocupa apenas com o controle da sua história, mas também na continuidade dos seus debates e das suas "lutas". Os documentos seriam, portanto, fundamentais para dar prosseguimento ao seu discurso, assim também como impacta sobre a documentação o reconhecimento de uma instituição pública.

Com isso, além de armazenar, o APERJ se torna um grande incentivador da valorização dessa documentação, principalmente, ao ser inserido no círculo de propagação de uma narrativa sobre a prostituição nas últimas décadas – na qual me incluo. Como já especificado, o arquivo recolheu documentos relevantes para o estudo de tal temática. Afinal, a lógica do arquivo não reside nos documentos, mas na pessoa, o sujeito que os seleciona e arranja.¹⁹⁶

Por conseguinte:

É importante notar que os documentalistas são muitas vezes vítimas desta "ilusão". Eles se debruçam sobre os documentos como sobre fragmentos de um todo que, privados de inteligibilidade por causa das vicissitudes do processo de acumulação, vão recuperá-la a partir da sua própria interferência. Neste sentido, a ilusão biográfica gerada pelos arquivos pessoais é tanto um produto da atuação do documentalista como um elemento que o informa. Seguindo esta pista, poderíamos pensar na existência de um postulado da unidade e completude da existência arquivada, paralelo ao "postulado do sentido da existência narrada" expresso por Bourdieu. Ele é compartilhado por doadores de arquivo e arquivistas, ambos interessados em valorizar o material doado, e passa a ocupar um lugar na instituição de memória que o recebe.¹⁹⁷

¹⁹⁵ HEYMANN, L. Q. op. cit., p. 44-45.

¹⁹⁶ Cf. VIANNA, Aurélio; LISSOVISKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. op. cit., 1992, p. 66.

¹⁹⁷ HEYMANN, L. Q. op. cit., p. 45.

O estudo sobre arquivos institucionais foram pouco explorados, principalmente, pela dificuldade de se encontrar tais conjuntos documentais, especificamente no APERJ, instituição que tem responsabilidade sobre preservação da documentação em esfera estadual. Aqui a documentação pode ser comparada, em alguns pontos específicos, a dos arquivos pessoais, principalmente, pela relação muito personalista de Gabriela Leite com essa documentação. Não somente por isso, mas também pela forma como são utilizados, pois demonstra que também há boa parcela de documentos preservados mais “artificiais, antinaturais, arbitrários”, através da acumulação de documentos que lhe convinha guardar.

A conservação desses documentos representa o resguardo dos vestígios do “movimento de prostitutas” que se organizara na década de 1980 e mostram a participação dela na acumulação do material, através da evidente quantidade de documentos que se referem ou foram produzidos por ela. Uma relação identitária estabelecida durante anos, se aproximando da formação de um arquivo pessoal. Como, por exemplo, a placa recebida por Gabriela em homenagem de estudantes da Univer Cidade no ano de 2001.

Sendo assim, Gabriela Leite é uma figura representativa do “movimento de prostitutas”, uma liderança que em torno de si estabelece algumas características, como a ocorrência da monumentalização dos documentos que seriam mais pessoais, no entanto, são arquivados juntos dos documentos da Davida. Nisso apresenta-se a formação de uma figura mítica, e a própria Gabriela, como uma pessoa a frente de seu tempo, já daria indícios do desenvolvimento desse mito em relação ela. Na “Coluna da Gabi” do *Beijo da rua* de número 10 de 1991, a autora escreveu:

O Encontro de Belém foi o acontecimento mais importante dos últimos anos de minha vida, porque me deu a medida de minha dureza, de meus teatros, e, principalmente, me mostrou que sou frágil e que preciso desesperadamente de amor para muito além da admiração coletiva. Tudo começou com a minha chegada ao aeroporto. As meninas estavam me esperando e, de malas e tudo (inclusive meu cansaço), fui levada à zona de prostituição. Lá chegando me deparei com uma legião de mulheres, e daí todas elas, em fila, me colocaram frente a frente com um autêntico beija-mão. Que solidão, meu Deus, senti naquele momento. Quantas emoções contraditórias passaram por minha cabeça, como foi difícil conviver face a face com o mito.

Após o falecimento de Gabriela, a força de mitificação aumenta, se torna uma figura de certa forma “mística” dentro desse universo da prostituição. Na qual a lembrança se faz como de uma santa protetora das prostitutas. Nota-se essa “beatificação” da Gabriela nas representações dela após a sua morte, na qual ainda mantém viva a memória de Gabriela, nos

jornais *Beijo da rua*, e na observação empírica da relação afetiva das pessoas com a lembrança de Gabriela.



Figura 7: Cartaz do 4º Encontro da Rede Brasileira de Prostitutas¹⁹⁸

Em 2008, durante o 4º Encontro da Rede de Prostitutas, foi produzido um cartaz que servisse de fundo da mesa de debates, na qual a imagem recria a Santa Ceia, onde os personagens não são mais Jesus junto de seus discípulos, mas sim Gabriela junta de seu “exército de Brancaleone”.¹⁹⁹ Essa imagem recriada representa desconstrução de uma moral cristã e uma construção da sacralização em torno da figura da Gabriela. Torna-se sátira e crítica dos modelos morais, remodelando os parâmetros de construção da sociedade em torno da liberdade sexual, Gabriela seria a forma do paradoxal entre o sagrado e o profano. Uma noção dessa deixa o nome e as ações dela como irrevogáveis, inegociáveis, pois eram planos, desejos de uma figura mítica, cuja ideia ninguém questiona.

De fato, ela era o grande artífice do desenvolvimento do discurso do movimento de prostitutas, e era uma das principais lideranças engajadas nessa luta, mas em torno disso a documentação foi se tornando também parte dos seus feitos sacralizados. A lembrança da

¹⁹⁸ GATTI, Marcelo. *Fotografia do 4º Encontro da Rede Brasileira de Prostitutas*. Rio de Janeiro. 2008. Plataforma Flickr. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/polacas/albums/72157610849027106/with/3088492675/>> Acesso em: 31 jul. 2019.

¹⁹⁹ Termo utilizado por Gabriela Leite em diversos textos da Coluna da Gabi, do jornal *Beijo da rua*, para descrever o movimento que participa da organização das prostitutas.

vida de Gabriela Leite se torna tão importante quanto à memória afetiva desenvolvida entre membros de Davida, e documentos. Em torno desse eixo se fortalece a concepção do uso da memória como construção e reconstrução das narrativas da Davida. A memória afetiva de seus integrantes desenvolve noções positivas a respeito da preservação e uso dos documentos, e assim essa relação envolve sentimentos que estimulam a reter o que lhe é bom – ou bom para as prostitutas.

Enquanto o acervo constituía-se, fosse por sua produção ou acumulação dos documentos, já havia uma demonstração de afeto e zelo de Gabriela Leite e dos membros da instituição, cuja percepção sensível de importância histórica sobre a documentação desenvolveu o anseio de preservá-los. Por isso, a documentação foge aos rigores burocráticos das instituições públicas e privadas comuns, promovendo um alto teor de personalismo e intimidade construída em torno dele, através da relação memorialística que dita à noção afetiva das pessoas e faz lembrar com cuidado de um período. Uma preocupação com a organização das “profissionais do sexo”.²⁰⁰

Além disso, a narrativa sobre essa documentação pode servir como forma de domínio do movimento de prostitutas sobre a memória coletiva da prostituição e de seus discursos. Sendo assim, ela se torna fonte de poder de um debate sobre os discursos a respeito da prostituição. Segundo Le Goff, um documento transformado em “monumento” pode se tornar um grande instrumento de poder. Ou seja, conhecimento sobre documentos (informação) simbolizam poder sobre as construções das narrativas futuras.²⁰¹

Logicamente, a voz ecoada do movimento de prostitutas emerge de uma imensidão de espaços, principalmente públicos, onde tentam calar a prostituta ao longo do tempo. Assim, o cuidado em analisar o domínio sobre a memória da prostituição requer a mesma reflexão que podemos extrair do texto de Alessandro Portelli, que debate as memórias sobre o “Massacre de Civitella”.²⁰² O autor destaca que lá, em períodos e governos distintos vários grupos disputam ao longo da história a memória sobre o massacre, que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial. E tais memórias se modificam conforme as divergentes narrativas de cada grupo. Uns acreditando que o massacre teria sido causado pelos revolucionários que provocaram os nazistas e outros que os culpados são os próprios nazistas. As narrativas dos

²⁰⁰ Conceito desenvolvido no bojo da organização das prostitutas.

²⁰¹ Cf. LE GOFF, Jacques. op. cit., p. 504.

²⁰² Cf. PORTELLI, Alessandro. 1996. “O massacre de Civitella Val di Chiana” (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV. 1996.

dois lados se apropriam da memória, dos objetos e documentos em algum período da história para marcarem o domínio exclusivo da narrativa a respeito dos acontecimentos.

É necessário cuidado ao encarar nos fatos algumas questões bem subjetivas que podem interferir no modo de se pensar, sem extrair a narrativa do próprio movimento. Pois, no que se refere às prostitutas existe um domínio e pensamento hegemônico que desvaloriza a história das prostitutas, que inclusive é perceptível a partir do momento que explico o tema da pesquisa. Um ato que pode ser involuntário ou não, que pode também estar impregnado pelo desejo de se estabelecer como única narrativa.²⁰³

Além do mais, a construção da memória em torno de um grupo que deseja se autoafirmar, contribui para que se estabeleçam identidades. Reforçar as lembranças, construir novas narrativas de um grupo significa também construir ou não destruir identidades, nesse caso das prostitutas.

Suprir a necessidade da administração pública e preservar a memória social. No caso da prostituição significa muito guardar essa documentação, pois talvez seja uma das poucas documentações dessa temática que sejam preservadas por uma instituição pública no Brasil, e ousar dizer no mundo. A temática prostituição poderia sofrer um dano irreparável, assim como a geografia da prostituição, o conhecimento sobre o comércio do sexo no Brasil poderia ser perdida.

Apesar de significar a historicidade da memória, dentro desses lugares como o APERJ, são instituídas novas memórias. Mesmo no processo histórico de escolha desse acervo a integrar a instituição há um ato de lembrar incutido nele, cujo tratamento e o lidar com as documentações fazem parte do surgimento de novas memórias. Sendo pela crítica institucional, ou pelo resgate da organização, das escolhas e até mesmo dos critérios adotados passam por isso. Essa documentação a partir de então é dotada de uma memória também arquivística.

Isso também vai ao encontro da ideia de Pierre Nora, que afirmava não existir casas de memória, mas sim de história, por compreender que a criação desses lugares empreende um método. Tornando-se assim memória em história:

A passagem da memória à história conferiu a cada grupo a obrigação de redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si. Assim, o imperativo de história ultrapassou em muito o círculo restrito dos historiadores profissionais. A necessidade de recuperar seu passado submerso não frequenta somente os

²⁰³ Cf. ALBERTI, Verena. “Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral”. In: *Ouvir contar. Textos em história oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

antigos marginalizados da história oficial. São todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, ilustrados ou não, que, a exemplo de etnias e minorias sociais, experimentam a necessidade de partir em busca de sua própria constituição, de reencontrar suas origens.²⁰⁴

O jornal *Beijo da rua* era uma dessas ferramentas que sistematizava a história daquele grupo. Com a participação de várias prostitutas e intelectuais pode se construir, por exemplo, como “lugar de memória”. Levando em conta mais uma vez a metáfora das migalhas de pão deixadas por João e Maria, na qual o texto descreve como sendo os vestígios históricos criados pelos seres humanos, uma forma de lembrar o caminho e a trajetória percorrida. É destacável que uma parte dos jornais está na Biblioteca Nacional e outra no Arquivo Público. Duas instituições públicas diferentes que reconhecem importância nessa documentação e o papel da luta por direitos das prostitutas.

2.5 O *Beijo da rua* se construindo como lugar de memória

A luta contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento.²⁰⁵

Esta reflexão se construiu até aqui para igualmente, permitir o encontro com o jornal, que é desde o início o centro desta abordagem. Entretanto, se antes não adentrássemos em outros campos do conhecimento como da arquivologia ou da memória, nos tópicos anteriores, correríamos o risco de percorrer uma análise do objeto sem consistência, inócua, pois além de fazer parte daquele contexto, algumas edições analisadas concentram-se no mesmo conjunto documental doado pelo Davida.

Em momento complicado para se falar da História, um período de polarização e acirramento político no Brasil, o fenômeno das *fake news* dominam as discussões mais simples criando uma confusão entre o que é real ou fictício. Inevitavelmente muitas vezes recorreremos à memória para tentar trazer a luz dos profundos porões da mente o que é fato, mas se enganam aqueles que acreditam fielmente nas suas lembranças, ou mesmo em fragmentos de uma memória coletiva. Esquecendo-se da materialidade dos vestígios, e principalmente, que a memória é passível de erro devido aos fenômenos psicológicos na qual a mente seleciona o que deve ou não ser esquecido.

²⁰⁴ NORA, Pierre. op. cit., p. 17.

²⁰⁵ KUNDERA, 1980 apud TERRY, Cook. op. cit., p.18.

A sociedade brasileira tem desenvolvido uma relação religiosa a respeito da realidade vivida, em que o acreditar se tornou o fato em si, mesmo sem evidências. Distorcendo o “Penso, logo existo” de Descartes, hoje parece se aplicar mais um: acredito, logo existe. Por isso, o jornalismo tem sido colocado em xeque, em um misto de descrédito, principalmente da grande mídia, e fundamentalismo ou ativismo político, da mídia digital.

Nesse contexto, encontramos um terreno fértil para trazer um debate a respeito de jornalismo, e caminhando um pouco ao passado, refletir sobre o jornalismo no período de redemocratização através da publicação *Beijo da rua*. Explorando a relação entre o jornal com outros jornais, assim também como a memória construída no, do e pelo desenvolvimento do *Beijo da rua*. Afinal, a elaboração do jornal também faz parte de um exercício da memória social e coletiva²⁰⁶, na qual se forma pela interação de seus integrantes/ participantes.

Para essa reflexão inicial, pensando a respeito do papel de uma publicação como “lugar de memória”, é conceitualmente necessário utilizar as ideias de Pierre Nora, que exige três princípios básicos ao definir um lugar de memória: “material, simbólico e funcional”²⁰⁷. *Beijo da rua* tem materialidade enquanto criação humana, simbolicamente representa ação sociopolítica e função, como antes já citado, ao transmitir informação sobre as prostitutas e para as prostitutas. Como podemos analisar:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou.²⁰⁸

Em cada uma das edições do *Beijo da rua* existe o trabalho e uma produção de lembrança, que estabelece uma relação extremamente simbólica para o movimento de prostitutas. Nele é perceptível a lembrança da construção do jornal, a rememoração e comemoração dos eventos e encontros importantes para elas, assim também como as datas que revitalizam o desenvolvimento do jornal.

²⁰⁶ Cf. HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

²⁰⁷ NORA, Pierre. op. cit., p. 21.

²⁰⁸ Ibid., p. 17-18.

O *Beijo da rua* tem uma importância cultural muito grande, nele a sociedade brasileira pode encontrar um discurso que rompe algumas construções sociais sobre sexualidade e moral que paira sobre a maior parte da população brasileira. E mesmo, como visto no primeiro capítulo, o moralismo do início do século passado, que ainda persiste nesse cenário. Dentre os quais é possível extrair do jornal algumas referências que contribuem para o entendimento dele como “lugar de memória”. Como, por exemplo, nos textos encontrados nas seções *Moral da História*, cujo estímulo à rememoração é fundamental. Ou como na *Coluna da Gabi* da edição do Ano VI e número 14, de 1994 em que a Gabriela escreve ter “motivos de sobra para comemorar” o momento do III Encontro Nacional das Trabalhadoras do Sexo, lembrando-se do I Encontro de Prostitutas em 1987.

Uma forma de não deixar esquecer que as prostitutas se organizam desde então. Algo que acontece com frequência no jornal. Várias matérias acompanhadas de fotografias relembram os momentos marcantes, não permitindo o esquecimento, como no *Beijo da rua* de 1991, que relembra o 1º Encontro Nacional de Prostitutas, mais acima mencionado:



Figura 8: I Encontro Nacional de Prostitutas.²⁰⁹

A criação do *Beijo da rua* teve significativo valor, dando possibilidade às prostitutas de alcançarem, além de um espaço para propagar sua voz, também um objeto de não esquecimento. Um exemplo disso, é como o jornal serve de referência para tantos textos, utilizam-no como fonte ou forma de lembrar. O jornal é não só uma afirmação, uma forma de

²⁰⁹ *Beijo da rua*, Rio de Janeiro, 1991. p. 14.

confronto, mas também um suporte que se faz necessário para manter e contar a história das prostitutas por intermédio de um movimento de prostitutas, um vestígio dessa trajetória.

Levando-se em conta que sobre a prostituição podem existir muitas vozes, é notório refletir que, apesar de alguns lutarem por algum objetivo, outros podem se calar também por outros motivos. Diante disso, é importante não silenciar os desinteressados pelo movimento, e perceber que mesmo nele existem os “conservadores”²¹⁰. No meio das prostitutas pode haver diversas vozes divergentes, não somente aquelas vozes das prostitutas que estão associadas a um movimento.

Nesse sentido, trazer a perspectiva contrária e levantar a hipótese de que muitas prostitutas não se associaram a algum movimento é relevante. Refletindo que não existe um movimento ou organização totalizante, apreendendo sobre o lado dissonante também. Portanto, para caminhar em direção a uma História mais consistente da prostituição do tempo presente é necessário perceber aqueles que não apoiam, ou pensam de forma diferente, e notar que mesmo na reflexão sobre a prostituição existiam divergências e discrepâncias. O número de participantes no I Encontro de Prostitutas pode ser um grande indício disso, 39 prostitutas tem o nome registrado ao final do filme “Fala mulher, da vida”. Ou seja, essa voz, que o jornal diz propagar da prostituta, pode ser apenas de uma parte delas.

Até aqui a memória da prostituição no Brasil, ou de um movimento de prostitutas não fora constituída, por isso, a necessidade de criar suportes e meios que carreguem suas memórias. A construção do *Beijo da rua* como “lugar de memória” parte de si mesmo, isso significa uma autoconstrução, onde são incorporados de simbolismo, representatividade e identidades para a sua formação. Todos esses dependem da memória para sua autoafirmação, para se constituir enquanto movimento forte. É uma narrativa da construção de si.

Vislumbrar o surgimento do jornal como ideal romântico de transformação é uma forma de interpretação que o próprio jornal faz durante grande parte de sua trajetória. Com isso, o *Beijo da rua* se transforma no elo entre passado e futuro representado pela lembrança afetiva compartilhada por ele, na qual constantemente se cria uma dicotomia da lembrança e do esquecimento. Uma disputa de poder, assim como a inspiradora frase inicial de Kundera sugere. Por citar o romancista, existe uma edição do jornal que faz uma paródia a “Insustentável leveza do ser”, para debater temas relevantes às questões de gênero, nesse caso

²¹⁰ Cf. CESAR, F. L. Acervo Davida: depoimento. [23 de março, 2016]. Rio de Janeiro: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*. Entrevista concedida a Clarissa Ramos, Daniel Elian e Gabriel Alencar.

dos “travestis”. A manchete da matéria está escrito: “Travesti: a insustentável leveza de ser”.²¹¹

O *Beijo da rua* pauta uma disputa como lugar de memória do jornalismo brasileiro, porque através dele é possível apreender sobre as disputas dentro da imprensa brasileira, de modo geral, pelos métodos de comunicar/ informar durante os anos 1980 e 1990. Primeiro como herdeiro da imprensa alternativa brasileira de anos anteriores, e posteriormente, como representante de uma imprensa oriunda dos movimentos sociais, aglutinadas em Organizações não governamentais e associações sem fins lucrativos.

Com a vitalidade de todos aqueles que “viveram” o *Beijo da rua* o jornal se destaca diante do esquecimento que à prostituição sempre foi imposta. Assim sendo, a partir das ponderações expostas aqui, é possível reconhecer no jornal uma referência no debate sobre a prostituição no tempo e no espaço, na qual integram e reverberam na sociedade suas entrevistas, fotografias, eventos e artigos. Assim, à guisa de uma conclusão, o jornal é sim parte da construção da memória do movimento de prostitutas e também se constrói como “lugar de memória”.

Desse lugar que o jornal se encontra, como responsável na preservação de uma dada lembrança da organização das prostitutas se encaminha para marcar a história. Assim, se transformando importante ferramenta de representação do movimento de prostitutas e eco das ações políticas de um passado. A partir de sua criação, o jornal traduz uma exponencial reverberação de ideias sobre a prostituição que claramente se evidencia na imprensa brasileira, chamando a atenção para si, como espaço de “luta”.

É possível observar como ele próprio aparece na imprensa de massa, ou seja, em jornais que tem um alcance maior na circulação de suas ideias. *Jornal do Brasil* e *Correio Brasiliense* mostram no lançamento de *Beijo da rua*, uma novidade, um acontecimento sobre o tema que se difere do cotidiano, em que as prostitutas são escondidas. No primeiro, matérias básicas só confirmam a ascensão do movimento de prostitutas e a criação do jornal, já no segundo demonstra a sua criação: a “tortura motivou início da luta”²¹². Nele novas reverberações trouxeram a tona novas formas de discursos e práticas com relação à prostituição. O jornal serviu como forma de documentar, relatar. Um instrumento de armazenar memórias.

²¹¹ BRAITERMAN, Jared Jorge. “Travesti: a insustentável leveza de ser”. *Beijo da rua*, Rio de Janeiro, out/ nov. 1989, p. 5.

²¹² FARIA, Susan. “Prostituta pesquisa a vida nos Cabarés”. *Correio Brasiliense*, Rio de Janeiro, 19 Mar. 1989. p. 15.

CAPÍTULO 3

O jornal *Beijo da rua*: uma performance

*Eu pecador te confesso
meu amor
Me perdoa por querer-te tanto
Não sei que fazer com este amor.
Eu pecador te confesso
A dor
De amar-te em silêncio
De te ouvir no barulho dos ventos
Eu pecador te confesso
que os dias são tristes
que as noites são longas
que a saudade dói
que o amor corrói
Eu pecador não te confesso
mais nada
Amar não é pecado!²¹³*

(Doroth de Castro)

Das inúmeras imagens formuladas sobre a prostituição e a prostituta ao longo da história, como exemplificadas nos capítulos anteriores, o que apreender sobre a representação contemporânea a partir do *Beijo da Rua*? Ao meu juízo, há ali uma nova forma de apresentar e identificar as prostitutas. Institui-se, portanto, um jornal que objetiva dar voz ao movimento de prostitutas. E assim, nada mais coerente do que a escrita de mulheres “da vida”, como Doroth de Castro no poema da epígrafe e que estava no *Beijo*. A manifestação dos sentimentos de Doroth de Castro em relação ao amor apresenta uma mulher, um ser humano como qualquer outro.

O poema traduz uma subjetividade que ganha força, ecoa como um amplificador quando estampado no *Beijo da rua*. Não por alguma capilaridade e aderência na população brasileira, mas por compartilhar e incorporar mais força ao discurso. Doroth de Castro não fala somente por si, mas por várias outras prostitutas que acreditam e lutam por seus direitos enquanto mulheres e trabalhadoras.

Muitas vozes de prostitutas são ecoadas pelo jornal. Nele foi possível o desenvolvimento do discurso de um movimento de prostitutas no Brasil, assim como, a reverberação de novas reflexões a respeito da prostituição. O *Beijo da rua* é um repertório, um tipo de ação que deseja alcançar visibilidade, causar impacto nas pautas levantadas pelo

²¹³ “Amar não é pecado!”. *Beijo da rua*. Poesia. Rio de Janeiro, 1990, p. 2. Doroth de Castro foi prostituta e se envolveu no movimento de prostitutas integrando a ONG Davida como sócia fundadora, assim como escreveu algumas matérias no jornal *Beijo da rua*.

grupo. O *Beijo* é uma reação contra as violências policiais, evidentes, por exemplo, nas primeiras denúncias do jornal.²¹⁴

Sendo assim, para a construção da análise sobre o *Beijo da rua*, é importante ter as perspectivas que remetem primeiro ao estudo do jornal em si. Esta é uma abordagem, como já explicitada, usando o jornal não somente como fonte, mas também como objeto, refletindo sobre que construções da História do período e conjuntura este formulou. Apreensão sobre a sua forma, estética, textos, linguagens, e, portanto, caracterizando o jornal devido ao seu conteúdo para em seguida buscar a compreensão daquela conjuntura a respeito das representações expressas sobre as prostitutas. Não esquecendo os interesses que regem a ideia de criação de um jornal.

Ao aprofundar e empreender a análise do *Beijo da rua* é possível demonstrar como a criação dessa publicação exerceu um poder simbólico importante para efetivar um novo discurso sobre a prostituição. O jornal se tornou a principal, talvez a única, ferramenta de expressão, comunicação e sistematização do movimento de prostitutas durante muitos anos. Mas, sobretudo, um repertório de ação política, numa agenda de lutas. Nele, esse grupo – múltiplo e heterogêneo – que tinha uma de suas lideranças em Gabriela Leite, conseguiu cunhar diferentes práticas e representações às prostitutas. Sendo estas diferentes e opostas as que eram submetidas até então. Ampliando os seus discursos pela participação e lutas por implementação de políticas públicas.

3.1 O nascimento do *Beijo da rua*: primeiros indícios

A ditadura civil-militar “foi desmontada aos poucos, com tamanha precisão que até hoje não se pode dizer quando acabou”, segundo Elio Gaspari. Realmente não é tão claro, e o jornalista ainda afirma que: “talvez o certo seja dizer que não foi desmontado. Foi camaleonicamente transformado”.²¹⁵

O ponto chave nessa perspectiva de Gaspari é sua metáfora – crítica – que pondera sobre as transformações políticas, sociais e culturais ocorridas na sociedade brasileira, a partir daquele momento. Demonstrando continuidade estrutural na hegemonia do poder, que se mantém concentrado nas mãos dos mesmos grupos políticos após a redemocratização. Eles

²¹⁴ Cf. LENZ, Flavio; GUEDES, Nilton. “Prostituição não é caso de polícia”. *Beijo da rua*, Rio de Janeiro, Dez. 1988. p. 5.

²¹⁵ GASPARI, Elio. “Alice e o camaleão”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque; VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura (70/80)*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000. p. 12.

somente se moldaram conforme a nova conjuntura. Isso pode ser identificado pelo trato excludente de alguns grupos na nossa sociedade, que mesmo após promulgação da Constituição cidadã, ainda são vistos como marginais, dentre eles, fundamentalmente, aqueles que habitam a rua: prostitutas e moradores de rua, sem tetos, sem terras. Isto significa que uma desestruturação social ainda se perpetuou.

Neste lastro um marco na luta das prostitutas é o I Encontro Nacional de Prostitutas, em julho de 1987. Ali se iniciou e se concretizou uma reação das prostitutas, que insufladas pela repressão policial e pelas constantes intervenções violentas do Estado para mantê-las controladas e “dóceis”²¹⁶, organizaram-se em um movimento. Para além dessa coordenação, essas mulheres juntamente com intelectuais e artistas, iniciaram o desenvolvimento de repertórios de ações coletivas, numa atualização do próprio conceito de Tilly, de “incorporação da dimensão cultural” nos conflitos políticos.

Uma dessas ações mais importante foi o jornal *Beijo da rua*, lançado em dezembro de 1988 durante o I Encontro Norte-Nordeste de Mulheres Prostitutas, que ocorreu na Fundação Centro de Educação Comunitária e Social do Nordeste (CECOSNE), no Recife. Ele se torna numa “performance”, com vários “scripts”. Ou seja, uma agenda política de enfrentamento.²¹⁷



Figura 9: Capa da Edição inaugural do *Beijo da Rua*²¹⁸

²¹⁶ Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

²¹⁷ Cf. TILLY, Charles. *Contentious performances*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 apud ALONSO, Angela. “Repertório, segundo Charles Tilly. História de um conceito”. *Revista Sociologia e Antropologia*, vol. 2. n. 3, pp. 21-41. 2012.

²¹⁸ Essa edição foi encontrada dentro do Fundo Movimento Feminino Pela Anistia e Liberdades Democráticas (MFALD), no APERJ. Essa organização acumulou durante a sua trajetória periódicos de cunho democrático-feministas, o que é interessante do ponto de vista analítico, pois isso pode representar para as mulheres dessa

Sendo assim, o jornal se torna uma ferramenta de mobilização política pela via da cultura. Ou da tentativa de mudá-la, influenciá-la, desenvolvendo e trazendo à tona novas concepções filosóficas (como conhecimento), antropológicas (como formação de novas identidades), históricas (como nova compreensão no tempo e espaço) e políticas (como forma de manifesto e reivindicação) sobre a prostituta.

Essa mobilização pode ser recuperada no mapeamento da participação de um grande número de personagens, desenvolvendo uma rede de sociabilidade notável no meio dessa organização. Com isso, integrantes do ISER, prostitutas, Pastoral da Mulher Marginalizada, intelectuais e ainda uma rede de amigos que interagem no jornal, principalmente, sistematizando temas como as pautas e lutas durante a trajetória de formação e organização do grupo.

No interím da presidência de José Sarney (1985-9), em um período de grandes transformações sociais e problemas econômicos, como a instabilidade da moeda, o jornal se desenvolve. Seu grande impulsionador foi o ISER, a partir do Programa Prostituição e Direitos Civis, onde este foi produzido, além dos projetos ligados ao Instituto. Tal articulação permitiu a sobrevivência financeira e de conteúdo.

O *Beijo da rua* surge da vontade de criar um espaço em que prostitutas pudessem se expressar, de acordo com Gabriela Leite.²¹⁹ Seu objetivo era o de transmitir o discurso em defesa da prostituta e da prostituição, mostrando o que geralmente não aparecia na mídia tradicional, em uma nova linguagem: seu cotidiano, suas lutas, seus estigmas e problemas, principalmente no que tange ao reconhecimento profissional e à legislação sobre o tema. Por isso, o jornal é uma resposta às dificuldades enfrentadas pelas prostitutas.²²⁰

O jornal foi batizado com o nome de *Beijo da rua* após ocorrer uma votação dentro do ISER. Segundo Flávio Lenz, havia vários outros nomes possíveis, mas o jornalista Nivaldo Lemos, que trabalhava na Instituição, sugeriu esse e logo em seguida foi democraticamente escolhido. Por isso, na primeira edição do jornal, o nome de Nivaldo Lemos aparece no expediente como colaborador, seguido da palavra “padrinho” entre parênteses.²²¹ Sem

organização que o jornal demonstre uma ideologia de liberdade da mulher, consonante a representação do próprio jornal. Fonte: *Beijo da rua*, Rio de Janeiro. Dez 1988.

²¹⁹ LEITE, Gabriela Leite. “Coluna da Gabi”. *Beijo da rua*. Rio de Janeiro, Dez. 1988. p. 2.

²²⁰ Cf. LENZ, Flavio. *O Estado da Saúde e a “doença” das prostitutas: uma análise das representações da prostituição nos discursos do SUS e do Terceiro Setor*. 2011. Monografia (Especialista em Comunicação e saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

²²¹ *Beijo da rua*, Rio de Janeiro. Dez 1988. p. 2.

dúvida, uma referência como a pessoa que batizou o jornal, indo ao encontro do que Flávio Lenz se referia sobre a escolha do nome do jornal.²²²

A escolha da alcunha é bastante significativa e implicitamente reúne em si ideias. Sentidos e reflexões que representam à prostituta e que identificam a sua realidade, como na análise abaixo a respeito do *Beijo*:

O nome pode ter sido o mais bem votado e ainda aprovado na mais tradicional zona de prostituição carioca por ser provocativo e equívoco. Contém dois elementos principais, com significados próprios, que, mesmo isoladamente, não surgem inocentes no contexto do jornal aqui analisado. Rua é o espaço mais tradicional de exercício da prostituição, além de lugar de encontro casual, paquera, surpresa, informalidade. Beijo, obviamente, associa-se a prazer. Ao serem ligadas pela preposição “da”, as duas palavras criam uma expressão incomum, distinta, por exemplo, de um beijo “na” rua.²²³

O *Beijo da rua* estimula um jornalismo muito próximo ao “alternativo” do período ditatorial caracterizado por Kucinski²²⁴. Com uma diferença. O jornalismo alternativo tinha no Estado autoritário o seu principal antagonista, onde as críticas eram dirigidas ao arbítrio da ditadura civil-militar. A imprensa alternativa não foi linear e sim, permeada por momentos diferentes. Enquanto o *Beijo da rua* questionava e lançava para a sociedade um novo debate. Este buscava confrontar e/ou instituir um espaço fora da cultura hegemônica da grande mídia. No entanto, o movimento acontecia num período de liberdade de imprensa defendido pela Constituição cidadã de 1988.

Diversos jornais que surgiram nesse momento foram marcas de uma proposta alternativa de certa forma mais restrita. De acordo com Kucinski, os jornais alternativos durante a ditadura agiam como resistência ao regime, mas depois como forma de transição do que era clandestino para o democrático. Ou seja, essas formas mais específicas e fragmentadas de imprensa, segundo Kucinski, surgiram com a redemocratização durante a década de 1980.²²⁵

²²² Cf. CESAR, F. L. Acervo Davida: depoimento. [23 de março, 2016]. Rio de Janeiro: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*. Entrevista concedida a Clarissa Ramos, Daniel Elian e Gabriel Alencar; ver: *Beijo da rua*. Expediente. Rio de Janeiro, Dez. 1988, p. 2. LENZ, Flavio; PEREIRA DE ANDRADE, Ana Beatriz; LENZ, Flavio; PEREIRA DE ANDRADE, Ana Beatriz; PERAZZI DE AQUINO, Henrique. *Beijo da rua, um jornal com a voz das prostitutas*. Bauru: Abr. 2015. Disponível em: <<https://www.faac.unesp.br/Home/Departamentos/ComunicacaoSocial/midiacidada/dt5-19.pdf>> Acesso em 15 Jul. 2016.

²²³ Ibid., p. 5-6.

²²⁴ Cf. KUCINSKI, op. cit., 1991.

²²⁵ Cf. KUCINSKI, op. cit., 1991.

Assim como o estudo sobre imprensa de Marialva Barbosa²²⁶ revela, a publicação instituiu-se em meio à ascensão de um jornalismo investigativo e a explosão do jornalismo econômico, numa provável tentativa de compreender e analisar as crises inflacionárias consecutivas naquele contexto. Pela própria publicação é possível encontrar vestígios dessa instabilidade econômica no país, apreendendo nas mudanças monetárias expressas em suas capas, um índice característico do seu período de produção.

Sendo assim, guiado pelo método indiciário de Ginzburg, é possível encontrar nas capas das edições do período uma variação muito grande nos valores e também na quantidade de moedas que se teve em um curto período de tempo.²²⁷ Sendo compatível com a crise econômica que o Brasil passava. Quando do lançamento do jornal a moeda era o Cruzado (Cz\$) (edição inaugural), no ano seguinte, em 1989 a moeda se tornou o Cruzado novo (NCz\$) (edições 1 a 4), fração monetária que durou pouco mais de um ano no país. Já a partir da segunda edição do ano de 1990, a moeda volta a ser o Cruzeiro (Cr\$) (edições 5 a 13).

Essa grande variação cambial, fica clara ao utilizarmos o valor do dólar comercial como parâmetro. Assim como na tabela abaixo, demonstrando um período entre 1988 e 1994 uma instabilidade mensal do dólar muito brusca, enquanto a partir de 1994, pode-se identificar maior estabilidade, exatamente, no momento do lançamento do Real (R\$) como moeda brasileira:

ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1988	77,277	90,538	106,8	125,15	148,39	177,05	213,91	264,97	321,35	403,69	519,6	661,37
1989	859,25	1	1	1	1,1	1,348	1,882	2,436	3,219	4,338	6,048	9,177
1990	13,735	24,345	38,388	46,853	51,239	55,962	66,531	71,982	75,493	92,477	118,24	151,31
1991	190,47	221,56	229,15	251,37	272,69	296,06	326,53	370,09	425,87	577,23	731,57	945,85
1992	1.179,05	1.467,45	1.768,45	2.196,00	2.612,80	3.144,10	3.789,80	4.620,45	5.697,40	7.118,10	8.872,30	11.066,95
1993	14.080,50	18.156,75	22.183,00	28.270,00	36.445,40	47.413,00	62.136,00	80.851,00	108,944	149,26	199,745	270,065
1994	381,53	532,66	755,52	1.104,88	1.508,82	2.230,00	0,925	0,906	0,855	0,835	0,838	0,851
1995	0,847	0,837	0,884	0,905	0,891	0,909	0,926	0,942	0,953	0,958	0,9627	0,9677
1996	0,97827	0,9829	0,9868	0,9899	0,9957	1,0015	1,0062	1,0122	1,0192	1,0251	1,0305	1,0389
1997	1,0426	1,0495	1,0554	1,0606	1,0678	1,0745	1,0808	1,0873	1,0927	1,0994	1,1082	1,1143

Tabela 1: Dólar Comercial Oficial - índice mensal²²⁸

Os valores encontrados nas capas também permitem compreender que havia a comercialização do jornal, uma forma de autossustentabilidade. Em documentos do Davida,

²²⁶ Cf. BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

²²⁷ Cf. GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

²²⁸ Banco Central do Brasil. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/> Acesso em: 10 de Mar. 2019.

como, especificamente, um projeto do *Beijo da rua*, deixa claro que a publicação tinha diferentes formas de distribuição. Uma parte era distribuída gratuitamente e outra parcela poderia ser comercializada.²²⁹

É possível observar a partir da tabela acima, essa instabilidade perdurar até o governo Itamar Franco (1992-4), quando é lançado o plano Real. Na fragilidade econômica brasileira aparente é possível observar um fenômeno na política econômica surgindo com grande força no país, o neoliberalismo. Modelo que se fortalece com a privatização de empresas estatais e o aumento do investimento do capital privado no país, principalmente estrangeiro, seguindo a ideologia capitalista, exatamente na conjuntura de decadência do socialismo com o esfacelamento da URSS.

Além disso, com o desenvolvimento e propagação de um novo discurso sobre a prostituição, surgido no desenrolar do movimento social de prostitutas, ocorre à multiplicação de novas formas de se ver e interpretá-la. Isso pode ser notado na época do lançamento do jornal, quando alguns periódicos da grande mídia deram destaque à defesa que o *Beijo da rua* fazia dos direitos das prostitutas. Na realidade, antes mesmo de ser lançado, O *Beijo da rua* já era anunciado em outro jornal como “o porta voz das prostitutas da Zona do Mangue”.²³⁰ E logo depois, enquanto ele trazia as principais notícias referentes às prostitutas, também se tornava a notícia. Afinal, era algo inédito. No *Jornal do Brasil* de 1988, por exemplo, há a matéria “Um tema difícil em discussão”, que José Raimundo Gomes (integrante do ISER e assinante de algumas matérias do *Beijo da rua*) e Gabriela Leite reafirmam o posicionamento da organização das prostitutas frente aos embates e enfrentamentos que *Beijo da rua* propunha através de algumas falas deles. Como busca de conscientização às prostitutas, afirma que²³¹

Procuramos definir a linha editorial do jornal de acordo com a própria vida da prostituta: leve, descontraído, sempre fugindo do discurso erudito sobre a prostituição, para não intelectualizar e tornar a linguagem fácil.²³²

O jornal com a “voz das prostitutas”²³³ começa a sua trajetória, provocando a sociedade a pensar na expressão de uma opinião ou uma ideia contraditória a um dado padrão moral cristão. E chama a atenção, no que está implícito, geralmente, no conteúdo do jornal.

²²⁹ BR RJAPERJ DV, Projeto Beijo da rua.

²³⁰ “Informe JB”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 12, 16 Dez. 1988. Ver também: *Correio Brasiliense*, Distrito Federal, 20 Dez. 1988. p. 12.

²³¹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 Dez. 1988. p. 12.

²³² Ibid.

²³³ LENZ, Flavio; PEREIRA DE ANDRADE, Ana Beatriz; PERAZZI DE AQUINO, Henrique. op. cit., 2015. p.1.

Criando sentidos variados, enquanto objeto material ou imaterial. Composto de objetividade e subjetividade, características muito próprias das identidades das prostitutas, que faz dos conceitos visuais e estéticos se transformarem na construção de uma nova ideia como um todo. Prostituta é uma mulher com direitos. E, por isso, o jornal se traduz enquanto cores, imagens, poesias, formas.

Assim sendo, o jornal emite um efeito pela junção entre sentido e conteúdo. As escolhas sobre o jornal vão representar a expressão de quem o desenvolve e do grupo que o pensa. Do que é fazer política através de meio contestatório pouco convencional como uma publicação. A linguagem utilizada, por exemplo, através de expressões como “zonas” e “putas” se naturalizam.

Por isso, algumas características do jornal o destacam como o formato a que ele é produzido: o tabloide. Tal formato é muito utilizado em jornais que pretendem estabelecer uma transmissão da mensagem ou informação de maneira breve e mais dinâmica. Um formato historicamente ligado aos jornais alternativos de décadas anteriores, porque, é um modelo pequeno, o que delimita o tamanho das matérias e o que é escrito. Além disso, gastava-se menos papel-jornal, era fácil de dobrar e carregar. O jornal, por isso, sofre uma influência devido a seu tamanho, a escolha pelo formato seria intencionalmente essa, de informar e levar uma comunicação mais rápida ao meio da prostituição.

A partir desta introdução, é possível dividir o *Beijo* em etapas. Seguem duas delas:

	<i>1ª fase: ISER (1988-1992)</i>	<i>2ª fase: Davida (1993-1997)</i>
Edições	13	5
Participantes	72	12 ²³⁴
Páginas	164	56
Matérias	98	42
Material literário	44	3
Material iconográfico	242	104

Tabela 2 - Tabela Geral

Na tabela acima, pode-se fazer uma série de análises sobre o jornal, dentre as quais, refletir sobre os anos iniciais do *Beijo*. Assim, destacando o período demarcado de dez anos, compreendendo essas etapas, fica evidente que a primeira fase tem uma produção em todos os aspectos, maior que a sua fase posterior. O número de edições junto da quantidade de

²³⁴ Desses doze: cinco prosseguiram participando e se somam mais sete.

participantes na construção dos exemplares do jornal mostra claramente que a produtividade de uma foi mais intensa que a outra. O que não nos mostra, porém, é por que essas diferenças aconteceram, quais fatores deixaram distantes esses dois momentos. Por isso, a análise dessas tabelas junto a outros documentos poderia responder algumas questões silenciadas, ou omitidas no meio da reflexão sobre o próprio periódico.

O jornal *Beijo da rua* tinha uma estrutura básica, dividida entre colunas, seções e matérias, que contribuem na apreensão sobre ele.²³⁵ No Expediente reúnem-se algumas informações importantes, como os participantes. Essa composição expressa importantes aspectos do movimento de prostitutas, nelas são inseridas discussões e debates que dizem respeito às principais disputas políticas. Tanto no primeiro momento do jornal, tem-se:

<i>Coluna ou seção</i>	<i>Quantidade</i>
Coluna da Gabi	13
Poesia	13
Rapidinhas	12
Cartas	10
Perfil do consumidor* ²³⁶	6

Tabela 3 - Tabela de Colunas ou seções fixas - 1ª fase

Assim também como no segundo:

<i>Coluna ou seção</i>	<i>Quantidade</i>
Coluna da Gabi	5
Poesia	3
Na zona; Perfil; Preço do Amor;	2
Rapidinhas	1

Tabela 4 - Tabela de Colunas ou seções fixas - 2ª fase

A *Coluna da Gabi* é a única que permanece durante toda a existência do jornal. A identidade do periódico está relacionada diretamente a ela, por isso, mesmo que depois de seu

²³⁵ Em jornalismo, no Brasil, matéria é sinônimo de material jornalístico como notícia, artigo ou reportagem.

²³⁶ Quatro edições aparecem na seção como perfil do consumidor e em duas edições podemos encontrar como perfil.

falecimento a coluna ainda é mantida. *Poesia, Perfil e Rapidinhas* têm continuidade entre a primeira e segunda etapa do jornal. Contudo, a partir da segunda estreiam nele: *Na zona* e *Preço do Amor*, que buscam a aproximação da realidade vivida na prostituição, mostrando experiências no ambiente e no contexto que a prostituta está inserida.

Dentre as criações da publicação estão seções que representam a prostituição, como igualmente, à linguagem “da vida”: *Rapidinhas* ou *Perfil do consumidor* são alguns desses termos. Os usos da linguagem e dos sentidos são múltiplos: sensual e sexual, com sentido conotativo. No primeiro quando se refere ao sexo rápido e no segundo, dando outro sentido daquele que consome.

No entanto, desde a escolha do seu nome, como citado anteriormente, o jornal já demonstrava irreverência. Diante de uma conjuntura em que a imprensa já respirava a liberdade democrática, encorajaram esse traço de humor, exemplo disso, pode ser percebido no crescimento das tiras na imprensa ou de programas do gênero na TV durante a década de 1980.²³⁷

Ademais, ao abrir e folhear o *Beijo* é possível encontrar um vocabulário muito direto e simples, mas também com uma marca muito própria, que transgride a língua do português formal. Mesmo que não adentremos na discussão sobre a semiótica, não é muito difícil se deparar com palavras como “puta”, todavia, com o status e a semântica da palavra modificada. O termo muito usado antes de forma pejorativa começa a ser representado como poder, tendo o reconhecimento de sua identidade, sem nenhum sentimento de culpabilidade. O vocabulário no jornal também representa a construção de um campo do conhecimento sobre a prostituição, pois a especificidade das palavras e termos se faz conhecida a partir do momento que são ditas, ou quando começam a fazer parte de um vocabulário mais difundido.

3.2 Os principais temas e a sistematização do movimento de prostitutas no jornal

Na estruturação do jornal são desenvolvidos textos e linguagens de importante conexão, que quando juntos compõem as principais ideias do movimento de prostitutas. Sendo produzido pelo ISER ou ONG Davida, ainda sim, integram as estratégias políticas de organização das prostitutas.

Os temas recorrentes nada mais são do que aqueles assuntos que as prostitutas estão inseridas. Geralmente, de forma muito preconceituosa. Como das doenças sexuais que as

²³⁷ QUADRAT, Samantha. *Não foi tempo perdido: os anos 80 em debate..* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014, p. 7.

prostitutas foram associadas, em períodos anteriores, nos discursos médicos do final do século 19. Demonstrando como ainda são muito presentes. Aquela noção preconceituosa de que são portadoras de enfermidades.

Adentrar nos assuntos abordados e nos temas fundamentais do *Beijo* demonstram, como o impacto de uma *performance*, o que compõe um repertório mais amplo de ação política. Ao se defrontar com novas ideias que constituem o texto do jornal, uma inovação representativa é desenvolvida, que estimulam novas “práticas” através da “pluralidade de apropriações”, como o outro recebe uma ideia. Com isso, criam-se “novos públicos e novos usos” na sociedade do que é ser prostituta.²³⁸

Essa sensibilidade ao texto se estabelece ao longo do conhecimento dos temas mais recorrentes, inicialmente. Para isso, metodologicamente, foram aglutinados algumas matérias em temáticas que estabelecem algum vínculo entre si. A partir da tabela abaixo, se percebe esta sistematização. Ou seja, os temas que fazem parte dos principais debates trazidos como fundamentais na dinâmica de organização do “movimento” e que foram importantes para estruturar politicamente o movimento social de prostitutas:

<i>Temas</i>	<i>Quantidade de matérias</i>
Política e prostituição	20
Problemas socioeconômicos	15
História da prostituição	14
Cotidiano na prostituição	12
Gênero e Sexualidade	11
Prevenção a DST's e AIDS	9
Casos de polícia	6
Cultura	6
Religiosidade e prostituição	5

Tabela 5 - Tabela de Temas Recorrentes - 1ª fase

Para melhor compressão do impacto do jornal, agreguei algumas matérias em grandes temas, que de alguma forma estabelecem uma relação entre si. Esses “grandes temas” foram divididos, como na tabela acima demonstrada. Neles podemos reconhecer características como as apontadas abaixo:

²³⁸ CHARTIER, Roger. “O Mundo Como Representação”. *Estudos avançados*. [online]. 1991, vol.5, n.11, pp.173-191. Disponível em: <https://goo.gl/BWzre3>. Acesso em: 19 dez 2017. p. 186.

- ✓ *Política e prostituição*: é o que aparece com mais frequência no decorrer da publicação. Nele foram reunidas matérias que demonstram a organização do grupo de prostitutas: fosse, no desenvolvimento de eventos, encontros; ou política, que de forma geral, se relacionava à prostituição.
- ✓ *Problemas socioeconômicos*: tema que engloba várias dificuldades decorridas de questões sociais e econômicas que o Brasil enfrentava, como, por exemplo, a questão dos moradores de rua, do sistema carcerário e da educação.
- ✓ *História da prostituição*: textos escritos sobre a história da prostituição, assim como, aqueles pretendem resguardar a memória e lembrança.
- ✓ *Cotidiano na prostituição*: experiências transmitidas por prostitutas em entrevistas ou textos produzidos com relatos de vida.
- ✓ *Gênero e sexualidade*: nesse tópico, a prostituição é discutida e comparada a outras formas de expressão da sexualidade e do gênero, por isso, o homossexual, o transexual, o “travesti” e de tantas formas que as pessoas podem se identificar com seu gênero.
- ✓ *Prevenção a DSTs e AIDs*: são os temas que abrangem matérias as doenças sexualmente transmissíveis.
- ✓ *Casos de polícia*: são matérias sobre as diversas formas de violência policial contra prostitutas.
- ✓ *Cultura*: Eles se encaixam ao menos na lógica de grupos marginalizados pela prostituição, por isso, provavelmente se faz a referência aos temas, há relações identitárias no que se refere ao marginal. Nessa perspectiva também inclui o tema *Cultura malandra* que engloba matérias sobre a noite, sobre malandragem e o uso da imagem da prostituição no cinema ou teatro.
- ✓ *Religiosidade e prostituição*: temas antagônicos moralmente estabelecidos pela sociedade como prostituição e religiosidade ou divino entram nesse ponto.

É importante comentar que duas matérias não foram incluídas em nenhum desses grupos acima. São matérias que não se conectam. Uma é sobre a morte. E a segunda é sobre uma disputa do prêmio de melhor garçom do Rio de Janeiro, uma possível relação a boemia, a noite, na qual o garçom é um personagem constante no imaginário noturno carioca.

Na análise relacionada, no quantitativo que a tabela anterior demonstra, comprova-se que a dinâmica estabelecida no jornal não era de uma “estratégia de comunicação”²³⁹

²³⁹ LENZ, Flavio. op. cit., 2011. p. 87

somente. Mas sim, de um instrumento político de conscientização, que tem como principais objetivos pautar os temas a serem debatidos publicamente, com o intuito de disputar o domínio sobre o discurso a respeito da prostituição. Tomar do Estado e dos meios de comunicação hegemônicos a agenda da informação sobre a prostituição.

A partir de 1988, o jornal desenvolve os temas que formam as agendas políticas do movimento de prostitutas. Com o aprofundamento de sua leitura é possível apreender a sua estruturação e sistematização. Logo, na primeira *Coluna da Gabi*²⁴⁰, é explicado o contexto de formação do jornal, segundo a autora. Nela é possível compreender a sua influência sobre o jornal, dando como se fosse “um pontapé” inaugural do jornal. Na coluna, Gabriela Leite descreve como sempre quis ter um jornal que representasse o “movimento de prostitutas” e explica a inspiração em outros jornais: *O Lampião da esquina*, *O Pasquim*, *O Planeta Diário*. Todos pertencentes à imprensa alternativa de anos anteriores²⁴¹.

Gabriela Leite se coloca como protagonista no desenvolvimento do jornal e de outras ferramentas de luta do movimento de prostitutas. Com uma visão utópica de reviver os jornais alternativos dos períodos anteriores, intui em reviver um período de ideal subversivo das mulheres prostitutas, cuja transformação chegasse a sociedade. Por isso, a organização das prostitutas e, logo em seguida o lançamento do *Beijo* representavam lutas e ideais de reconhecimento dessas mulheres. Uma disputa que também era na perspectiva dos gêneros. A organização dessas prostitutas se juntava a muitas outras que tinham na emancipação da mulher um objetivo a ser alcançado.

Gabriela Leite, em seus textos, busca a simplicidade, mas é profunda, e para isso se utiliza da literatura, do romantismo, da utopia que acredita viver. O *pathos* fica expresso pelo texto que escreve a todo instante. A coluna aparece em todas as edições que esta pesquisa analisa o que demonstra importante função tanto da coluna quanto da figura de Gabriela, que exerce representatividade e liderança dentro do movimento. Por isso, é imprescindível perceber a função política que sua fala tem, criando novos significados da palavra, utilizando seus escritos como forma de transformação da sociedade, por exemplo. Com Gabriela Leite começam as lutas e disputas nas letras pela via das prostitutas, já que o posicionamento de sua coluna é na contracapa do jornal.

Nessa edição inaugural, as matérias reconstróem toda a esfera contextual daquele final da década de 1980, em que eleições, direitos civis, cidadania eram algumas das buscas da

²⁴⁰ LEITE, Gabriela Silva. *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Coluna da Gabi, Dez. 1988. p. 2.

²⁴¹ Cf. KUCINSKY, op. cit., 1991.

sociedade brasileira. Por isso, a publicação conta com cinco matérias que correspondem não somente as demandas do movimento social de prostitutas, mas de todo o país. Entre estas:

1. “Prostitutas não vão em massa à zona eleitoral”, uma discussão levantada sobre os políticos que indicaram apoio as prostitutas, mas que após a eleição teriam negado;
2. “Prostituição não é caso de polícia”, um dos fundamentais motivos da reação de prostitutas através de uma organização;
3. “Elas têm sexo e os meninos não”, que esclarece a dificuldade no desenvolvimento de atividades com meninas que moram na rua, diferentemente o que ocorria com meninos, ou seja, uma discussão em torno do gênero; e, por último,
4. “Deus e o Diabo na zona do Mangue”, que mostra a articulação das prostitutas em luta contra a investida do Pastor Fanini em desapropriar a “zona” de prostituição.²⁴²

Sendo assim, o *Beijo da rua* retratava os diversos assuntos que faziam parte da realidade e subjetividade das prostitutas. Destacando que nesse momento é fundamental pensar que o jornal está sendo construído, principalmente, a partir da reverberação de três momentos: o I Encontro Nacional de Prostitutas, em julho de 1987; a fundação da Rede Brasileira de Prostitutas, durante o I Encontro; e o “Ato-show” “Mangue resiste”, em dezembro de 1987. As três primeiras ações políticas de afirmação e de autoconstrução que contribuíram na incorporação de outras ações, assim como o jornal, a partir de 1988.

No entanto, é em 1989 que o *Beijo da rua* se firma como principal forma de articulação de ideias e política do movimento, tendo ao longo do ano três edições produzidas. O lançamento da edição número 1 do jornal, ocorrido na Lapa em 1989, se torna matéria no Jornal do Brasil de 20 de abril de 1989. Nesse caso, a novidade é a existência de um jornal, basicamente, que transmite informações sobre as prostitutas. Essa “exceção” o fez se tornar notícia.²⁴³ O periódico, então, consegue alcançar visibilidade de outros jornais.²⁴⁴

²⁴² Nilson do Amaral Fanini, mais conhecido como Nilson Fanini, foi pastor batista, teólogo, escritor e empresário brasileiro. Um dos líderes evangélicos brasileiros mais influente na década de 1980, também foi proprietário da TV Rio.

²⁴³ MOTTA, Luiz Gonzaga. “Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico”. In: MOUILLAUD, Maurice. Sérgio Dayrell Porto (org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002. p. 307.

²⁴⁴ *Correio Brasiliense*. Distrito Federal. 19 Mar. 1989. p. 15.

Prostitutas ganham voz

Novo jornal abre discussão sobre o 'beijo da rua'

O primeiro jornal brasileiro dirigido às prostitutas chega às bancas na próxima semana. É o *Beijo da rua*, um tablóide de 12 páginas criado pela paulista Gabriela Silva Leite, de 38 anos, que durante 10 foi prostituta: quatro na Boca do Lixo, em São Paulo, cinco no Mangue, no Rio, e um na zona boêmia de Belo Horizonte. O primeiro número do jornal, parte do programa Prostituição e Direitos Civis, do Iser (Instituto de Estudos da Religião), será lançado hoje, às 21h, na boate Dominó, na Praça João Pessoa, na Lapa.

Gabriela, que tem dois filhos, largou a prostituição há três anos e se dedica agora ao trabalho no Iser. "O programa existe há cinco anos e, como eu sempre gostei de defender a classe e vivia fazendo reuniões no Mangue, acabei convidada a realizar este projeto maravilhoso." O jornal, que custará NCz\$ 0,50, tem como proposta retratar os problemas das prostitutas, a discriminação e preconceitos de que são vítimas. Mas o *Beijo da rua* não é dirigido apenas às Gabrielas, Marias, Joanas e Sílvias da vida. Flávio Lenz César, editor do tablóide, acha que ele será bem aceito por todas as camadas da população: "Nossa proposta é o jornalismo. O que não faltam são assuntos e histórias para contar."

O primeiro número traz uma reportagem sobre os bordéis do Nordeste — onde mais da metade das prostitutas são menores de idade —, um resumo do 1º Encontro Norte-Nordeste de prostitutas promovido pelo Iser em Recife, uma pesquisa sobre a Aids realizada no Mangue e um perfil do consumidor da prostituta



Tablóide será lançado na Lapa

Ana Lúcia Barros de Oliveira, uma baiana de 24 anos, ex-datilógrafa, manicure e vendedora de butique que atualmente faz ponto na Rua das Marrecas, no Centro.

Para prevenir e orientar as prostitutas em relação à Aids, o Iser está elaborando um manual com perguntas e respostas sobre a doença. A importância dos preservativos masculinos e dos cuidados contra doenças contagiosas será mostrada em linguagem simples. Outro trabalho desenvolvido pelo Iser é uma pesquisa sobre as zonas de prostituição, sua preservação histórica e estratégia de sobrevivência. No mês de junho Gabriela embarcará para Nova Iorque, onde participará do 6º Encontro Internacional das Prostitutas. "É a primeira vez que a América Latina estará representada num encontro destes. Acho importante saber como é tratada a prostituição nos outros países" diz a criadora do *Beijo da rua*.

Figura 10: Matéria no Jornal do Brasil sobre o lançamento da edição número 1 do *Beijo da rua*

Logo nessa edição, é apresentada matéria do I Encontro Norte-Nordeste de Mulheres Prostitutas²⁴⁵. Nela, conta como foi o evento e quais foram os principais encaminhamentos para as prostitutas continuarem a sua organização e conquista de direitos. Entre as pautas do encontro constam: saúde, sexualidade, educação, meninas de rua, lei e violência. Assuntos

²⁴⁵ LEMOS, Nivaldo Jesus; LENZ, Flavio. "Fala mulher da vida". *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Abr. 1989. p. 5-8.

que são exatamente, como demonstrados, nos mais discutidos do jornal, como matérias sobre o cotidiano da prostituta e sobre prevenção a AIDS. Essa última mostrando que a participação das prostitutas no desenvolvimento de políticas públicas de saúde era importante.²⁴⁶

Com relação à saúde não se pode esquecer que não só no Brasil, mas no mundo, a AIDS se tornava uma doença conhecidamente maldita, não somente pela letalidade, mas pelos diversos prismas estigmatizantes que se abriram aos que foram contaminados pelo vírus HIV. Este era o caso da prostituição. Assim, elas e também homossexuais são mais uma vez engendrados a uma perspectiva antiga de que são portadores de doenças. O movimento de prostitutas se envolveu nessa “cruzada” contra as doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS. Perceberam a possibilidade de agregar em torno de uma luta conjunta, a sociedade civil. Além de procurar fugir das visões preconceituosas higienistas contra a prostituição.

Nesse mesmo período, o movimento de prostitutas intensificava a luta contra essa doença. Depois do movimento de prostitutas participarem do Encontro Nacional dos Grupos de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPAs), em Salvador, na Bahia no ano de 1988,

Gabriela foi convidada pelo Programa Nacional para participar da elaboração do Projeto Previna, lançado pelo Ministério da Saúde, destinado a desenvolver ações de prevenção das DST/Aids em populações mais vulneráveis, como presidiários, homossexuais, usuários de drogas e profissionais do sexo (mulheres, travestis e garotos de programa).²⁴⁷

Essa luta contra a AIDS uniria diversos grupos. Assim, prostitutas começam a marcar o seu posicionamento político junto a outras ONGs, movimentos sociais e o próprio Estado. Uma parceria que vai se prolongar durante muitos anos e que inclusive é possível analisar quando da comparação entre as representações do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Terceiro setor acerca da prostituta. Tal perspectiva como ação, é o que Flavio Lenz desenvolve, por exemplo.²⁴⁸

No ano de 1989, foram lançadas duas edições do jornal *Beijo da rua*: uma entre julho e agosto, outra entre outubro e novembro. Um período conturbado no país, já que as eleições ocorreriam e o presidente eleito diretamente pela população seria o primeiro em muitos anos. A publicação não parava de colocar outras pautas em suas agendas políticas. Na edição número 2, de 1989, um debate sobre a educação, ganha destaque, e assim, os problemas

²⁴⁶ Ibid., p. 11.

²⁴⁷ LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. *Histórias da AIDS no Brasil: A sociedade civil se organiza pela luta contra*. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, 2015. 2 v. p. 298.

²⁴⁸ Cf. LENZ, Flavio. op. cit. 2011.

socioeconômicos apontados como tema sensível a se discutir. Nela é possível analisar uma matéria sobre o Projeto Escolinha, que correspondia a um lugar de ensino próximo a Zona do Mangue, para atender filhos de prostitutas e crianças da comunidade do Estácio.²⁴⁹

Assim também ocorre na edição seguinte, onde essa articulação de temas desenvolve no periódico, prioridades a serem alcançadas. Essas pautas variam de acordo com as demandas, segundo Charles Tilly:

As performances que compõem o repertório teriam duas faces: ‘Modulares’, porque se pode reconhecer a mesma manifestação de rua em diferentes contextos. Mas cada qual é singularizada pelo uso, que agrega ‘símbolos e segredos locais’.²⁵⁰

Sendo assim, o jornal podia ser percebido não somente como defensor das prostitutas, mas dos que pertenciam à sua comunidade noturna, da rua e da marginalidade. Por isso, matérias na edição número 3, de 1989, surgem como embates múltiplos, na qual se juntam prostitutas, presidiários, travestis. Através dessa percepção marginal em que os temas se aproximam, podemos concluir, dentro do conceito utilizado por Hall²⁵¹ que temos muitas formas de associação identitária. Por conseguinte, inclusive, que o conceito remete a identidades e não identidade, como única forma de percepção.



Figura 11: Capa da edição número 3 do *Beijo da rua*

²⁴⁹ Ver: BR RJAPERJ DV. Projeto Escolinha; RIBEIRO, Tania Guimarães. “Vivendo e aprendendo a viver”. *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Jul/ Ago. 1989. p. 3.

²⁵⁰ Cf. ALONSO, Angela. op.cit. 2012. p. 29.

²⁵¹ Cf. HALL. Stuart. op.cit. 2002.

O movimento de prostitutas, muito envolvido nas ações de combate a AIDS, decide nesse mesmo ano organizar dois encontros: o I Encontro Interdisciplinar de Prostituição e AIDS, promovido pelo ISER, em outubro no Rio de Janeiro; e o segundo, promovido pelo GAPPA de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Além de produzir durante esse período, junto ao Programa Prostituição e Direitos Civis em colaboração ao Ministério da Saúde, quatro publicações para o Projeto Previna AIDS: um manual para profissionais de saúde, o *Guia do Instrutor*; a fotonovela *Fala Mulher da vida*; e duas histórias em quadrinhos, *Rapaz da noite* e *Estrela da noite*. Tais debates desenvolvidos nos encontros e sobre a produção do material podem ser encontrados em matérias posteriormente escritas em edições do *Beijo da rua* entre 1990 e 1991.²⁵²

A partir desse momento outras associações e organizações de prostitutas pelo Brasil são instituídas, agregando e expandindo o espaço político do movimento. A reunião destas configura a Rede Brasileira de Prostitutas e congrega a fundação da associação de prostitutas que começara a se organizar em Belém do Pará, em reunião ocorrida no teatro Waldemar Henrique.

A liderança no Pará foi composta por Dilma Veloso, Maria de Lourdes Barreto, Terezinha Gonçalves e Suzana Santos.²⁵³ Elas formariam o Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central (GEMPAC), em 1º de maio de 1990, um ato simbólico demonstrado pela categoria, no dia do trabalhador, um dia pelo qual elas sempre foram excluídas de identificação. Outro agrupamento foi a Associação de Prostitutas do Estado do Ceará (APROCE) que, em 13 de novembro de 1990 elegeu a sua presidente Fátima Araújo, e a vice-presidente, Rosarina da Silva.²⁵⁴ Nos próximos anos surgiriam outras como:

O Davida, Prostituição, Direitos Civis e Saúde, fundada em 1992, no Rio de Janeiro, a Associação Sergipana de Prostitutas (ASP), criada em 1993, e o Núcleo de Estudos da Prostituição (NEP), criado em 1993, em porto Alegre.²⁵⁵

O país seguiria um projeto de redemocratização pós a Anistia recíproca pactuada em 1979. A campanha vitoriosa nas eleições anteriores foi a de Fernando Collor de Mello (1990-2), vindo de uma família tradicional do Alagoas. A escolha da população suscitou um projeto

²⁵² *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 19 Mar. 1990. p. 3.

²⁵³ *Diário do Pará*, Belém, 28 Abr. 1990. p. 10.

²⁵⁴ BR RJAPERJ DV. Pasta Associação de Prostitutas do Estado do Ceará.

²⁵⁵ LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. Op.cit. p. 299.

de discurso moralista, reservado as proporções da conjuntura pré-redemocratização. Collor tinha como principal promessa “cassar marajás”²⁵⁶.

Diante desse conservadorismo, o transsexualismo vem à tona como um contraponto dos debates da imprensa brasileira, que dificilmente expõe esses assuntos tão sensíveis de forma abrangente. Tais ambiguidades revelam o Brasil. No caso do transsexualismo, os debates sobre a cirurgia de “reversão sexual”²⁵⁷, podem ser visualizadas na edição de número 6, de 1990, onde, logo em sua capa uma ilustração conceitual e cheia de significado simbólico, com aparente ironia, uma fada transforma alguém. A capa traz à baila a transformação sexual de maneira lúdica, brincando com a ideia de que se estava realizando um sonho, assim acompanhado de matérias a respeito do tema buscava uma forma de reverberar os debates públicos dos direitos e informações médicas sobre a cirurgia. Um posicionamento a favor não somente dos debates, mas pela defesa do desejo e do corpo do outro.²⁵⁸



Figura 12: Capa da edição número 6 do *Beijo da rua*²⁵⁹

Nas matérias do *Beijo da rua* podem ser encontrados atores que demonstram esse anseio de realizar a cirurgia de reversão sexual. Entre eles há a história de uma mulher trans identificada como “Vanessa”, que concede uma entrevista. *Beijo da rua* também cita um

²⁵⁶ *Correio Brasiliense*, Brasília, 12 mar. 1987. p. 6; *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de Dez. 1989. p. 2.

²⁵⁷ Atualmente denominada de cirurgia de redesignação sexual.

²⁵⁸ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1990. Edição Número 6. p. 7-12.

²⁵⁹ A ilustração da capa foi desenvolvida por Cecília Leal de Oliveira e Flavio Lenz.

ícone e *sex symbol* dos anos 1980, Roberta Close, que também passa pelo procedimento cirúrgico de reversão sexual.

Além disso, descreve um pouco da trajetória mais recente a época, dessa cirurgia de reversão sexual. Algo que foi muito pouco explorado na década inteira de 1980 pela imprensa brasileira, mesmo sendo aprovado pelo senado brasileiro em 1983.²⁶⁰ Alguns poucos jornais de massa deram importância e discutiram de forma mais aberta o assunto. Dentre as quais destaco a revista *Manchete*, que dá ênfase a matéria de sua edição número 1.616, de 1983, na qual publica “Liberdade para os transexuais”.

Entre 1990 e 1991, se torna o período mais prolífero do jornal *Beijo da rua*, que diante do recorte temporal feito por esta pesquisa continuou acentuando as suas ideias políticas. Estas cada vez mais se identificavam e eram muito associadas a uma perspectiva de agregar a comunidade marginalizada nos debates nacionais e internacionais. Ou seja, assim como adentrar ao tema transexualismo, era importante reforçar outras visões da sociedade que não eram constantemente publicizadas pela mídia. Por isso, conhecer um pouco da história dos novos “mendigos”²⁶¹, sobre o sistema carcerário²⁶², ou sobre “cultura malandra”²⁶³, apontados nas respectivas edições 7, 8 e 9, editadas em 1991, são fundamentais para adentrar num mundo da rua. Este interesse advém da conscientização, de transformação política desses estigmatizados.

Todos esses temas podem não parecer ter significado ou sentido juntos, mas eles buscam trazer à luz reflexões daqueles que são vistos como nas sombras, esquecidos, sem História ou memória. O estabelecimento de uma relação de todos esses grupos no *Beijo da rua*, no momento, equivale à tentativa política de mobilizar e sinalizar mudança na construção ou aceitação deles. Com isso, além da prostituição, o jornal compreende uma nova representação de grupos marginalizados e busca transmitir novas práticas para a sociedade nos seus textos.

Nessas edições são compartilhadas trajetórias de vida e experiências, dentre elas, a história de William da Silva Lima, que escreveu o livro *Quatrocentos contra um – a história do Comando Vermelho*. William é considerado um dos fundadores da facção criminosa e deu entrevista ao *Beijo*, após audiência na “1ª Vara Criminal do Tribunal do Júri”, onde prestou

²⁶⁰ *Correio Brasiliense*, Brasília, 25 Mar. 1983. p. 3; *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 25 Mar. 1983. p. 10; *Diário do Pará*. Belém. 11 Mai. 1984. p. 2; *Manchete*, Rio de Janeiro, 9 Abr. 1983. Número 1.616, ano 31. p. 18.

²⁶¹ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1991. Número 7.

²⁶² *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1991. Número 8.

²⁶³ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1991. Número 9.

depoimento para depois voltar à penitenciária de Bangu 1²⁶⁴. Além dele, um ícone da malandragem e boemia do Rio de Janeiro, João Francisco dos Santos, conhecido como “Madame Satã”²⁶⁵, surge como matéria para lembrar do papel do que vive da boemia, assim como a prostituta. A imagem criada é oposta a de quando saía nos jornais da década de 1940, onde aparecia em eventos isolados de agressão e prisão.²⁶⁶

Figura 13: Capa da edição número 8 do *Beijo da rua*

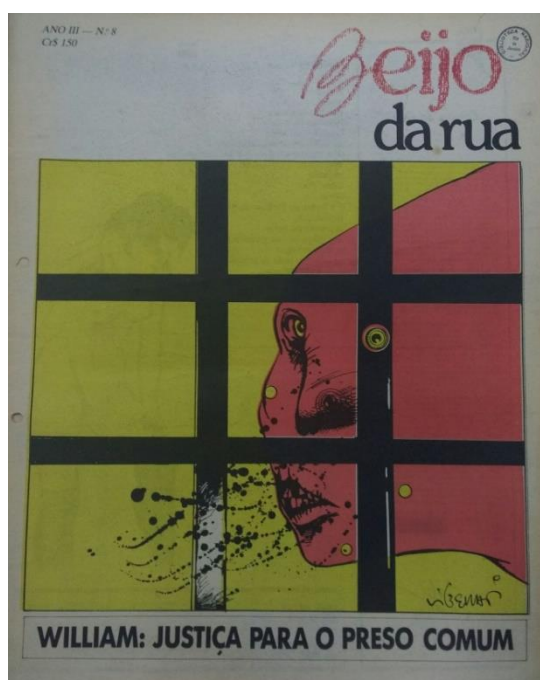


Figura 14: Capa da edição número 9 do *Beijo da rua*

Em paralelo, a formação e organização do movimento de prostitutas passa por sua sistematização, encontrando como forma de articulação, debates, comunicação, eventos para espalhar-lo Brasil a fora.

Sendo assim, um novo encontro ocorre em 1991, o I Encontro Estadual de Mulheres Prostitutas do Pará, organizado pelo GEMPAC, que reuniu vários grupos, entre eles movimentos sociais, partidos políticos, intelectuais, prostitutas. Poucos dias antes, Flavio Lenz escreve uma matéria no *Jornal do Brasil*, numa demonstração dessa articulação e a rede de sociabilidade que se forma. Pela grande imprensa, Lenz se utiliza para expor divulgar e

²⁶⁴ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1991. Número 8.

²⁶⁵ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1991. Número 9. p. 9.

²⁶⁶ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 Abr. 1944. p. 2; *Diário da Tarde*, Curitiba. Fev. 1945. p. 7; *O Jornal*. Rio de Janeiro. 18 out. 1949. p. 11.

difundir a Rede que se ramificava.²⁶⁷ Pelo *Beijo*, é possível analisar como foi esse evento e constatar o grande número de entidades que compareceram:

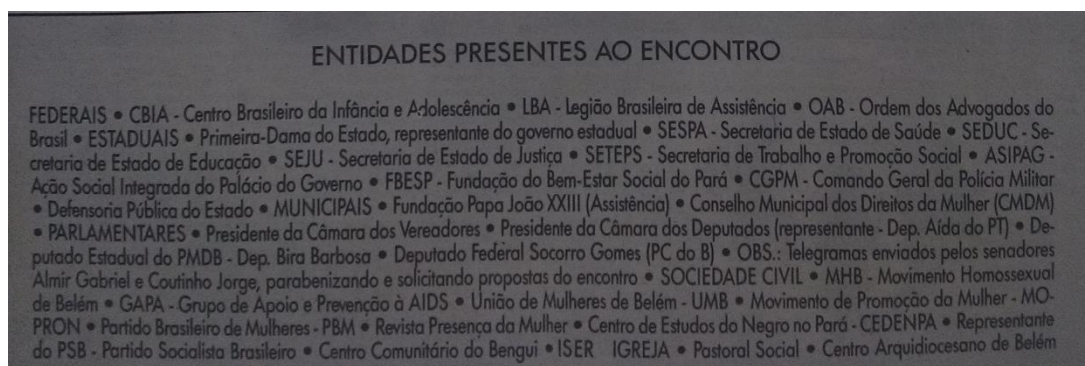


Figura 15: Trecho da edição número 10 do *Beijo da rua*

Na edição número 10, de 1991, percebe-se que nas discussões tiveram participantes como a primeira-dama do Estado do Pará, Elcione Barbalho, que discursou na plenária do primeiro dia de encontro.²⁶⁸ Como o *Beijo* afirma, “(...) a primeira-dama entre as damas da noite”²⁶⁹. Disso, se extrai um simbolismo grande, uma crítica ainda a dois tipos de mulheres, ou como se houvessem dois conceitos diferentes. As mulheres continuam, com cada vez mais intensidade, a reivindicar suas pautas, em que o *Beijo da rua* pauta todas as suas lutas, em relação à saúde, às ações policiais, eventos culturais. Todas são expostas como ações políticas.

Na última edição do jornal de 1991 alguns temas surgem para colocar novos debates em pauta, como o “tráfico de mulheres”²⁷⁰ e “A prostituta no cinema”²⁷¹, entre os já recorrentes debates que o jornal desenvolvia sobre saúde, o cotidiano da prostituição, entre outros. Na questão do tráfico de mulheres, a partir de um debate desenvolvido a partir de seminário da Comunidade Europeia, a matéria busca desvincular o tráfico à prostituição, que lá é protegida por leis. .

Diante de um período ainda turbulento no país, sofrendo com os planos econômicos de Collor e da Ministra da Fazenda, Zélia Cardoso, que inclusive incidiu sobre o bloqueio das poupanças dos brasileiros, causando uma situação caótica e acentuando os problemas

²⁶⁷ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 de Abr. 1991. p. 14.

²⁶⁸ *Beijo da rua*, Rio de Janeiro, Abr. 1991. Número 10. p. 4.

²⁶⁹ *Ibid.* p. 6.

²⁷⁰ *Beijo da rua*, Rio de Janeiro, Abr. 1991. Número 11. p. 3.

²⁷¹ *Ibid.* p. 9.

econômicos que atingiram o ISER e o *Beijo da rua*, interferindo mais a frente, na publicação de mais edições.

Apesar dos incômodos problemas apontados, em 1992 a publicação número 12 é editada, destacando o livro que seria lançado por Gabriela Leite naquele ano, *Eu, mulher da vida*, onde expressa a sua subjetividade, e o que entende enquanto o conceito de “ser mulher prostituta”, acrescentando um instrumento discursivo na luta em favor das prostitutas.

No mesmo ano, enquanto os brasileiros observavam o surgimento de denúncias de corrupção no governo Collor, as prostitutas se preparavam para ter um Encontro Internacional de Prostitutas em setembro, pouco depois da ECO-92, uma Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, que aconteceu no Rio de Janeiro entre 3 de junho de 1992 e 14 de junho de 1992. No *Beijo* encontram-se os relatos das expectativas desses eventos.

Internamente, o jornal passava por uma transmutação, deixara de vincular-se ao ISER para a partir de julho de 1992, ser produzido pela Davida.²⁷² No texto sobre o Encontro Internacional de Prostitutas no Brasil, Gabriela relembrou outros encontros mundiais e descreveu as principais questões debatidas tanto no I Congresso Internacional de Prostitutas ocorrido em 1985 e um segundo, no ano seguinte. Tal matéria busca mostrar a consonância entre o movimento brasileiro de prostitutas e o movimento internacional.²⁷³ Mas além de ideais existiam pautas comuns, porém, diferentes estratégias de desenvolvimento para ampliar sua luta, apesar de utilizar-se de eventos como performance semelhantes. Isto evidencia as diferentes realidades.

Com esse apoio, inclusive de gestores públicos, o movimento de prostitutas encontrava cada vez mais espaço para se estabelecer. No ISER, entretanto, já existiam alguns conflitos com a coordenação do Programa Prostituição e Direitos Civis. Por isso, Gabriela declara em sua coluna na edição 13 que a partir daquele momento em diante, com a fundação da ONG Davida, o *Beijo da rua* passa a ser produzido por poucos remanescentes do período anterior, que continuam o trabalho, mas “agora com os objetivos mais claros”²⁷⁴. A partir daquele, segundo análise do texto da *Coluna da Gabi*, o momento aparentava ter menor burocracia, e com certeza menos pessoas trabalhando. O jornal dali em diante seria da ONG Davida e teve o seguinte perfil:

²⁷² *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 Fev. 1992. p. 39; *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Jun. 1991. p. 13.

²⁷³ *Beijo da rua*, Rio de Janeiro. 1992, Número 12. p. 9.

²⁷⁴ LEITE, Gabriela. “Coluna da Gabi”. *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1993. p. 2.

<i>Temas</i>	<i>Quantidade</i>
Política e prostituição	18
Vila Mimososa; Prevenção a DST's e AIDS.	5
Gênero e Sexualidade; Problemas socioeconômicos.	3
Cultura; História da prostituição;	2
Casos de polícia; Drogas; Preconceito e Estigma; Cotidiano na prostituição	1

Tabela 6 - Tabela de Temas Recorrentes - 2ª fase

A partir de 1993 quem responderia pelo jornal *Beijo da rua* seria a ONG Davida. A principal matéria da nova fase traz um relato do projeto da Escolinha que seria batizada com o nome de seu idealizador, Nilton Guedes, falecido um ano antes. No desenvolvimento do texto são apresentadas as ideias que fundamentaram e também os personagens centrais desse projeto educacional. O objetivo de divulgar a escola do Estácio era o de arrecadar dinheiro para construir um espaço adequado de estudo. Para tal, se incluiu o projeto arquitetônico e um evento chamado de “Show beneficente Davida” que reuniu Sandra de Sá, Eduardo Dusek e Beth Carvalho para ajudar na arrecadação financeira para sua construção.²⁷⁵

A essa altura tinha o governo Collor já havia sofrido um processo de *Impeachment*, mas o movimento de prostitutas não perdia a sua estruturação, sendo um ou outro governo, as mulheres lutavam intensamente e cada vez mais pelo seu reconhecimento. Em 1994, há o III Encontro Nacional das Trabalhadoras do Sexo, no Rio de Janeiro. Nele, continuam as articulações com diversas categorias, inclusive, com a Pastoral da Mulher Marginalizada, que participou desse encontro. Isto porque, o movimento de prostitutas se distanciou durante alguns anos da instituição católica, devido, as divergências reflexivas sobre a prostituição. Mas foi decidido que em “algumas questões, o movimento pode e deve trabalhar com a Pastoral”²⁷⁶.

Nesse evento a prostituta aparece como “trabalhadora sexual” e cada vez mais os significados vão sendo modificados, até que se torne naturalizado chamar prostituta, trabalhadora sexual ou profissional do sexo. Um processo de aperfeiçoamento político do

²⁷⁵ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 31 Mai. 1993. p. 30. *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1993. Número 13. p. 8 – 11.

²⁷⁶ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Mai. 1994. Número 14. p. 3.

movimento de prostitutas, na qual a adequação resignificou a representação da prostituta como “puta profissional”, segundo Flavio Lenz.²⁷⁷

Após um ano sem ser produzido, o jornal volta as “bancas” em 1996, destacando o II Encontro de Mulheres Prostitutas do Pará. Toda a edição é composta pelos debates desenvolvidos nas plenárias em Belém, onde as principais decisões são expostas ao final da publicação. São elas:

DECISÕES

As propostas aprovadas no II Encontro Estadual de Mulheres Prostitutas do Pará

Nacionais

- ✓ Lutar pela descriminação e legalização da prostituição no Brasil.
- ✓ Constituir uma comissão executiva para coordenar o processo nacional e regional de debates e articulações com vistas à legalização da prostituição.*
- ✓ Produzir material informativo sobre a descriminação e a legalização da prostituição.
- ✓ Promover encontros regionais sobre o tema.
- ✓ Promover em 1997, em Brasília, o IV Encontro Nacional de Profissionais do Sexo, no marco das comemorações de dez anos do Movimento Nacional dos Profissionais do Sexo.
- ✓ Na mesma ocasião, encontrar-se formalmente com parlamentares, apresentando um projeto de lei para a legalização da prostituição.
- ✓ Chegar em Brasília, para o IV Encontro Nacional de Profissionais do Sexo, em caravana.
- ✓ Ampliar a distribuição de camisinhas, comprando preservativos subsidiados para venda por preço reduzido, se necessário.
- ✓ Participar da luta contra a violência doméstica.
- ✓ Lutar contra a violência sexual.
- ✓ Lutar contra a impunidade em geral.

* Esta comissão está formada por: Gabriela Silva Leite, Lourdes Barreto e Tina Taborde, da coordenação da Rede Nacional de Profissionais do Sexo, Vaniida Santos de Lima, da Associação das Damas do Rio, e Flavio Lenz, assessor de imprensa da Rede Nacional. Como convidados, participarão da comissão o advogado José Carlos de Castro, presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB/Pará, Roberto Chateaubriand, presidente do GAPAC/MG; Eva Ribeiro, da Associação das Prostitutas do Ceará (Aproce).

Estaduais

- ✓ Expandir as atividades do Gempac no estado do Pará, começando por encontros em Capanema, no Baixo Amazonas e nas regiões do Nordeste e do Sul do estado.
- ✓ Promover convênios com a Universidade Federal do Pará para obter a participação de estagiários no Gempac.
- ✓ Fechar convênios diversos com entidade governamentais e não-governamentais, para a realização de atividades do interesse do Gempac.
- ✓ Fazer um levantamento da prostituição no estado do Pará.







O generoso e simpático espaço do Núcleo de Artes da UFPA deixou à vontade os participantes do encontro, até as crianças

Figura 16: Trecho da edição número 15 do Beijo da rua²⁷⁸

O trecho do jornal acima demonstra a capacidade de organização do movimento de prostitutas. Assim, fica evidente a utilização do jornal para elencar as principais decisões do grupo e, portanto, informar e sistematizar ideias por todo o país sobre a prostituição.

Nas edições seguintes de 1997, a contagem do jornal se modifica e recomeça pelos números 1 e 2. No Expediente aparece escrito “nova fase”. O projeto gráfico igualmente se modifica e a *Coluna da Gabi* e o *Expediente*, por exemplo, são deslocados para o final do jornal, já que antes eram na página inicial. Na primeira edição de 1997, o jornal explora uma

²⁷⁷ LENZ, Flavio. op. cit. 2011. p. 84.

²⁷⁸ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1996. Número 15. p. 16.

manifestação das prostitutas, uma pesquisa financiada pela AIDS-CAP dos EUA, que aqui no Brasil era desenvolvida pela PIM (Programa Integrado de Marginalidade). Uma Kombi iria às zonas de prostituição no Rio e na baixada para fazer o teste de HIV. No entanto, as prostitutas resolveram se opor a essa iniciativa com a premissa de que a “abordagem criaria constrangimento e que sequer foram consultadas sobre a pesquisa”²⁷⁹. Isso ajudaria a ampliar a estigmatização das áreas de trabalho das prostitutas e delas próprias.²⁸⁰

Na segunda edição de 1997, há uma matéria sobre a história especial da prostituição. Neste mesmo número somos informados de que a prostituição no Rio de Janeiro ganha uma nova casa e uma nova associação. A Associação de Moradores do Condomínio de Amigos da Vila Mimosa (AMOCAVIM) passa a se responsabilizar pelas ações na nova Vila Mimosa. O jornal relata alguns problemas para que isto acontecesse.

Após várias tentativas de negociação com a Prefeitura, que faria da região o Teleporto do Rio, as mulheres “da vida” conseguem ser indenizadas por deixar a região do Estácio que eram concedidas por comodato. Segundo os relatos no jornal, não conseguem utilizar o dinheiro devido ao sumiço de “Eunice (Sic) Coelho”, que teria comprado um galpão em Duque de Caxias com o dinheiro para fundar uma nova “zona de prostituição”. Toda essa história não muito clara e até hoje é fruto de discursos controversos. Inclusive da própria Eurídice, nome correto da ex-presidente da Associação de Prostitutas. Entre idas e vindas, a “Vila Mimosa II”, na Praça da Bandeira se torna o novo ponto de prostituição do Rio de Janeiro, a partir de 1996.²⁸¹

Na análise construída pelo grupo do jornal, portanto é possível observar temas e matérias se relacionando e formando uma teia de representação sobre a prostituição. Para, além disso, que outros personagens compuseram esse jornal e compreender quem representou e com que objetivo? Veremos!

3.3 Além do *Expediente* do jornal: seus personagens e a circulação de ideias

A relação entre o impresso e seu público leitor se define pelo que emite a informação (o jornalista, seja ele autor, produtor ou mediador de notícia) e os que recebem a informação (o leitor). Essas duas funções exigem uma coparticipação: o leitor compartilha a informação e

²⁷⁹ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1997. p. 1.

²⁸⁰ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1997. Ano X, número 1. p. 1- 4.

²⁸¹ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Ano X, número 2. 1997. p. 6.

o jornalista também a recebe. Essa troca caracteriza bem o *Beijo da rua* que tem como ponto marcante a construção do diálogo com os seus leitores.

Além disso, há o interesse de estender as ideias contidas no jornal para o alcance do maior número de pessoas possível, com o objetivo claro de arrendá-las a luta contra o preconceito. Uma prática comum do jornalismo engajado, numa constante representação da utopia socialista, numa dimensão romântica, revendo Ridente²⁸², para o desenvolvimento da práxis pela via da informação transmitida.

Sendo assim, além das pessoas que estão no *Expediente* do jornal, há vários personagens, que vão bem além do nome impresso. Isso passa por tentar esclarecer quem colaborou com o jornal, não somente conhecer, mas explorar as relações estabelecidas, tanto na participação direta como na indireta com o jornal. Por isso, dois movimentos são importantes para dar continuidade à análise dos participantes do *Beijo*, dividir em duas etapas, cuja primeira avaliação recai sobre os que escreveram nele: o assinante de matérias. Em seguida, os que escreveram para ele, os responsáveis pelo envio das cartas. É necessário identificar esses aspectos em tabelas que quantificam, tanto os assinantes pelas matérias escritas, quanto mapeiam as pessoas que enviaram cartas com a função de manter um diálogo com o Programa Prostituição e Direitos Civis.

Na primeira etapa do jornal, O ISER se caracterizava por agregar intelectuais ligados a análise crítica do marxismo, inclusive, que foram oposição à ditadura civil-militar no Brasil, e depois se tornaram grandes expoentes na luta em favor da abertura e fim do regime militar. À frente estavam personagens ligados à religião, não de uma doutrina específica, mas integrantes de várias denominações cristãs, que tinham uma cultura ecumênica, como Waldo Aranha Lenz Cesar²⁸³, que pertenceu a Ação Popular entre as décadas de 1960 e 1970, foi da editora Paz e Terra e representante da revista *Cristianismo y Sociedad*. Assim como Waldo, outra figura marcante foi Rubem Cesar Fernandes, personagem importante na luta revolucionária do movimento estudantil dos anos 1960, que mais tarde torna-se antropólogo e historiador, intelectual envolvido com organizações civis. Atualmente ele pertence à ONG Viva Rio, que é uma importante organização no circuito carioca e que busca incorporar as suas pautas e lutas cotidianas, em relação à violência, a saúde, a política.²⁸⁴ Tanto Waldo Cesar quanto Rubem Cesar aparecem de forma mais discreta no jornal, Waldo Cesar assina poucas matérias, e Rubem Cesar aparece como secretário executivo do ISER, por esse motivo

²⁸² Cf. RIDENTE, Marcelo. op. cit., 2000.

²⁸³ Waldo Cesar se tornará o presidente da principal organização que defende os direitos das prostitutas na década de 1990, a Davida, como já citado.

²⁸⁴ Cf. Fundo Polícias políticas. APERJ. Setor DGIE.

tem seu nome em todas as edições quando ainda pertencia a primeira fase. Eles representam uma esquerda que adentrou nos movimentos sociais e no terceiro setor a partir das décadas de 1980 e 1990.

A mobilização e articulação para a produção de material gráfico girava em torno de apoios e parcerias, muitas vezes conseguidas através de grupos internacionais e/ou inter-religiosos, que buscavam incentivar políticas públicas progressistas em projetos no Brasil. Como, por exemplo, pode ser observada nos expedientes dos jornais, da edição inaugural a edição 8, quando a produção e realização do jornal é somente do ISER. Da edição 9 a edição 12 a realização é do ISER com apoio da Organização Intereclesiástica de Cooperação para o Desenvolvimento (ICCO).

O contato inicial com essas instituições ocorria devido às relações estabelecidas no ISER, e que ainda perduraram durante anos, mas também pela capacidade de articulação da Davida no meio de outros grupos, e até mesmo diante do próprio governo, com a relação estabelecida quando as associações de prostitutas do Brasil assumem papel importante na luta contra a AIDS e Doenças sexualmente transmissíveis.

Em virtude disso, a primeira fase do jornal (1988-1992) pode ser caracterizada como de maior participação de pessoas no desenvolvimento dele. Isso, obviamente, pela necessidade de compreender que nesse momento o jornal integrava o Programa Prostituição e Direitos Civis do ISER, compreendendo uma rede de sociabilidade grande entre vários outros programas dentro da instituição. O ISER era considerado internamente uma “federação de projetos”²⁸⁵, segundo Flavio Lenz, uma caracterização que demonstra a interação entre personagens pertencentes aos programas numa configuração ampla de interesses distintos o compondo. Lembrando-se que essa capacidade de organização do movimento inicialmente foi possível pelo papel de articulação e intermediação encontrado no ISER.

Adiante, a tabela demonstra de forma mais clara uma relação de pessoas que assinaram as matérias durante essa primeira fase, uma participação direta do desenvolvimento de debates no jornal, que inicialmente contou com a colaboração de outros programas do ISER, como *Publicações*:

<i>Assinante</i>	<i>Matérias</i>
Flavio Lenz	24
José Raimundo Gomes	14
Nivaldo Jesus Freitas de Lemos	10

²⁸⁵ Cf. CESAR, F. L. Acervo Davida: depoimento. [23 de março, 2016]. Rio de Janeiro: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*. Entrevista concedida a Clarissa Ramos, Daniel Elian e Gabriel Alencar.

Marcio Cavalcanti; Oscar Guilherme; Tania Guimarães Ribeiro.	7
Marília Andrade da Rocha	6
Marcio Alexandre Martins Gualberto	5
Jayme Brener	4
Christopher Peterson	3
Inês Amorim; José Carlos Leal; Luciana Sarmiento Garbayo; Gelson Dorneles.	2
Cristina Rollo de Abreu; Deborah Sztanjberg; Doroth de Castro; Emílio Eigenheer; Gabriela Silva Leite ²⁸⁶ ; Geisa Aparecida dos Santos; Henry Decoster; Jacinto Fabio Corrêa; Jane Galvão; Jared Jorge Braiterman; Josemir Teixeira; Julia Gasparelli; Micenio Santos; Nilton Guedes; N'Diaye Christian Escot Morais; Simone Barros Corrêa de Menezes.	1

Tabela 7 – Assinantes das matérias - 1ª fase.

Assim também como analisar a influência da formação acadêmica ou ocupação desses participantes do *Beijo da rua*. Através disso, obtemos uma noção de como a rede de sociabilidade que envolve o movimento de prostitutas e o jornal funciona, fundamentalmente, por relação estabelecida no trabalho dentro do ISER, como na primeira fase do periódico indicada. Diante disso, o Instituto, assume a responsabilidade de ser o grande epicentro de conscientização, publicação e ação pelo Programa Prostituição e Direitos Civis com a liderança de Gabriela Leite.

A relação entre profissão e participação segue uma tônica dos “novos movimentos sociais”, na qual a institucionalização e o profissionalismo dos personagens políticos se modificam nesse contexto de redemocratização. A partir disso, os tipos de mobilização política se multiplicam pela via institucional ou partidária.

É possível apreender e corresponder grande parte das profissões ou ocupações aos personagens das tabelas acima utilizando o quadro **Anexo 3**. Porém, numa tentativa de avaliar os tipos de categorias participantes do desenvolvimento do *Beijo*, foi desenvolvida uma averiguação quantitativa na tabela abaixo.

<i>Formação ou ocupação</i> ²⁸⁷	<i>Quantidade de participantes</i> ²⁸⁸
Design; Fotografia.	9

²⁸⁶ Gabriela Leite tem a “Coluna da Gabi” em 13 edições; mas não entrou nessa contabilidade; pois existe uma tabela própria com as colunas do jornal.

²⁸⁷ Essas informações foram extraídas do próprio jornal, em sua maioria, ou da plataforma Lattes. Não foi encontrada a formação ou ocupação de doze participantes.

²⁸⁸ Algumas pessoas tinham mais que uma formação ou ocupação, por isso também foi contabilizada.

Jornalismo	7
Educação	5
Antropologia; Escrita de livros; Sociologia;	4
Filosofia; História; Teologia.	3
Ilustração; Medicina; Prostituição; Serviço Público;	2
Arte gráfica; Direito; Ensino fundamental; Estágio; Literatura; Música; Pesquisa; Poesia; Psicanálise; Psicologia; Psicoterapia; Tradução.	1

Tabela 8 - Área de formação ou ocupação dos participantes - 1ª fase.

Na demonstração acima, alguns nomes estão presentes com maior frequência que outros como responsáveis pelas matérias. Entre eles, o primeiro dessa listagem está Flavio Lenz, que aceitou em 1988 ser o editor-chefe do jornal. Isso também condiz com o seu engajamento, que durante esse período ficou mais intenso, principalmente, após se tornar companheiro de Gabriela Leite.

Em seguida, como segundo nessa listagem aparece José Raimundo Gomes, psicólogo que escreveu vários textos sobre sexualidade e gênero da publicação. Numa terceira posição, surge Nivaldo Jesus Freitas de Lemos escrevendo textos de história e religião, discutindo a prostituição na perspectiva católica, por exemplo. Assim como esses, num primeiro momento, grande parte dos que escreveram integravam os quadros do ISER, que mantinha diversos profissionais nos mais variados projetos.

A tabela acima apresenta o nome de trinta pessoas que participaram escrevendo no jornal, ou seja, que, claramente, exerciam uma função específica nele. No entanto, havia um número consideravelmente maior de pessoas registradas no expediente como demonstrado na **Tabela 2**, que contribuíram de diversas formas, como: na fotografia, no design, na arte visual. Porém, é impossível relacionar todas as pessoas com nome no expediente do jornal a atividade ou função exercida nele, pois em alguns casos não há a descrição das funções de todos os participantes. Se tornando assim, inviável recuperar todos os registros somente pelo jornal. No entanto, mais a frente será apresentada a formação ou ocupação das pessoas, para compreender o impacto dos participantes no jornal.

A participação se dava, principalmente, no intuito de chegar às prostitutas e buscar mobilizá-las para se organizarem. O ISER serviria como catalisador de uma ação política e, fundamentalmente, se inseria num novo discurso. Uma mostra disso está, por exemplo, em matéria do *Beijo da rua* de número 1, na qual José Raimundo Gomes afirma o objetivo de

uma “via sacra profana pelos bordéis do Nordeste”. O correspondente descreve sua viagem na busca de prostitutas, para o I Encontro Norte-Nordeste que seria realizado em dezembro de 1988.²⁸⁹

Os assinantes das matérias tem formações distintas, podendo contribuir especificamente com a sua especialidade. Constituindo um grupo multidisciplinar que acreditava na emancipação das mulheres prostitutas, e por isso, fortaleceram inicialmente uma base sólida para a participação e formação de associações de prostitutas nos anos seguintes. Dela, psicólogos, antropólogos, médicos, psicanalistas, historiadores, jornalistas, teólogos se aproximaram das prostitutas e reforçaram a perspectiva da mudança na reflexão sobre a prostituição.

Além disso, “a existência de jornalistas e designers na instituição conferiu caráter profissionalizado à produção da publicação desde o seu início. O propósito era garantir que as vozes das prostitutas chegassem além das próprias”²⁹⁰.

A quantidade de assinantes das matérias não remete ao mesmo número de participantes, seja na primeira ou na segunda fase, pois algumas das pessoas contribuíram com o jornal de forma distinta. Entre uma das formas foi na fotografia, nos desenhos, caricaturas, charges e mesmo em outras formas de textos, ou ligados à literatura, com uma estética distinta da prosa das matérias. Nós podemos encontrar contos, ensaios, estórias e mesmo fora do local a que geralmente no jornal se remete a esse tipo de estética, a seção *Poesia*.

<i>Assinante</i>	<i>Quantidade</i>
Carlos Nobre	5
Flavio Lenz	4
Jayne Brener	3
Doroth de Castro; Gustavo Barbosa.	2
Gabriela Leite; Leandro Feitosa; Maria Barreto Leite; Waldo Cesar.	1

Tabela 9 - Assinantes das matérias - 2ª fase.

²⁸⁹ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Abr/ Mai. 1989. Número 1. p. 3- 4.

²⁹⁰ LENZ, Flavio; PEREIRA DE ANDRADE, Ana Beatriz; PERAZZI DE AQUINO, Henrique. op. cit., 2015. p.7.

<i>Formação ou ocupação</i> ²⁹¹	<i>Quantidade de participantes</i> ²⁹²
Jornalismo	4
Escrita de livros; Prostituição.	2
Artes cênicas; Desenho; Fotografia; Psicologia; Sociologia; Teologia.	1

Tabela 8 - Área de formação ou ocupação dos participantes - 2ª fase.

No início da segunda fase o jornal era produzido e dirigido pela Davida, uma organização parecida com o ISER, mas com dimensões bem menores e que fora recentemente criada. Da edição 13 de 1993, a produção da publicação passa a ser realizada pela Davida com apoio da mesma ICCO, que continuou incentivando a nova ONG, mesmo após a desvinculação do ISER. A edição de 1994, de número 14, é produzida somente pela Davida. Entre 1996 (edição 15) e 1997, o jornal teve o apoio da Agência de Cooperação Internacional Alemã (EMW).

De fato, comparando as duas fases, o número de pessoas que assinaram as matérias durante a segunda fase (1993-1997), foi uma quantidade três vezes menor que da fase anterior. Entende-se quão importante era fazer parte do ISER nesse cenário de articulação política que a instituição se insere. Por outra perspectiva, a conjuntura e o formato da Davida desenvolveu uma nova relação com o jornal, mais restrita ao seu controle. Ademais, somente cinco autores continuam a participar do jornal nos dois períodos distintos: Gabriela Leite, Flavio Lenz, Waldo Cesar e Dorothea de Castro, todos sócios fundadores de Davida, e Jayme Brener, jornalista e sociólogo que compartilhou algumas matérias escritas de fora do Brasil. Esse grupo que foi preservado tinha a coordenação sobre uma das principais organizações a frente do movimento.

Outro modo de participação no jornal é como leitor, que se torna um colaborador indireto pela circulação de suas ideias. Com isso, chega-se a conclusão de que as pessoas que escreveram cartas contribuem não somente no diálogo, mas na apreensão e transmissão das ideias contidas no jornal. Não entrarei nos debates em torno da História da leitura, mas é importante minimamente identificar e analisar como as ideias transpassam o jornal e ganham vida própria em debates públicos, integrando uma História desses debates e pensamentos políticos no Brasil. Assim, como as ideias diariamente transgridem o texto escrito, ou falado

²⁹¹ Essas informações foram extraídas do próprio jornal, em sua maioria, ou da plataforma Lattes. Não foi encontrada a formação ou ocupação de 1 participante.

²⁹² Algumas pessoas tinham mais que uma formação ou ocupação, por isso também foi contabilizada.

dos jornais, imprensa ou televisivo, e ultrapassa os limites entre receptor e emissor, formulando e reformulando suas ideias pela sua subjetividade.

Na busca por desenvolver uma circulação de ideias, ou estabelecer uma comunicação com os leitores do *Beijo da rua*, o jornal abriu um canal de comunicação com a seção *Cartas*, que ajuda a perceber como está circulando o jornal, por onde estimula uma interação com as pessoas que o leem, assim também são participantes dele.

A chamada para estabelecer esse diálogo aconteceu na primeira edição: “tá bom esse beijo? Se você está gostando, ou não, deste BEIJO DA RUA, escreva para a redação, dando suas impressões e sugestões. Dá um Beijo da Rua pra gente também!”²⁹³. Isso demonstra o interesse no diálogo com o restante da sociedade, já na edição seguinte, em 1989, as respostas dessa “provocação” seriam demonstradas com a participação de 30 cartas enviadas para o editor do jornal, estimulando e parabenizando pela criação do *Beijo*. Porém, podemos elencar várias outras ao longo do lançamento de novas edições, chegando ao número total de 71 cartas. E abaixo se vê quais os principais assuntos retratados nessas correspondências:

<i>Assunto</i>	<i>Cartas</i>
Apoio e incentivo às prostitutas pela criação do <i>Beijo da rua</i>	30
Críticas e sugestões ao <i>Beijo da rua</i>	11
Como conheceu e porque assinou o <i>Beijo da rua</i>	7
Interesse em material e no tema prostituição (incluindo o jornal)	5
Agradecimentos diversos; Envio de material para ser publicado no <i>Beijo da rua</i> .	3
Prostitutas de Belém que querem conhecer a Gabriela Leite; Prostitutas enviando sugestões para Gabriela.	2
Pessoa pedindo para não enviar mais cartas para ela; Pessoa querendo montar uma biblioteca na Associação de Prostitutas de Minas Gerais; Pedido de permuta de notícias com Agencia de Notícias; Sobre recebimento de material de prevenção; Solicitação de camisas com o logotipo do <i>Beijo da rua</i> .	1

Tabela 9: Assuntos das cartas enviadas ao *Beijo da rua*

Os principais temas das *Cartas* remetem a fundação do jornal, as palavras “coragem”, “felicidade” e “alegria” aparecem repetidas vezes na seção, pois os leitores tinham o interesse de apoiar, incentivar e parabenizar por esse feito. As cartas foram enviadas por entidades

²⁹³ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro, dez. 1988. p. 7.

coletivas, empresas, instituições sem fins lucrativos e indivíduos de variados espaços de circulação, como: prostituta, acadêmico, padre, político. A deputada Anna Maria Rattes, por exemplo, parabeniza pelo “excelente veículo luta categoria (sic)”²⁹⁴.

No entanto poderíamos citar outros personagens que interagiram com o *Beijo da rua* através das cartas, alguns quando lhes foi enviado uma edição do jornal, a outros quando o assinaram e por último àqueles que receberam em algum encontro, como, por exemplo: o Instituto Apoio Jurídico Popular (RJ)²⁹⁵, o Frei Barruel de Lagenest (SP)²⁹⁶, o Movimento Nacional de Meninos e meninas de rua (DF)²⁹⁷. Para citar alguns.

Inicialmente, os leitores do “*Beijo*” manifestavam-se através das cartas por terem sido provocados anteriormente. Mas alguns desses lugares e personagens eram esperados ao diálogo, como as cartas da prisão de Ilha Grande, por um homem identificado como Luciano S. V. F.²⁹⁸ Carta essa endereçada a Gabriela Leite, parabenizando pela matéria sobre Cicciolina, afirmando querer “trocar ideias” tanto com a Gabriela quanto com a atriz italiana²⁹⁹. Na mesma edição o jornal, logo abaixo, intermedia o diálogo, e faz com que “desde o recebimento, pelo *Beijo da rua*, desta carta, que foi encaminhada à nossa entrevistada, Cicciolina e Luciano estão se correspondendo”³⁰⁰.

Contudo, não só por essa, mas por outras formas de participação, com sugestões, envio de poesias ou imagens aconteceu no decorrer do tempo. E o *Beijo da rua*, sempre se mostrou interessado nessa relação voluntária, advindas de prostitutas ou mesmo outros colaboradores. Assim, como na mesma edição de número 5 de 1990, uma carta sugere a utilização de desenhos de Lasar Segall, que retrata a prostituição como nenhum outro artista.³⁰¹ Ou quando Anita Costa Prado agradece por seu poema “Zona fatal” ter sido publicado anteriormente.³⁰² Portanto, o colaboracionismo entre personagens de diversos nichos foi fundamental para a expansão do movimento de prostitutas.

²⁹⁴ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Jul/ Ago. 1989. Número 2. p. 11.

²⁹⁵ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Jul/ Ago. 1989. Número 1. p. 10. Como o nome já indica uma firma de assessoria jurídica para ajudar a população.

²⁹⁶ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Jul/ Ago. 1989. Número 1. p. 10. Frei dominicano que estudava a prostituição e que idealizou e fundou a Pastoral da Mulher Marginalizada.

²⁹⁷ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Jul/ Ago. 1989. Número 2. p. 11. Movimento que surgiu em 1982 e que partilha de algumas inquietações semelhantes do movimento de prostitutas. (*Beijo da rua* tem matérias especiais sobre esse tema na edição inaugural de 1988 e na edição número 12 de 1992.

²⁹⁸ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1990. Número 5. p. 11.

²⁹⁹ Elena Anna Staller, conhecida por Ilona Staller ou pelo nome artístico de Cicciolina, é uma ativista política, ex-atriz pornográfica, cantora e escritora húngara naturalizada italiana.

³⁰⁰ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1990. Número 5. p. 11.

³⁰¹ Idem.

³⁰² *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1990. Número 6. p. 15.

Além disso, as correspondências chegaram de diferentes estados do Brasil, assim como do exterior, fortalecendo a noção de uma rede no desenvolvimento da mobilização política. Como visivelmente se pode observar nos dados da tabela seguinte:

<i>Local</i>	<i>Cartas</i>
Rio de Janeiro	21
São Paulo	11
Pernambuco	6
Espírito Santo	5
Distrito Federal; Minas Gerais	4
Rio Grande do Sul	3
Amazonas; Bahia; Goiás; Pará; Santa Catarina.	2
Ceará; Maranhão; Paraná; Índia; Itália; Suécia.	1 ³⁰³

Tabela 10 - Locais das cartas enviadas ao *Beijo da rua*.

Através das informações colhidas acima se chega a compreensão do período que houve essa troca com os leitores, dentre elas, em número de quinze Estados diferentes no Brasil e outros três países. Isso criou, sem dúvida, um alarde, para que a partir do impacto do jornal fosse possível mobilizar e pautar uma série de posicionamentos e reivindicações.

Essa circulação de ideias também possibilitou a colaboração de instituições internacionais na contribuição com o movimento de prostitutas e outras organizações, sociedade civil e políticos. Um exemplo disso é a grande participação na formação do jornal, que tem uma grande aderência de diferentes pessoas com formações distintas, sendo acadêmica ou religiosa. Um exemplo disso é o grande número de intelectuais, ou pessoas das áreas humanas e das ciências, como advogados, psicólogos, médicos, historiadores, jornalistas, teólogos, padres, prostitutas, professores. Todos que tinham o objetivo de mobilizar e construir através do jornal ideias que pudessem refletir na construção, por exemplo, da nova cidadania democrática brasileira.

A circulação de ideias acontece principalmente pela transmissão das informações do jornal, mas nele acontece uma interseção de ideias e construções de pensamento, que inclusive de fluxo e refluxo, onde a publicação é fonte para construção de novas ideias e as reflete como autoridade a respeito da prostituição e assuntos relacionados.

³⁰³ Uma carta não contém identificação de local de envio dela.

Sendo assim, quem produz o periódico, quem o escreve e o compartilha são pessoas de diferentes características e meios, mas todos com um ideal utópico de transformação da sociedade. Eles reconstruem à prostituta, as investindo de poder simbólico e político e em alguns momentos se “autorepresentando”³⁰⁴. Portanto, as representações pelo jornal se tornam a própria ação política.

3.4 O lirismo poético da prostituição no *Beijo da rua*

Eu queria, eu sempre gosto de me dar um bocadinho de liberdade pra sair daquela coisa, assim, muito séria, muito rígida do movimento e tal. Pra falar de literatura, porque a literatura sempre explicou tudo pra mim na vida.³⁰⁵

Acima, em trecho extraído de uma declaração de Gabriela Leite, explicasse não somente a prostituição, mas uma vida que busque total liberdade. Para ela, este lugar seria na literatura. A partir desta perspectiva, há a possibilidade de discutir uma seção do jornal *Beijo da rua, Poesia*. O setor está presente em 16 das 18 edições analisadas e ali se estabelecia uma relação do jornal com a poesia, possível tentativa de reconstruir representações sobre a prostituição. Localizada logo acima do expediente do jornal, na página número dois, ali eram lembradas poesias vinculadas ao tema da marginalidade, essencialmente, como a prostituição, entre outros assuntos, tais como a sexualidade.

Na totalidade, foram publicadas 18 poesias, 4 músicas, 2 textos em prosa e 1 cordel. E juntos, diversas imagens, entre fotografias, desenhos, pinturas de alguns artistas bastante conhecidos, ou outras que não foram identificadas. Em *Poesia*, está a maior parte dos textos literários escritos no jornal. São prosa, nem tão poéticas, como o texto de Sondra Davis do jornal *Street News*. Davis utiliza a temática sobre “mendigos” na edição 7 no *Beijo da rua*, e critica os preconceitos a respeito dos moradores de rua.

Na seção, entre poetas conhecidos historicamente ou não, as mais diversas estéticas literárias podem ser vistas. Assim também como, pode ser analisada uma transição por vários períodos da história do Brasil, e especificamente, começando pela geografia da prostituição no Rio de Janeiro. Retratado o “tempo” da Zona do Mangue, o antecessor da Vila Mimosa, que naquele momento tinha substituído a grande Zona de meretrício do Rio de Janeiro. A

³⁰⁴ Cf. LENZ, Flavio. op. cit., 2011.

³⁰⁵ BR RJAPERJ DV. CASTRO, Ricardo Vieiralves de; TORNAGHI, Maria; DIAS, Edda Mastrangelo. *Fala mulher, da vida*. 1988. Vídeo.

Zona do Mangue foi tema para vários poetas e artistas, frequentadores assíduos, como Manuel Bandeira e Lasar Segall.

Logo, na primeira edição do jornal são apresentados trechos das poesias “Oferta”, “Mangue” e “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira, todos do livro *Libertinagem*, de 1930. Além de ser possível analisar em destaque na ilustração de Segall, “Casal do Mangue” uma pintura que integra um álbum lançado em 1943 com o título de *Mangue*.



Figura 17: Pintura Casal do mangue de Lasar Segall³⁰⁶

Para além do *Beijo da rua*, no álbum, Segall selecionou quarenta e quatro ilustrações, criadas em diferentes datas, com diferentes técnicas e dimensões. Por exemplo, a pintura escolhida para ilustrar a capa foi realizada com tinta vermelha a pena sobre papel, provavelmente em 1943. Não obstante, a maioria das ilustrações foi feita entre os anos de 1925 e 1928.

O álbum *Mangue* lançado por Segall em 1943, contou com a participação de três figuras importantíssimas do modernismo brasileiro: Mario de Andrade, Jorge de Lima e Manuel Bandeira. Dentre eles, logicamente, quem dos três chama mais atenção em participar do livro é Bandeira. Afinal, o que os editores do jornal quiseram causar ao juntar Segall e Bandeira novamente mais de quarenta anos depois? Nessa situação chama atenção o vácuo

³⁰⁶ SEGALL, Lasar. *Casal do Mangue*. 1929. Xilogravura, 15,5 x 8,5 cm apud *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Dez. 1988. p. 2.

que está presente na intencionalidade de colocá-los novamente defrontados, poema e imagem, que se entrelaçam na história da construção da modernidade brasileira. Terá sido coincidência ou o acaso que mesmo sem saber juntou os dois novamente? Sendo assim, ainda mais curioso pelo tema que os liga, a prostituição na Zona do Mangue.

Muitos artistas encontravam nos redutos das zonas cariocas a necessidade de expor a vida, a vivência na boemia, além de mostrar o que os afligia, o que de certa forma estava implícito em suas relações cotidianas. Pelos seus textos representavam seus sentimentos não somente de desejo, mas também de expressão da arte que estavam consigo. Enxergaram em muitos momentos a arte e a poesia que a própria prostituta representava para eles. Por isso, nunca foi incomum encontrar autores, poetas, músicos brasileiros que a sua arte estivesse intrinsecamente ligada à boemia, as “zonas”, os “casos extraconjugais”. Nos versos de Manuel Bandeira, principalmente, um dos que encontramos no *Beijo da Rua*, no entanto, diz muito mais que a frequente ida às zonas. Ele mostra os desejos do escritor de uma vida inteira em poucos versos, o poema *Vou-me embora pra Pasárgada*:

Vou-me embora pra Pasárgada
 Lá sou amigo do rei
 Lá tenho a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Aqui eu não sou feliz
 Lá a existência é uma aventura
 De tal modo inconseqüente
 Que Joana a Louca de Espanha
 Rainha e falsa demente
 Vem a ser contraparente
 Da nora que nunca tive
 E como farei ginástica
 Andarei de bicicleta
 Montarei em burro brabo
 Subirei no pau-de-sebo
 Tomarei banhos de mar!
 E quando estiver cansado
 Deito na beira do rio
 Mando chamar a mãe-d'água
 Pra me contar as histórias
 Que no tempo de eu menino
 Rosa vinha me contar
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Em Pasárgada tem tudo
 É outra civilização
 Tem um processo seguro
 De impedir a concepção
 Tem telefone automático

Tem alcalóide à vontade
 Tem prostitutas bonitas
 Para a gente namorar
 E quando eu estiver mais triste
 Mas triste de não ter jeito
 Quando de noite me der
 Vontade de me matar
 — Lá sou amigo do rei —
 Terei a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada.³⁰⁷

No poema, claramente Manuel Bandeira idealiza um local imaginário chamado Pasárgada. Quando tinha aula de grego no Pedro II, aos 15 anos, se deparou com o nome no livro *Ciropédia*, era uma cidade nas montanhas do sul da Pérsia fundada por Ciro. Desde a adolescência sua imaginação começou a criar Pasárgada como o lugar ideal para se viver. Bandeira afirma que:

Mais de vinte anos depois, num momento de profundo cafard e desânimo, saltou-me do subconsciente este grito de evasão: “Vou-me embora pra Pasárgada!” Imediatamente senti que era a célula de um poema. Peguei do lápis e do papel, mas o poema não veio. Não pensei mais nisso. Uns cinco anos mais tarde, o mesmo grito de evasão nas mesmas circunstâncias. Desta vez o poema saiu quase ao correr da pena. Se há beleza em “Vou-me embora pra Pasárgada”, elas não passam de acidentes. Não construí o poema; ele construiu-se em mim nos recessos do subconsciente, utilizando as reminiscências da infância – as histórias que Rosa, a minha ama-seca mulata, me contava, o sonho jamais realizado de uma bicicleta, etc.³⁰⁸

No trecho acima Manuel Bandeira descreve como surgiu o poema sobre o lugar ideal, e mostra que foi fruto da sua memória infanto-juvenil junto de grande desânimo vivido em determinado momento. Bandeira, desde o início do século 20, vivera doente. Em 1913 vai para o sanatório de Clavadel na Suíça, se tratar de uma tuberculose. Ele já havia vivido muitos anos de aparente solidão, não foi casado, seus parentes mais próximos morreram nas primeiras décadas do século 20. Dizia ele, buscando a utopia: “o quase inválido que eu era ainda por volta de 1926 imaginava em Pasárgada o exercício de todas as atividades que a doença me impedia”³⁰⁹. Tudo que ele sentira ao expor seus sentimentos através do poema é transmitido e sem dúvida implica em cada indivíduo que na leitura desenvolve certa reflexão.

³⁰⁷ KAZ, Leonel; MONTEIRO, Salvador. *Bandeira a Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Editora Alumbamento, 1986. p. 90.

³⁰⁸ Cf. BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1954.

³⁰⁹ Cf. Idem.

Segall, de forma diferente, parece que escolheu retratar através de desenhos, pinturas e ilustrações: negros, prostitutas, favelas. O que o aproximava da “marginalidade” ou grupos excluídos da sociedade.

O expressionismo alemão, já na primeira década do século XX, abordou os temas da prostituição e da decadência dos costumes burgueses. Nas obras produzidas em Berlim, nos anos 1920, durante a República de Weimar, o bordel e o cabaré foram temas recorrentes nas artes plásticas e, também, na literatura (Professor Unrat), na música (A ópera dos três vinténs) e no cinema (O anjo azul). Otto Dix e George Grosz, dois artistas que se destacaram nesse período, traçaram uma caricatura feroz da sociedade alemã logo após a Primeira Guerra.³¹⁰

E, além disso, provavelmente fazia parte da sua própria trajetória, como era judeu, e viu aos poucos a chegada de Hitler ao poder e a violenta perseguição contra seu povo na Europa. Sobre o Manguê ele afirma:

O motivo 'Manguê', por exemplo, destinos humanos universais, não era novo para mim quando vi pela primeira vez no Rio de Janeiro. São motivos que, como homem, sempre me agitavam internamente e como artista me animavam à criação. Quantas vezes na minha vida, já não os pintei! Chamava-os antes 'As erradias'. No Rio, porém, eu deles me aproximei com um sentimento de compreensão humana mais amadurecido e, acima de tudo, com um maduro olhar artístico.³¹¹

Em Machado, escrito por Silviano Santiago³¹², por exemplo, podemos perceber na leitura da vida e a obra do próprio escritor as limitações estabelecidas por ele, mas que apesar de tudo também contribuíram para ele vislumbrar cada obra e cada texto escrito. É importante conseguir visualizar certa verossimilhança entre a vida e a obra de Machado, por exemplo, no que diz respeito a sua epilepsia que interferia fortemente em sua obra, assim, como através das intercessões entre obras que o próprio Machado de Assis lera anteriormente, e a relação que ele estabeleceu entre autores que também tinham problemas com a epilepsia. O seu sofrimento, tanto psíquico, quanto físico tiveram um efeito grandioso em sua obra.

Tanto Manuel Bandeira, quanto Lasar Segall usaram a sua dor, seu sofrimento para desenvolver a sua obra. Aqui, o corpo através dos desejos, vontades, amores, sofrimentos são os principais regentes desses autores e podem ser tratados também como fonte de conhecimento e influencia para os sentimentos de quem os lê. Um desejo que na literatura se

³¹⁰ MAGALHÃES, Fábio. *Texto da curadoria da exposição: Poéticas do Manguê*. 2012. Museu Lasar Segall. p. 1.

³¹¹ SEGALL, Lasar. *Manguê*. p. 29.

³¹² SANTIAGO, Silviano. *Machado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

faz realidade, no rompimento de um poder sobre o corpo desenvolvido pelos Estados modernos no mundo.³¹³

A escolha de Manuel Bandeira no *Beijo da Rua* pelos editores pode ter a intenção de causar algum despertar nas pessoas que o leem. Tais ideias se associam a política do corpo, a literatura nesse momento serve para mostrar não só a “libertinagem”, mas expressar a liberdade através do corpo, que estava presente, mas escondida da moralidade cristã da sociedade brasileira. A literatura serve como vanguarda cultural e social, lançando novas visões sobre as relações com o corpo. Tudo a ver com a crítica que a poesia de Manuel e o desenho de Segall trazem para os anos 1980. Discurso que reverbera no próprio jornal, quando tenta desenvolver uma imagem da prostituta cidadã, que tem seus direitos e deveres como qualquer brasileiro comum.

Talvez intencionalmente, talvez não, mas o jornal reunira mais de quarenta anos depois dois célebres figuras do modernismo brasileiro novamente. Lasar Segall e Manuel Bandeira estavam novamente rediscutindo o Manguê e, sobretudo, a prostituição. A relação da temática restabelece o discurso e a resistência do movimento de prostitutas dos anos 1980, que reflete sobre a transformação da sociedade brasileira e na aceitação da sua sexualidade, assim como na aceitação das prostitutas como cidadãs dignas de direitos. Manuel Bandeira é escolhido para publicar os poemas em outras três edições do jornal: na edição 3 com a poesia “Na boca”, na edição 9 com “Unidade” e “Passeio em São Paulo” na edição 12. O poeta está entre as principais escolhas do jornal por um motivo além da sua frequente ida às zonas de prostituição, mas por ser o “poeta predileto”³¹⁴ de Gabriela Leite.

Lasar Segall também aparece novamente com sua ilustração na edição de número 5 do jornal, também mostrando uma identificação representativa a imagem que ele faz das prostitutas. Gabriela, em outra edição do jornal sugere:

Temos que nos mirar na languidez e sensualidade dos traços de Lasar Segall, nas suas mulheres do Manguê. Era assim que ele nos via, é assim que os homens nos veem, é assim que me vejo, e é assim que somos.³¹⁵

A circunscrição das ideias propostas pela quebra de paradigmas do modernismo na sociedade dos anos 1920 e 1930. A “revolução” do verso livre, por exemplo, que infere ao anarquismo das décadas anteriores, onde os versos na poesia reivindicavam a liberdade, sem

³¹³ Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

³¹⁴ LEITE, Gabriela Silva. “Coluna da Gabi”. *Beijo da rua*. Dez. 1988. Rio de Janeiro. p. 2.

³¹⁵ LEITE, Gabriela Silva. “Coluna da Gabi”. *Beijo da rua*. Mai. 1994. Rio de Janeiro, p. 2.

métrica, sem rima, sem ritmo, somente sentimentos e novos conceitos de expressão artística, literária e cultural.

Sem dúvidas, o uso da literatura modernista, movimento revolucionário da estética nas letras e artes da primeira metade do século 20 influenciou grandes transformações da sociedade. Personagens marcantes da literatura, como: Raul Bopp e Adélia Prado e Carlos Drummond de Andrade. Desse último, um poema está na primeira edição do jornal também, na sua poesia “a puta”, integra às discussões do movimento de prostitutas, como adjetivação não pejorativa, mas pelo contrário, significando força e poder

Sendo assim, inicialmente, o estabelecimento de uma relação forte e propícia com a década de 1980, pode ser aceitável diante da significação do período de transição que o Brasil estava passando. A liberdade tornou-se o jargão depois de anos de uma ditadura civil-militar.

O uso de outros poetas e estéticas literárias trouxe ao jornal uma grande pluralidade de representações da prostituição, dentre elas, o parnasianismo de Olavo Bilac, o romantismo de William Blake. Porém, nenhum se aproxima mais das ideias do movimento social de prostitutas que: Rodolfo Coelho Cavalcante e Ferreira Gullar. O primeiro, expressando o nordeste através da sua genial capacidade de rimar e metrificar versos de cordel. Ele representa a prostituta como uma legítima trabalhadora, pois segundo ele “toda profissão é nobre”³¹⁶. O segundo, ó neoconcretismo Ferreira Gullar, que escreveu a poesia “subversiva”, “como puta”.³¹⁷

Dessas duas, são reveladas reflexões sobre a prostituta entre as décadas de 1970 e 1980, período contextual do *Beijo da rua* transformando a imagem da prostituta ou na profissional ou na revolucionária, talvez por pertencer ao Partido Comunista. Indo completamente ao encontro do que o jornal transmite e busca representar enquanto uma forma de “luta” política pela sua organização.

Além de poemas, a seção *Poesia* tem o intuito de abranger o significado do que é linguagem poética, pois, publica músicas, pinturas, desenhos e outras expressões artísticas. Como já colocado a utilização, por exemplo de pinturas de Segall. Mas, além disso, quatro músicas foram inseridas no jornal: de Cartola, “Beijos”, de Johny Alf, “Rapaz de bem”, de Martinho da Vila “Só em Maceió”, música que cita as meninas do bordel do Mossoró. Ainda surge Rita Lee, com a “Balada de um louco”.

³¹⁶ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. Jan/ Fev. 1990. p. 2.

³¹⁷ *Beijo da rua*. Rio de Janeiro. 1991. p. 2.

É notório analisar os tipos variados de linguagem (comunicação) tanto visuais quanto literária encontrados na publicação. Há uma grande diversidade de desenhos, ilustrações, fotografias, pinturas, xilogravuras entre outros tipos de imagem, todas elas de alguma forma sendo usadas para representar a prostituição, o “mundo” ou espaço da prostituição. Essa predileção pela imagem demonstra uma preocupação com a visualidade ou estética visual, o que também pode ser interpretado como uma forma de manter uma comunicação rápida, já que a imagem é uma forma de estabelecer uma comunicação mais dinâmica e diálogo com o leitor, ou seja, uma linguagem mais direta. Algumas dessas imagens são de artistas renomados ou estilos diferenciados, como o surrealismo do pintor francês Roland Topor expresso no início do capítulo na capa da primeira edição do *Beijo*. A quantidade de imagens utilizadas mostra uma preocupação com a visualidade ou estética visual, o que também pode ser interpretado como uma forma de manter uma comunicação rapidamente, já que a imagem é uma forma de estabelecer rapidamente uma comunicação e diálogo com o leitor no que diz respeito à imprensa, ou seja, uma linguagem mais direta.

Junto a todos esses poetas, artistas e músicos, Doroth de Castro e Maria do Socorro, surgem como prostitutas e poetas. E com isso, quebra-se mais uma barreira paradigmática, na qual o imaginário possibilita uma transformação dessas mulheres no que elas quiserem: mães, filhas, prostitutas, trabalhadoras, profissionais, artista, escritora, poeta e todas elas ao mesmo tempo. Uma busca constante nesse reconhecimento.

A literatura então seria uma forma de resistência às palavras de ordem que circulam no nosso cotidiano. Ela tende a subverter a língua maior, e poderia acrescentar a subverter a fala hegemônica. Esta fala hegemônica é representada, como vimos, pelas palavras de ordem, pelas convicções, pelos hábitos estereotipados, designando condutas, modos de pensamento impostos, que visam impedir uma troca intensa que fuja dos desígnios do poder, tão cara à experiência literária.

Algumas linguagens intertextuais reforçam uma característica performática no *Beijo*, um viés artístico como em uma obra teatral ou literária, como Tilly afirma: “muitas transferências políticas se centram em programas ou práticas específicas e envolvem deliberação consciente no ponto de chegada sobre se adotar um item e como [...]”³¹⁸ pensou seu conceito ligado a repertório, onde houvesse uma “criatividade” latente que pudesse corresponder a uma ação coletiva e política.³¹⁹ Poemas, cordéis e músicas correspondem a uma literatura, uma linguagem sobre a prostituta de forma lírica e romântica, assim como

³¹⁸ TILLY apud ALONSO. op.cit., 2012. p. 29.

³¹⁹ ALONSO, Angela. op.cit., 2012. p. 29.

vimos iniciando cada um dos textos diferentes que servem de epígrafe dos capítulos desta dissertação.

Sendo assim, várias estéticas de períodos diferentes da história, com o intuito único de usar por uma causa, o impacto da arte servindo de luta política, associando as novas representações da prostituição ao expressionismo, modernismo, realismo e a representação subjetiva dos artistas.

CONCLUSÃO

A organização das prostitutas, como aqui exposto, tem trazido velhas e suscitado novas formas de se apreender a prostituta, levantando discussões a respeito da comercialização do sexo e do lugar destas trabalhadoras na sociedade. Por isso, durante todo o primeiro capítulo foi possível realizar essa avaliação, conhecendo os principais discursos formadores do conceito de prostituta no início do século 19. Há ali igualmente, os debates acadêmicos gerados a partir de análises médicas, jurídicas e policiais do período anterior.

A construção de uma “fala” alternativa sobre a mulher prostituta na década de 1980, fez com que novamente reverberações anteriores desenvolvessem novos diálogos, apreensões e compreensões da prostituição. Aproximando com isso intelectuais, prostitutas e instituições na ampliação de debates e políticas públicas a respeito do tema.

A aproximação ao tema e no *Beijo da rua* se deu a partir da chegada dos documentos produzidos e acumulados pela ONG Davida ao APERJ. O ato de doação para o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro se insere nos modelos de manifestação e mobilização associando as esferas culturais e políticas a que o movimento de prostitutas habitualmente utiliza. Entre alguns outros, como: shows, peças, eventos culturais e o jornal. Isto se reflete na importância de preservar e construir outras narrativas sobre a História da prostituição, não somente como ação da Davida, mas também como compreensão da arquivologia. No desenvolvimento dos conceitos relacionados à importância social dos arquivos.

No decorrer deste trabalho, portanto, foram aplicadas abordagens tanto sobre o acervo Davida como do jornal *Beijo da rua*, tendo por objetivo demonstrar que seus significados são bem mais do que objetos estritamente comunicativos. Assim, no bojo das decisões sobre a doação do acervo ou fundação do jornal existe um interesse político. Por isso, o objeto culturalmente constituído de sua materialidade extravasa o sentido raso de sua função e, além disso, significa uma *performance* do movimento de prostitutas, uma reação criativa à violência policial, ao Estado e a própria sociedade que são confrontados com as representações desenvolvidas no jornal e na simbólica incorporação aos documentos da ONG ao Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Essas reivindicações e mobilizações estão inteiramente ligadas à constituição de uma liderança e, nesse aspecto, inevitável e extremamente importante é se alçar a figura de Gabriela Leite na centralidade dessa organização. Para isso, é incontornável confirmar os caminhos políticos trilhados por ela. Inicialmente pela capacidade de articulação que obteve

em sua trajetória, quando em meados de 1980 chega ao ISER, para trabalhar como datilógrafa e de lá se torna coordenadora e líder da Rede Brasileira de Prostitutas.

Gabriela Leite, diante de tudo, inclusive de adversidades, soube desenvolver e construir em torno de si um pensamento precursor no Brasil sobre a prostituição. Conseguiu abarcar toda essa concepção apontando para sua figura e se tornou a representante maior das prostitutas, um “mito” e evidentemente, uma liderança. Tal concepção está marcada tanto nos documentos do acervo Davida, quanto no jornal. Estes locais a expressão e a voz do movimento se tornam a própria fala da “Gabi”. Neste sentido, o acervo Davida tem uma relação fortíssima com tal perspectiva.

É possível concluir que o jornal *Beijo da rua* foi uma grande fonte de sistematização do movimento de prostitutas. Nele, as instituições e associações ligadas à prostituição puderam se construir enquanto rede de sociabilidade. Assim, as reverberações da publicação tiveram um forte efeito em ações e conquistas futuras, como a que aconteceria em 2002, quando a luta ultrapassava já 15 anos, o Código Brasileiro de Ocupações (CBO) registrava o profissional do sexo como um trabalhador no Brasil. Naquele momento há um reconhecimento da luta e se abre um precedente fundamental para o reconhecimento profissional.³²⁰

Em uma sociedade conservadora e autoritária como a nossa, percebe-se alguns encontros com os pensamentos e reflexões extraídos das ações performáticas do movimento de prostitutas. Um exemplo pode ser evidenciado quando o *Beijo* se torna concomitantemente representante do movimento de prostitutas e também uma política pública contra as DSTs e AIDS do governo federal. O jornal se torna, assim como outras, uma ação conjunta entre governo federal e Davida. Mais especificamente, quando volta a ser publicado em 2002, no último ano de governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). O periódico passa a ser apoiado diretamente pelo Ministério da Saúde e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Em 2004, o jornal é lançado na internet, se tornando uma ferramenta virtual, se inserindo na conjuntura do período de informatização e sendo utilizado de forma criativa na organização política do movimento de prostitutas diante da sociedade brasileira. Nesse período, durante o governo Lula (2003-2010), as políticas públicas referentes à saúde, por exemplo, foram expandidas e neste caldeirão de possibilidades, o jornal também. Soma-se a isto um aliado como ferramenta performática da Davida criação da grife Daspu, a partir de

³²⁰ LENZ, Flavio. op. cit. 2011. p. 82.

2005. A Daspu trouxe a noção de que o conhecimento sobre o movimento de prostitutas crescia, embalado por esses instrumentos de “luta política”, que buscavam causar impacto à sociedade brasileira.

Em 2018, pude pessoalmente presenciar um desfile Daspu, durante o *Women of the world* (WOW), que no Brasil teve o nome de *Festival Mulheres do Mundo*, ocorrido na região portuária do Rio de Janeiro, próximo aos pontos tradicionais de prostituição da cidade.



Figura 18: Imagens do Desfile Daspu em Dezembro de 2018³²¹

Lá, o jornal era distribuído em plena passarela da Daspu, no meio de prostitutas, trans, integrantes de associações e organizações que apoiam prostitutas. Com isso, a Davida reunia duas formas de manifestação e ação coletiva nas passarelas. Assim, como em outros momentos dos anos 2000 matérias do *Beijo da rua* noticiavam desfiles da Daspu. Novos instrumentos de representação da prostituta desenvolvidos pelo movimento de prostitutas. Durante o desfile, entre imagens de Gabriela, momentos históricos e frases era refeita a trajetória do movimento de prostitutas. Nisso, evidencio uma contínua reverberação das ações dessa organização, que entre arquivo, imagem, jornal e passarela, soube recriar a prostituta e dessa representação desenvolveu novos modelos de manifestação, disputa e debates públicos.

³²¹ BARRETO, Ana Beatriz Peçanha. *Desfile Daspu no evento WOW*. Rio de Janeiro. Dez. 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. “Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral”. In: *Ouvir contar. Textos em história oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida. PT, CUT e democracia no Brasil: 1979-1989*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

ALONSO, Angela. *Repertório, segundo Charles Tilly. História de um conceito*. Sociologia e Antropologia. [online]. 2012. vol. 2. n. 3. pp. 21 – 41.

APERJ. *História do Arquivo Davida*. 2016.

_____. *História administrativa da ONG Davida*. 2016.

ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de Terminologia Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ARAÚJO, M. P. N. “Lutas democráticas contra a ditadura”. In: Jorge Ferreira; Daniel Aarão Reis. (Org.). *As esquerdas no Brasil: Revolução e democracia (1964...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 3. 2007.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARRETO, Raquel de Andrade. “Aquela “neguinha” atrevida: Lélia Gonzalez e o movimento negro brasileiro”. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. *As esquerdas no Brasil. Revolução e democracia (1964...)*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. 3.

BATALHA, Claudio. “Cultura associativa no Rio de Janeiro na Primeira República”. In: Claudio Batalha, Fernando Teixeira da Silva e Alexandre Fortes (orgs). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos – um Haussman Tropical: As transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.

BOFF, Clodovis. *Comunidade Eclesial: comunidade política*. Vozes: Petrópolis, 1978.

Boletim Nacional do Partido dos Trabalhadores, nº 49, março de 1990 apud *Mulheres do PT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2 Set. 2011. p. 146. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/csbh/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/09-5.perseu7.documentos.pdf>>. Acesso em: 01 Set. 2018.

BOSHI, Raul. *A arte da associação. Política de base e democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Iuperj/Vértice, 1987.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 26 mar. 2019.

BRETAS, M. L. *A Guerra das Ruas. Povo e Polícia Na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/ Ministério da Justiça, 1997.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas - o imaginário da república no Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo. 1990.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

_____. “As revoluções da leitura no ocidente”. In: ABREU, Márcia. (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1955.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosario da Cunha. *Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa*. São Paulo: Projeto História (PUCSP), v. 1. 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. “Diretas já: Vozes da cidade”. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. *As esquerdas no Brasil. Revolução e democracia (1964...)*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. 3.

DEL PRIORE, Mary. *A Mulher Na História do Brasil*. 4ª Edição, São Paulo: Editora Contexto, 1994.

DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro - 1840 a 1890*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1989.

FALCON, Francisco. “História das ideias”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história*. Rio de Janeiro, Campus, 1998, p. 91-125. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Cadernos do Cárcere, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2002, V. 2.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988.

_____. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

_____. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no College de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1996.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GASPARI, Elio. "Alice e o camaleão". In: HOLLANDA, Heloisa Buarque; VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura (70/80)*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 2002, v. 2.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Brasil: Zahar Editores, 1980.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HEYMANN, L. Q. *Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p. 41-66, 1997.

HEYMANN, Luciana; NEDEL, L. (Org.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.

HOBBSBAWM, Eric J. *Bandidos*. Editora Forense-Universitária: Rio de Janeiro, 1976.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. *26 poetas hoje: antologia*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2007.

JARDIM, J. M. *A invenção da memória nos arquivos públicos*. Ciência da Informação, Brasília, v. 25, p. 102-117, 1996.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

KUSHNIR, Beatriz. *Baile de Máscaras: mulheres judias e prostituição, as polacas e suas associações de Ajuda Mútua*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. *Histórias da AIDS no Brasil: A sociedade civil se organiza pela luta contra*. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, 2015.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2005.

LEITE, Gabriela Silva. *Filha, mãe, avó e puta. A história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEITE, Juçara Luzia. *A República do Manguê: Controle Policial e Prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)*. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2005.

LENZ, Flavio. *Daspu: a moda sem vergonha*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

_____. *O Estado da Saúde e a “doença” das prostitutas: uma análise das representações da prostituição nos discursos do SUS e do Terceiro Setor*. 2011. Monografia (Especialista em Comunicação e saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

LÖWY, M; SAYRE, R. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MATHEUS, Leticia Cantarela. *Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2011.

NEEDELL, Jeffrey D. *A belle époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, n. 10. São Paulo, dez. 1993.

PEREIRA, Armando. *Prostituição: uma visão global*. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

PISCITELLI, A. G. *Exploração sexual, trabalho sexual, noções, limites*. Apresentação de Trabalho seminário: Corpos, sexualidades e feminilidades. UERJ, 2012.

PORTELLI, Alessandro. 1996. “O massacre de Civitella Val di Chiana” (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV. 1996.

QUADRAT, Samantha. *Não foi tempo perdido: os anos 80 em debate*. QUADRAT, Samantha (Org.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

ROSSIAUD, Jacques. *A Prostituição na Idade Média*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil – 1890/1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Os prazeres da noite - prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

RIDENTE, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

SHELLENBERG, T. R. *Arquivos Modernos: princípios e técnicas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

SCHETTINI, Cristiana. “*Que tenhas teu corpo*”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

SENRA, Márcio. *A prostituição no Brasil no século XXI: razões para sua regulamentação*. 2013. 407 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Niterói: EdUFF, 2010.

SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio R.S.; MORAES, Aparecida Fonseca. *Prostituição e outras formas de amor*. Niterói: EdUFF, 2014.

SKACKAUSKAS, Andreia. *Prostituição, gênero e direitos: noções e tensões nas relações entre prostitutas e Pastoral da Mulher Marginalizada*. 2014. 333 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas...a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Ática, 1992.

SOIHET, Rachel. *Vivências e formas de violência: mulher de classe subalterna no Rio de Janeiro, 1890 a 1920*. São Paulo: USP, 1986.

VIANNA, Aurélio; LISSOVISKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. “A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados”. *Revista Arquivos e Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 62-76, 1986.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. “*Fariseus*” e “*gringos bons*”: masculinidade e turismo sexual em Copacabana. Disponível em: <https://observatoriodaprostituicao.files.wordpress.com/2014/05/fariseus-v29-corrigido-final.pdf>. Acesso em 17 dez 2017.

_____, SILVA, Ana Paula. *Putas, playas e Hell's Angels: turismo sexual, classe, raça e mestiçagem em Copacabana*. Disponível em:

<https://observatoriodaprostituicao.files.wordpress.com/2014/05/putas-playas-e-os-hells-angels-v-9.pdf>. Acesso em 17 dez 2017.

_____. "*Nossa Senhora da Help*": sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. Disponível em: <https://observatoriodaprostituicao.files.wordpress.com/2014/05/nossa-senhora-da-help1.pdf>. Acesso em 17 dez 2017.

CHARTIER, Roger. *O Mundo Como Representação*. Estudos avançados. [online]. 1991, vol.5, n.11, pp.173-191. Disponível em: <https://goo.gl/BWzre3>. Acesso em: 19 dez 2017.

LENZ, Flavio. "Gabriela Leite, prostituta que viveu e promoveu a liberdade". *Revista Em Pauta*, 2015. Disponível em: <https://observatoriodaprostituicao.files.wordpress.com/2014/05/gabriela-leite-prostituta-que-viveu-e-promoveu-a-liberdade.pdf>. Acesso em 17 dez 2017.

_____; PEREIRA DE ANDRADE, Ana Beatriz; PERAZZI DE AQUINO, Henrique. *Beijo da rua, um jornal com a voz das prostitutas*. Bauru: Abr. 2015. Disponível em: <<https://www.faac.unesp.br/Home/Departamentos/ComunicacaoSocial/midiacidada/dt5-19.pdf>> Acesso em 15 Jul. 2016.

SIMÕES, Soraya Silveira. "Identidade e política: a prostituição e o reconhecimento de um métier no Brasil". In: *Revista R@U-UFSCar*, v.2, n.1, jan.-jun., pp.24-46, 2010. Disponível em: <https://observatoriodaprostituicao.files.wordpress.com/2014/05/identidade-e-polc3adtica.pdf>. Acesso em: 17 dez 2017.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. "A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero". *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2007, vol.27, n.54, pp.281-300. Disponível em: <https://goo.gl/7KSYSo>. Acesso em: 18 dez 2017.

FONTES

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

- Acervo ONG Davida: prostituição, direitos civis, saúde. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).
- Acervo Associação de Prostitutas do Estado do Rio de Janeiro. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).
- Fundo Movimento Feminino pela Anistia e Liberdade Democrática. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).
- *Jornal Beijo da rua*. Rio de Janeiro: ONG Davida: prostituição, direitos civis, saúde, 1994-1997. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Biblioteca Nacional

- *Jornal Beijo da rua*. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, 1988- 1993. Coordenadoria de Publicações Seriadadas da Fundação Biblioteca Nacional.

Entrevistas

- CESAR, F. L. Acervo Davida: depoimento. [23 de março, 2016]. Rio de Janeiro: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*. Entrevista concedida a Clarissa Ramos, Daniel Elian e Gabriel Alencar.
- KNAUSS, Paulo. Memória institucional APERJ: depoimento. [1 de novembro, 2018]. Rio de Janeiro: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*. Entrevista concedida a Clarissa Ramos, Daniel Elian, Gabriel Alencar e Maria Teresa Bandeira de Mello.

Filmes

- Documentário: *69: Praça da Luz*. Direção de Carolina Markowicz e Joana Galvão. São Paulo: 2007, DVD (15 min.), son., col. Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=69_praca_da_luz>. Acesso em 10 jun. 2017.

Jornais no banco de dados

- Jornal do Brasil
- Dário de Notícias
- Correio Brasiliense
- Diário de Natal
- Diário de Pernambuco
- O Globo
- O Movimento
- Tribuna da Imprensa
- O Fluminense
- Luta democrática
- Jornal da República
- Opinião

ANEXO

Anexo 1

Quadro dos marcos históricos da prostituição no Brasil sobreposto às edições lançadas do jornal <i>Beijo da rua</i>. (1987 – 1997)			
<i>Evento</i>	<i>Ano</i>	<i>Local</i>	<i>Organização</i>
I Encontro Nacional de Prostitutas	Julho de 1987	Rio de Janeiro	ISER
Fundação da Rede Brasileira de Prostitutas (RBP)	Julho de 1987	Rio de Janeiro	RBP
Ato-show Mangue Resiste	Dezembro de 1987	Rio de Janeiro	RBP/ ISER
Fundação da Associação de Prostitutas do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)	Setembro de 1987	Rio de Janeiro	APERJ
I Encontro Norte-Nordeste de mulheres prostitutas	Dezembro de 1988	Recife	ISER
Lançamento do jornal <i>Beijo da rua</i> , Edição inaugural	Dezembro de 1988	Recife	ISER
<i>Beijo da rua</i> , Edição número 1	Abril/ Maio de 1989	Rio de Janeiro	ISER
<i>Beijo da rua</i> , Edição número 2	Julho/ Agosto de 1989	Rio de Janeiro	ISER
I Encontro Interdisciplinar de Prostituição e AIDS promovido pelo ISER	Outubro de 1989	Rio de Janeiro	ISER
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 3	Outubro/ Novembro de 1989	Rio de Janeiro	ISER
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 4	Janeiro/ Fevereiro de 1990	Rio de Janeiro	ISER
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 5	1990	Rio de Janeiro	ISER
Fundação do Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central (GEMPAC)	Maio de 1990	Belém	GEMPAC
Fundação da Associação de Prostitutas do Estado do Ceará (APROCE)	Novembro de 1990	Fortaleza	APROCE
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 6	1990	Rio de Janeiro	ISER
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 7	1991	Rio de Janeiro	ISER
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 8	1991	Rio de Janeiro	ISER
I Encontro Estadual de Mulheres Prostitutas do Pará	Maio de 1991	Belém	GEMPAC
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 9	1991	Rio de Janeiro	ISER
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 10	1991	Rio de Janeiro	ISER
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 11	1991	Rio de Janeiro	ISER
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 12	1992	Rio de Janeiro	ISER
Criação da Organização Davida – Prostituição, Direitos civis, Saúde	Julho de 1992	Rio de Janeiro	DAVIDA
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 13	1993	Rio de Janeiro	DAVIDA
Show Beneficente Davida	Maio de 1993	Rio de Janeiro	DAVIDA

III Encontro Nacional das Trabalhadoras do sexo	Maio de 1994	Rio de Janeiro	RBP
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 14	Maio de 1994	Rio de Janeiro	DAVIDA
Mudança para nova Vila Mimosa (Região da Praça da Bandeira)	1996	Rio de Janeiro	AMOCAVIM
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 15	Maio/ Junho de 1996	Rio de Janeiro	DAVIDA
II Encontro Estadual de Mulheres Prostitutas	Junho de 1996	Belém	GEMPAC
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 16	1997	Rio de Janeiro	DAVIDA
<i>Beijo da rua</i> : Edição número 17	1997	Rio de Janeiro	DAVIDA

Anexo 2

Quadro de matérias por Edição do Beijo da rua		
<i>Matéria</i>	<i>Assinante</i>	<i>Tema</i>
Edição Inaugural		
“Prostitutas não vão em massa à zona eleitoral”	Marília Andrade, Nivaldo Jesus Freitas, Flavio Lenz e Tania Guimarães	Política e prostituição
“Prostituição não é caso de polícia”	Flavio Lenz Cesar e Nilton Guedes	Casos Policiais
“Elas têm sexo e os meninos não”	Flavio lenz	Gênero
“Deus e o Diabo na zona do Mangue”	Tania Guimarães Ribeiro/ Nivaldo Jesus de Freitas	Política e prostituição
"Vida Nova no Recife: prostitutas participam da recuperação de centro histórico"	Mauricio Lissovsky	História da prostituição
Edição número 1		
"Correspondente faz viasacra profana pelos bordéis do Nordeste"	José Raimundo Gomes	Política e prostituição
"Fala Mulher da Vida – Prostitutas se encontram no Recife, festejam e debatem profissão"	Flavio Lenz Cesar e Jesus Lemos	Política e prostituição
“A língua é o chicote do rabo”	Flavio Lenz	Cotidiano na prostituição
"Pesquisa no Mangue mostra que prostituta pode ajudar na prevenção da AIDS"	Marília Andrade da Rocha	Prevenção a DST e AIDS
Edição número 2		
"Vivendo e aprendendo a viver: escolinha no Estácio vai além do bê á bá"	Tania Guimarães Ribeiro	Problemas socioeconômicos
"As meninas do Mossoró"	José Raimundo Gomes	Cotidiano na prostituição
“michê”	Flavio Lenz, Henry Decoster, Micenio Santos, Geisa Aparecida	Cotidiano na prostituição
“Aquenda o edi bem da racha”	Flavio Lenz	Cotidiano na prostituição
“A prostituição no século XIX ou com quantos paus se faz uma moral”	Nivaldo Jesus Lemos	História da prostituição
“A identidade na compaixão”	Palestra de encerramento do I Encontro Norte Nordeste de prostitutas/ Edição de texto: Jesus Lemos	Política e prostituição
Edição número 3		
“Colônia Bom Pastor, Recife... Ali o sexo também é castigado”	Artigo publicado no jornal do Comercio, Recife, 14/08/1989	Gênero e sexualidade
Bordéis, gabinetes e serviços de saúde ganham manuais sobre AIDS	Christopher Peterson	Prevenção a DST e AIDS
Travesti: a insustentável leveza de ser	Jared Jorge Braiterman	Gênero e sexualidade
Nem morta!	Flavio Lenz / participou: Marcio Alexandre Martins Gualberto	Cotidiano na prostituição
A prostituição no Rio de Janeiro da Belle Époque	Nivaldo Jesus Lemos	Cotidiano na prostituição
Cristo e a prostituta: Só Deus sabe...	José Raimundo Gomes	Religiosidade e prostituição

Edição número 4		
Brigada pega, mata e come... sobre encontro em Porto Alegre	Oscar Guilherme	Casos policiais
As rosas já falam...	Flavio Lenz e Marcio Cavalcanti Gomes	Prevenção a DST e AIDS
Sexo com objetos	José Raimundo Gomes	Gênero e sexualidade
A sexualidade não dói	José Raimundo Gomes	Cotidiano na prostituição
Dos velhos carnavais à República do Manguê 1930 -1960	Nivaldo Jesus Lemos	História da prostituição
Um ano de beijos	Flavio Lenz	Política e prostituição
Edição número 5		
A prostituição sagrada em Corinto	José Raimundo Gomes	História da prostituição
Família e companheira aliviam barra de preso...	Marília Rocha/ fotos de André Pappi	Problemas socioeconômicos
Em Liberdade integral...	Flavio Lenz e Marília Rocha	Cotidiano na prostituição
Anos 60: o sonho da revolução sexual	Jesus Lemos	História da prostituição
Edição número 6		
Churrasco itinerante	Antonina Lemos, Inês Amorim e Marcio Alexandre Gualberto	Prevenção a DST e AIDS
Anúncio	Gelson Dorneles	Prevenção a DST e AIDS
Coração Marginal		Política e prostituição
Uma verdadeira família	Flavio Lenz	Cotidiano na prostituição
Matéria: Reação em cadeia	Marília Andrade da Rocha	Problemas socioeconômicos
De Lagarta a Borboleta	Flavio Lenz, Julia Gasparelli, Marcio Alexandre Gualberto, José Raimundo Gomes, Tânia Guimarães Ribeiro e Christopher Peterson	Gênero e sexualidade
Tansexualismo: a visão do médico	Flavio Lenz, José Raimundo Gomes, Luciana Garbayo, Marília Andrade da Rocha, Tânia Guimarães Ribeiro, Christopher Peterson, Marcio Alexandre Gualberto	Gênero e sexualidade
Adeus, Manguê: nasce a Vila Mimosas – 1970/ 1980	Jesus Lemos e Tânia Guimarães Ribeiro	História da prostituição
Uma sentença contra o preconceito	Jesus Lemos	História da prostituição
Isto é o meu corpo	José Raimundo Gomes	Gênero e sexualidade
Edição número 7		
Aqui está o corpo!	Deborah Sztanjberg	Casos policiais
Destaque... Prostituta não é doméstica	Luciene Andrade	Cotidiano na prostituição
“ONGS e AIDS: Muita política e pouca solidariedade”	Jane Galvão	Prevenção a DST e AIDS
“Manuais chegam ao interior”		Prevenção a DST e AIDS
“A paixão pelo real ou o sacrifício exultante”	Cristina Rollo de Abreu	Gênero e sexualidade
“As sacerdotisas de Pombagira”	José Raimundo Gomes	Religiosidade e prostituição
“A rua não é mais aquela”	Flavio Lenz	Problemas socioeconômicos
“Tipógrafo My friend aprende nas palavras da Bíblia a sobreviver na rua”	Flavio Lenz	Problemas socioeconômicos
“Estado e município procuram emprego para população de rua”	Marcio Alexandre Gualberto	Problemas socioeconômicos
“Amaleme quer apartheid para	Antonina Lemos	Problemas socioeconômicos

mendigos”		
“Marginalidade é desafio para as ONGs”	###	Problemas socioeconômicos
“Espíritas e católicos dão pão, sopa, e ajuda espiritual”	Inês Amorim	Problemas socioeconômicos
“Protestantes não tem trabalho e judeus apoiam judeus”	Márcio Alexandre	Problemas socioeconômicos
“Cadê o capital? Cadê o social? Nulo.”	Marcio Cavalcanti e Oscar Guilherme	Problemas socioeconômicos
“Anos 80: sexo vira moda mas não resolve sexualidade”	Jesus Lemos	História da prostituição
A comandante do exército de Brancaleone	Jesus Lemos	História da prostituição
“Diário de viagem”	Doroth de Castro	Política e prostituição
Edição número 8		
“A eterna Praça Mauá”	Oscar Guilherme e Marcio Cavalcanti	História da prostituição
“Psiu... A arte de chamar o garçom”	###	Cultura
“Um escritor em busca de justiça”	###	Problemas socioeconômicos
“A liberdade das palavras”	Flavio Lenz	Problemas socioeconômicos
“Fazendo a vida na Europa”	Jayme Brener	Cotidiano na prostituição
Edição número 9		
“Viagem interior ao Bangu 1”	Simone Barros Corrêa de Menezes	Problemas socioeconômicos
“O filho da PUTA”	José Carlos Leal, mitólogo	Gênero e sexualidade
“A erótica de Maria”	Josemir Teixeira	Religiosidade e prostituição
“O rosto conservador da Igreja Progressista”	José Raimundo Gomes	Religiosidade e prostituição
“O espinho, a carne e o cristão”	José Raimundo Gomes	Religiosidade e prostituição
“Malandro escorrega, mas não cai...”	Reportagem: Flavio Lenz/ texto: Oscar Guilherme e Marcio Cavalcanti	Cultura
“A canhota de Satã”	Marcio Cavalcanti	Cultura
“O sucessor do rei do gatilho”	Jacinto Fabio Corrêa	Cultura
“Cafetão lembra de bons tempos do Mangue e pede bis”	###	História da prostituição
“Morrer de amor...”	José Raimundo Gomes	História da prostituição
“Tristão e Isolda”	José Raimundo Gomes	História da prostituição
“Prostituição, amor e morte narcísica”	José Raimundo Gomes	História da prostituição
“O diálogo de amor entre Deus e Satã”	José Raimundo Gomes	História da prostituição
“Liz, a morena do Road Draad”	Jayme Brener	Cotidiano na prostituição
Edição número 10		
Especial I Encontro Estadual de Mulheres Prostitutas	###	Política e prostituição
Edição número 11		
“Parlamento debate polícia”	Flavio Lenz	Casos policiais
“Uma guerra pública e de bastidores”	Flavio Lenz	Casos policiais
“Agentes de saúde distribuem 12 mil camisinhas por mês”	Marcio Cavalcanti e Oscar Guilherme	Prevenção a DST e AIDS
“Homenagem à trois”	Oscar Guilherme e Marcio Cavalcanti	Política e prostituição

“prostitutas recebem marinheiros no cais”	N’Diaye Christian Escot Morais	Prevenção a DST e AIDS
“Um palco para os michês”	Oscar Guilherme	Cultura
“A Prostituta no cinema”	Tânia Guimarães Ribeiro e José Raimundo Gomes	Cultura
“O fodido”	José Carlos Leal	Gênero e sexualidade
“Meninos de rua e meninos sem rua”	Emílio Eigenheer	Problemas socioeconômicos
Edição número 12		
“Polícia ataca travestis da Augusta”	Flavio Lenz	Casos policiais
“Sexo do primeiro ao último andar”	Jayme Brener	História da prostituição
“Uma tigresa taurina”	Jayme Brener	Cotidiano na prostituição
“Uma viagem literária por tribos e guetos”	Flavio Lenz	Política e prostituição
“Sexo 92”	Gabriela Silva Leite	Política e prostituição
“Amsterdã, a capital europeia do sexo”	Jayme Brenner	Gênero e sexualidade
Edição número 13		
Abolir, regulamentar, descriminalizar: um debate sobre a prostituição	###	Política e prostituição
Proposta decente	Doroth de Castro	Cultura
Um milhão de perdas e danos?	Waldo Cesar	Cultura
É hora DAVIDA	###	História da prostituição
Educação com arte e liberdade na Escolinha Nilton Guedes	Gustavo Barbosa	Problemas socioeconômicos
Escola nasce da revolta	Gustavo Barbosa	Problemas socioeconômicos
A polícia de cabeça pra baixo	###	Casos policiais
Os novos machos do Exército holandês	Jayme Brener	Gênero e sexualidade
Roberto: um brasileiro em Amsterdã	Jayme Brener	Gênero e Sexualidade
Edição número 14		
Fazendo história	Gabriela Leite	Política e prostituição
Quem é quem	###	Política e prostituição
Trem das onze	###	Política e prostituição
AIDS	###	Prevenção a DST e AIDS
Encontro total	Doroth de Castro	Gênero e Sexualidade
Repasse de recursos opõe ONGs e Ministério da Saúde	###	Prevenção a DST e AIDS
Comissão é definida [sobre comissão nacional de AIDS]	###	Prevenção a DST e AIDS
Do preconceito à realidade... mulher liberada conta como aprendeu a respeitar mulher prostituta	Maria Barreto Leite	Preconceito e estigma
Os cafetões sumiram	G. H. Race (publicado no Street News, novembro de 1993, número 1)	Problemas socioeconômicos
Edição 15		
Profissão legalizada	###	Política e prostituição

Políticos e simpatizantes elogiam trabalho do GEMPAC na abertura do encontro	###	Política e prostituição
[Na zona]	###	Política e prostituição
[Violência, saúde e legalização]	###	Política e prostituição
[Prostitutas chegam à terceira fase de sua luta]	###	Política e prostituição
[Debate legal]	###	Política e prostituição
[Avaliação do encontro]	###	Política e prostituição
[Um direito]	###	Política e prostituição
[Histórico]	###	Política e prostituição
[Denúncia]	###	Política e prostituição
[Fala mulher]	###	Política e prostituição
[Decisões]	###	Política e prostituição
Edição 16		
Profissionais do sexo rejeitam a Kombi branca	###	Prevenção a DST e AIDS
Pesquisa com seres humanos tem normas	###	Prevenção a DST e AIDS
Edição 17		
O vai-e-vem da zona	Flavio Lenz	História da prostituição
A nova Vila Mimosa	Carlos Nobre	Vila Mimosa
A reconstrução da Vila	Carlos Nobre	Vila Mimosa
69 mil por mês	Carlos Nobre	Vila Mimosa
Prostitutas viram empresárias		Vila Mimosa
Entrevista: Dona Edith.	Carlos Nobre	Cotidiano na prostituição
A experiência louvada	Carlos Nobre	Vila Mimosa

Anexo 3

Quadro de participantes		
<i>Participante</i>	<i>Profissão ou Ocupação</i>	<i>Edições do jornal</i>
Aliedo	Cartunista e caricaturista	13 e 18
Alba Regina D'Almeida Medeiros	###	1, 2, 3, 7 e 8
André Pappi	Fotógrafo	5
Anna Agonigi	###	11
Antonina Lemos	###	6 e 7
Armando Freitas Filho	Escritor e poeta	0
Bruno Liberati	###	11
Caio Fábio Ferreira	###	1 a 11
Carlos Nobre	###	18
Cecília Leal de Oliveira	###	0 a 12
Célia Sterenfeld	Psicoterapeuta	8
Celson Calheiros	###	3
Cesar Barreto	###	1 e 4
Christopher Peterson	Médico (sanitarista)	3 a 10
Claudia Espíndola	Designer e socióloga	4 a 11
Claudia Veloso	###	0
Claudio Prudente	Designer	12
Cristina Rollo de Abreu	Psicanalista	7
Cristóvão Araújo Villela	Designer e caricaturista	0 a 2
Daniel Evangelista de Souza	###	2 e 11
Daniela O. Knorr	###	11
Deborah Sztanjberg	###	7
Doroth de Castro	Prostituta e bailarina	7, 13 e 14
Edson Silva	###	3
Eduardo Viana Vargas	Sociólogo	2
Emílio Eigenheer	Filósofo e professor	11
Ernesto Barros Cardoso	Teólogo	0
Eva Lie	###	11
Fábio Costa	###	2
Flávio Braga	###	13
Flavio Lenz Cesar	Jornalista e secretário de redação do ISER	0 a 18
Fran	###	12
Francisco da Costa	###	6
Gabriela Silva Leite	Coordenadora do Programa Prostituição e direitos civis	0 a 18
Geisa Aparecida dos Santos	###	2

Gelson Dorneles	Músico, sapateiro e instrutor no Projeto Escolinha	2 a 10
Gerson Winkler	###	4
Gustavo Barbosa	###	13
Heliana Pacheco	###	0, 1, 2, 4, 5, 6
Henry Decoster	Escritor e tradutor	1 e 2
Inês Amorim	###	6 e 7
Jacinto Fábio Corrêa	###	9 e 11
Jane Galvão	Antropóloga	7
Jared Jorge Braiterman	Antropólogo	3
Jayme Brener	Jornalista e sociólogo	8, 9, 12, 13 e 14
José Carlos Leal	Mitólogo	9 e 11
José Mario Tamas	###	2
José Raimundo Gomes	Psicólogo	1 a 11
Josemir Teixeira	###	8 e 9
Julia Gasparelli	###	6
Katherine McGlynn	###	3
Leandro Feitosa Andrade	###	14
Luciana Sarmento Garbayo	Médica e filósofa	3 a 6
Luciano Pereira	###	2
Lula	###	14
Marcelo Costa	Estudante e aluno do Projeto Escolinha	8 e 9
Marcio Alexandre Martins Gualberto	###	3 a 7
Marcio Cavalcanti	###	4 a 12
Marcondes Bello Barbosa	###	2
Maria Barreto Leite	Atriz	14
Marília Andrade da Rocha	Conselheira Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente pelo ISER	0 a 10
Maurício Lissovsky	Historiador e professor	0 e 2
Micenio Santos	###	2
N'Diaye Christian Escot Moraes	###	11
Néstor Perlongher	Antropólogo	2
Nicole Algranti	###	11 e 12
Nilton Guedes	Professor	0 a 5
Nivaldo Jesus Freitas de Lemos	Jornalista	0 a 12
Oscar Guilherme	###	4 a 12
Paulo Cezar Botas	Padre	2
Paulo Moreira	Agência O Globo	6
Rubem César Fernandes	Antropólogo, historiador e secretário executivo do ISER	0 a 8
Silvana Abreu de Toledo	Professora e instrutora do Projeto Escolinha	2 a 5

Silvana César Vargas	###	9 e 11
Simone Barros de Menezes	###	9
Talmo Veloso Simões	###	11
Tania Guimarães Ribeiro	Socióloga, professora e acessora de projetos do ISER	0 a 11
Waldo Cesar	Jornalista, teólogo, escritor e presidente fundador da ONG Davida	4 e 13
William da Silva Lima	Escritor (fundador da facção Comando Vermelho, escreveu <i>400 contra 1</i>)	9